

VICTOR HUGO SCANAVACHI DIAS

**VARIAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL DE
ATIVIDADES AGROPASTORIS EM ÁREA
FRONTEIRIÇA ENTRE SÃO PAULO E MINAS
GERAIS**



ARARAQUARA – S.P.

2021

VICTOR HUGO SCANAVACHI DIAS

**VARIAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL DE ATIVIDADES AGROPASTORIS EM ÁREA
FRONTEIRIÇA ENTRE SÃO PAULO E MINAS GERAIS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise fonológica, morfossintática, semântica e pragmática

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosane de Andrade Berlinck

Agência de fomento: CAPES/Proex

Araraquara
2021

D541v

Dias, Victor Hugo Scanavachi

Variação semântico-lexical de atividades agropastoris em área fronteiriça entre São Paulo e Minas Gerais / Victor Hugo Scanavachi Dias. -- Araraquara, 2021
118 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientadora: Rosane de Andrade Berlinck

1. Variação semântico-lexical. 2. Urbanização. 3. Sociolinguística. 4. Dialectologia. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

VICTOR HUGO SCANAVACHI DIAS

VARIAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL DE ATIVIDADES AGROPASTORIS EM ÁREA FRONTEIRIÇA ENTRE SÃO PAULO E MINAS GERAIS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise fonológica, morfossintática, semântica e pragmática.

Orientadora: Prof.^a Dra. Rosane de Andrade Berlinck.

Bolsa: CAPES/Proex

Data da defesa: 24 / 05 / 2021

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof.^a Dr.^a Rosane de Andrade Berlinck
UNESP - FCLAr.

Membro Titular: Prof.^a Dr.^a Aparecida Negri Isquierdo
UFMS - CCHS.

Membro Titular: Prof.^o Dr.^o Roberto Gomes Camacho
UNESP - IBILCE.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

*À memória de minha mãe e minha avó, as duas mulheres
responsáveis pelo homem que me tornei.*

Dedico também a todas as pessoas que perderam entes queridos
no enfrentamento da pandemia de covid-19.

AGRADECIMENTOS

À minha família, em especial à minha mãe, Valdecy Scanavachi † (conhecida como “Cici”), por ter batalhado para me dar tudo que ela não teve, por ter me ensinado que o amor e o carinho são as melhores ferramentas para construção do caráter. Agradeço também à minha avó, a “Vó Isaura” †, a maior guerreira que já conheci, por sua parcela em minha criação e pelas histórias que sempre contava dos tempos – não muito distantes, pois trabalhou na roça até os 72 anos de idade – quando *trabaiava nos cafezar, abanano, barreno e panhando* o dia todo.

Àquela que traz cor para o meu mundo, minha namorada Rebecca, a maior companheira que eu poderia ter, minha parceira para todos os momentos, que me ajudou em todas as dificuldades deste trabalho, que me acompanhou em todas as entrevistas, todas as viagens e eventos, que me acompanha diariamente no caminho da vida. “A felicidade só é real quando compartilhada”.

À Profa. Rosane, minha orientadora, por ter aceitado esse enorme desafio e tê-lo enfrentado com tanta sabedoria e determinação. Antes de entrar no mestrado, perguntei a uma professora da graduação “como era a Profa. Rosane da UNESP”, que me respondeu: “é uma pessoa muito doce, delicada, excelente professora e o mais importante, é humana”. Serei eternamente grato por ter tratado de tudo com muita humanidade, pela compreensão e sensibilidade, fatores que amenizaram as dificuldades de se desenvolver uma pesquisa em plena pandemia e tornaram o percurso muito mais sereno. Agradeço pela enorme atenção que teve em todos os momentos dessa orientação, pela confiança, por tanta dedicação e cuidado.

Às pessoas que formam meu porto seguro em Pinhal, sempre de braços abertos pra me receber, minhas tia Ana e Nini, meus primos Diego, Daiane e Rafael. Sem eles nada teria sido possível.

À minha segunda família, meus sogros Francisco e Rosana, minha cunhada Amanda e o pequeno Bernardo, por terem me acolhido com tanto amor e carinho.

A todos os meus amigos, que contribuíram, cada um à sua maneira, para a conclusão desta pesquisa, seja pelas valiosas discussões que despertaram meu interesse pela verdade e pela Ciência, ou simplesmente por oferecerem um ombro amigo.

Aos integrantes do Grupo SOLAr, pela valiosa companhia nestes dois anos de mestrado e por terem me mostrado que a vida de pós-graduação é muito mais que uma sala de aula. Levarei

comigo todas as valiosas conversas, sejam presenciais ou virtuais, sobre Linguística ou sobre a vida.

Aos professores da UFSCar, em especial às professoras Gladis Barcellos e Lígia Boin Menossi e aos professores Roberto Baronas, Lucas Maciel, Valdemir Miotelo e Luiz André Neves, por terem contribuído tanto para minha formação e terem despertado em mim a curiosidade necessária para se tornar um pesquisador.

A todos os funcionários da UNESP, em especial ao PPGLLP, pela eficiência e pela disposição de deixar a vida acadêmica mais proveitosa.

Ao Prof. Dr. Odair Luiz Nadin da Silva e à Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera, pelas valiosas contribuições a este trabalho e pela participação na banca do exame de qualificação deste estudo.

Ao Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho e à Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo, por terem debatido de maneira tão atenciosa e produtiva durante o SELIN 2019 e 2020. Agradeço também pela leitura do meu trabalho e pela participação na banca de defesa deste estudo.

Aos 32 informantes que participaram da pesquisa, por terem permitido que eu tomasse um pouco do tempo de cada um para realizar esta pesquisa.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

O presente trabalho visou registrar e descrever o falar fronteiriço entre São Paulo e Minas Gerais, no que tange às atividades agropastoris. Neste sentido, analisamos a variação semântico-lexical de quatro cidades localizadas nas fronteiras de ambos os estados – Espírito Santo do Pinhal (SP), Jacutinga (MG), Poços de Caldas (MG) e São João da Boa Vista (SP) – a fim de verificar as semelhanças ou diferenças no léxico dos falantes em cada comunidade de fala. Foram coletados dados de 32 informantes, estratificados por sexo (masculino e feminino), faixa etária (A – 18 a 30 anos e B – 50 a 65 anos) e escolaridade (1 – ensino fundamental e 2 – curso superior), sendo oito de cada cidade. O trabalho se fundamenta na Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972], 1994; CAMACHO, 2000) e na Dialetoлогия (FERREIRA; CARDOSO, 1994; THUN, 2000, 2005) e tem como metodologia o processo descrito no Atlas Linguístico do Brasil-ALiB (2014) e a elaboração e aplicação de um índice de urbanização, a fim de ordenar as cidades deste estudo com base nesse critério de urbanização. Primeiramente, aplicamos questionário semântico-lexical (QSL) que possui 25 perguntas da área semântica de atividades agropastoris, formulado pelo Comitê Nacional do Projeto ALiB. Como resultado, a aplicação das 25 perguntas registrou 17 casos de variação, cinco de uso categórico e três perguntas registraram abstenção total. Analisando as respostas, identificamos que o grau de urbanização da cidade foi a variável que mais influenciou no fenômeno de variação, seguido da variável social idade, registrando-se maior variedade lexical na fala de informantes mais velhos, e por último a variável escolaridade, demonstrando maior variação nas respostas de informantes que possuem apenas o ensino básico. Foi possível fazer direta relação entre o índice de abstenção e o grau de urbanização das cidades, já que a maior variedade lexical está ligada às cidades menores e menos urbanas, enquanto a abstenção aumenta conforme aumenta a urbanização da cidade. Com isto, por conta da quantidade de variantes presentes na fala dos informantes, concluímos que o léxico referente às atividades agropastoris das duas cidades com menor urbanização é diferente daquele utilizado nas duas cidades mais urbanizadas. Pudemos demonstrar que estas diferenças são ocasionadas por motivações sociais tal como idade, escolaridade e o meio ambiente em que vivem os informantes, fatores extralinguísticos que são constituídos pela influência do estilo de vida rural ou urbano dessas comunidades.

PALAVRAS-CHAVE: Variação semântico-lexical; Urbanização; Sociolinguística; Dialetoлогия.

ABSTRACT

This study aims to record and describe the speech regarding agricultural activities that occurs in the border of the states of São Paulo and Minas Gerais. We intend to analyze the semantic-lexical variation in four cities located on the borders of both states - Espírito Santo do Pinhal (SP), Jacutinga (MG), Poços de Caldas (MG) and São João da Boa Vista (SP) - in order to verify the similarities or differences in the lexicon of the speakers in each speech community. The data were collected from 32 informants, stratified by sex (male and female), age group (A - 18 to 30 years old and B - 50 to 65 years old) and education (1 – primary education and 2 – higher education), having eight informants from each city. The work is based on Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972], 1994; CAMACHO, 2000) and Dialectology (FERREIRA; CARDOSO, 1994; THUN, 2000, 2005) and uses the methodological process described in the Linguistic Atlas of Brazil-ALiB (2014) and the elaboration and application of an urbanization index, in order to rank the cities of this study based on this urbanization criteria. Firstly, we applied a semantic-lexical questionnaire (QSL) including 25 questions on the semantic field of agropastoral activities, formulated by the “Comitê Nacional do Projeto ALiB”. Through the application of the 25 questions, we registered 17 cases of variation and 5 cases of categorical use. Three questions registered total abstention. Analyzing the answers, we identified that the degree of urbanization in the city was the variable that influenced the most in the variation phenomenon; it was followed by the social variable age, registering a greater lexical variety in the speech of older informants, and lastly the variable education, showing greater productivity in the answers of informants who only have basic education. It was possible to make a direct relationship between the rate of abstention and the degree of urbanization of cities, since the largest lexical variety is linked to smaller and less urbanized cities, while abstention increases with the increase of the urbanization of the city. With this, due to the numbers of variants present in the informant’s speech, we conclude that the lexicon referring to the agricultural activities of the two cities with less urbanization is different from that used in the two most urbanized cities. We were able to demonstrate that these differences are caused by social motivations such as age, education and the environment in which the informants live, extralinguistic factors that are constituted by the influence of the rural or urban lifestyle of these communities.

Keywords: semantic-lexical variation; Urbanization; Sociolinguistics; Dialectology.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Informações sobre as cidades.....	36
Quadro 2. Informantes	46
Quadro 3. Índice de urbanização.....	49
Quadro 4. Agrupamentos lexicais - Pergunta 43.....	65
Quadro 5. Definições para o verbete <i>filipe</i>	66
Quadro 6. Definições das palavras <i>soca</i> e <i>touceira</i> no dicionário Aulete.....	73
Quadro 7. Definições das palavras <i>soca</i> e <i>touceira</i> no Dicionário Aurélio	73
Quadro 8. Agrupamentos lexicais – Pergunta 52	80
Quadro 9. Definições para <i>canga</i>	85
Quadro 10. Definições para <i>forquilha</i>	85
Quadro 11. Definições para <i>cangalha</i>	86
Quadro 12. Definições para <i>balaio</i>	90
Quadro 13. Definições para <i>meeiro</i>	98
Quadro 14. Agrupamentos lexicais – Pergunta 61	98
Quadro 15. Definições para <i>camarada</i>	99

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Frequência por cidades – Pergunta 39	58
Tabela 2. Respostas para a pergunta 40 - Amendoim.....	58
Tabela 3. Frequência por cidades e sexo – Pergunta 41	61
Tabela 4. Frequência por cidades e faixa etária – Pergunta 42.....	62
Tabela 5. Frequência por cidades e faixa etária – Pergunta 43.....	64
Tabela 6. Frequência por cidades e faixa etária – Pergunta 44.....	69
Tabela 7. Agrupamentos lexicais – Pergunta 44.....	70
Tabela 8. Respostas para a pergunta 45 - <i>Espiga</i>	70
Tabela 9. Frequência por cidades e faixa etária – Pergunta 46.....	71
Tabela 10. Respostas para a pergunta 47 – <i>Soca/Touceira</i>	73
Tabela 11. Respostas para a pergunta 48 - <i>Girassol</i>	75
Tabela 12. Frequência por cidades e faixa etária – Pergunta 49.....	76
Tabela 13. Respostas para a pergunta 50 – <i>Mandioca/Aipim</i>	77
Tabela 14. Frequência por cidades e faixa etária – Pergunta 51.....	79
Tabela 15. Frequência por cidades e escolaridade – Pergunta 52.....	80
Tabela 16. Frequência por cidades – Pergunta 53	82
Tabela 17. Frequência por cidades e faixa etária – Pergunta 54.....	84
Tabela 18. Frequência por cidades e escolaridade – Pergunta 54.....	84
Tabela 19. Frequência por cidades – Pergunta 55	88
Tabela 20. Respostas para a pergunta 56 - <i>Canga</i>	89
Tabela 21. Frequência por cidades – Pergunta 57	92
Tabela 22. Agrupamentos lexicais – Pergunta 57.....	93
Tabela 23. Respostas para a pergunta 58 – <i>Bolsa/Bruaca</i>	93
Tabela 24. Frequência por cidades – Pergunta 59	94
Tabela 25. Frequência por cidades – Pergunta 62	95
Tabela 26. Frequência por cidades e faixa etária – Pergunta 61.....	96
Tabela 27. Frequência por cidades – Pergunta 62	101
Tabela 28. Frequência por cidades e faixa etária – Pergunta 63.....	103

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Mapa da localização das quatro cidades.	18
Figura 2. Esquema de Harald Thun (2005) para representação da Dialectologia Pluridimensional.	30
Figura 3. Vista aérea da cidade de Jacutinga (MG).....	37
Figura 4. Cidade de Jacutinga em 1920	38
Figura 5. Palace Hotel em Poços de Caldas – MG.....	39
Figura 6. Vista do Palace Hotel e do Palace Casino em 1929, em Poços de Caldas – MG.	40
Figura 7. Vista aérea do centro da cidade de Espírito Santo do Pinhal – SP.....	41
Figura 8. Espírito Santo do Pinhal em 1930.....	42
Figura 9. Vista aérea do centro da cidade de São João da Boa Vista – SP.	43
Figura 10. Continuum de urbanização das cidades	52
Figura 11. Respostas para a pergunta 39 – Mexerica/Tangerina.....	57
Figura 12. Respostas para a pergunta 41 – <i>Camomila</i>	59
Figura 13. Lexias distribuídas por gênero e faixa etária – Pergunta 41	61
Figura 14. Respostas para a pergunta 42 – <i>Penca</i>	62
Figura 15. Lexias distribuídas por faixa etária – Pergunta 42.....	63
Figura 16. Respostas para a pergunta 43 – <i>Banana dupla/Felipe/Gêmeas</i>	64
Figura 17. Frequência por cidades em escala de urbanização – Pergunta 43	65
Figura 18. Lexias distribuídas por faixa etária – Pergunta 43.....	66
Figura 19. Respostas para a pergunta 44 – <i>Parte terminal da inflorescência da bananeira/Umbigo/Coração</i>	68
Figura 20. Lexias distribuídas por faixa etária – Pergunta 44.....	69
Figura 21. Respostas para a pergunta 46 - <i>Sabugo</i>	71
Figura 22. Lexias distribuídas por faixa etária – Pergunta 46.....	72
Figura 23. Respostas para a pergunta 49 – <i>Vagem do feijão/Bainha</i>	75
Figura 24. Lexias distribuídas por faixa etária – Pergunta 49.....	76
Figura 25. Respostas para a pergunta 51 – <i>Mandioca</i>	78
Figura 26. Lexias distribuídas por faixa etária – Pergunta 51	78
Figura 27. Respostas para a pergunta 52 – <i>Carrinho de mão/Carriola</i>	79
Figura 28. Lexias distribuídas por faixa etária e escolaridade – Pergunta 52	81
Figura 29. Respostas para a pergunta 53 – <i>Hastes do carrinho de mão</i>	82

Figura 30. Respostas para a pergunta 54 – <i>Cangalha/Forquilha</i>	83
Figura 31. Respostas para a pergunta 55 – <i>Cangalha/Forquilha</i>	88
Figura 32. Respostas para a pergunta 57 – <i>Jacá/Balaio</i>	89
Figura 33. Lexias distribuídas por faixa etária e escolaridade – Pergunta 57	92
Figura 34. Respostas para a pergunta 59 - <i>Borrego</i>	94
Figura 35. Respostas para a pergunta 60 – <i>Perda da cria</i>	95
Figura 36. Respostas para a pergunta 61 – <i>Trabalhador de enxada em roça alheia</i>	96
Figura 37. Lexias distribuídas por faixa etária e escolaridade – Pergunta 61	97
Figura 38. Respostas para a pergunta 62 – <i>Picada/Atalho estreito</i>	100
Figura 39. Lexias distribuídas por faixa etária e escolaridade – Pergunta 62	101
Figura 40. Lexias distribuídas por cidades	102
Figura 41. Respostas para a pergunta 63 – <i>Trilho/Caminho/Vereda/Trilha</i>	103
Figura 42. Resultados da aplicação do QSL	104
Figura 43. Disposição das variantes no continuum de urbanização	106
Figura 44. Frequência de abstenções nas cidades em relação às perguntas do QSL.	108

LISTA DE SIGLAS

ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
EUA	Unidos da América
GO	Goiás
MG	Minas Gerais
MS	Mato Grosso do Sul
MT	Mato Grosso
QSL	Questionário semântico-lexical
QFF	Questionário fonético-fonológico
SP	São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	21
2.2	Sociolinguística	22
2.3	Dialetologia	25
2.4	Dialetologia Pluridimensional	27
2.5	Estudos do Léxico	31
3	METODOLOGIA	35
3.1	Sobre as cidades	35
3.1.1	Jacutinga - MG	37
3.1.2	Poços de Caldas - MG	39
3.1.3	Espírito Santo Do Pinhal – SP	41
3.1.4	São João Da Boa Vista – SP	43
3.2	Sobre os informantes	44
3.3	Índice de urbanização	47
3.4	Etapas de coleta e análise	53
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	56
4.1	Análise das respostas do QSL de atividades agropastoris.....	57
4.1.1	Pergunta 39. Mexerica / Tangerina.....	57
4.1.2	Pergunta 40. Amendoim	58
4.1.3	Pergunta 41. Camomila	59
4.1.4	Pergunta 42. Penca.....	61
4.1.5	Pergunta 43. Banana dupla / Felipe / Gêmeas	63
4.1.6	Pergunta 44. Parte terminal da inflorescência da bananeira / Umbigo / Coração	67
4.1.7	Pergunta 45. Espiga	70
4.1.8	Pergunta 46. Sabugo	70
4.1.9	Pergunta 47. Soca / Touceira	72
4.1.10	Pergunta 48. Girassol.....	74
4.1.11	Pergunta 49. Vagem do feijão / Bainha	75
4.1.12	Pergunta 50. Mandioca / Aipim.....	77
4.1.13	Pergunta 51. Mandioca	77
4.1.14	Pergunta 52. Carrinho de mão / Carriola	79

4.1.15	Pergunta 53. Hastes do carrinho de mão	81
4.1.16	Pergunta 54. Cangalha / Forquilha	83
4.1.17	Pergunta 55. Cangalha	87
4.1.18	Pergunta 56. Canga.....	89
4.1.19	Pergunta 57. Jacá / Balaio.....	89
4.1.20	Pergunta 58. Bolsa / Bruaca.....	93
4.1.21	Pergunta 59. Borrego (do nascer até...)	93
4.1.22	Pergunta 60. Perda da cria	94
4.1.23	Pergunta 61. Trabalhador de enxada em roça alheia	96
4.1.24	Pergunta 62. Picada / Atalho estreito.....	100
4.1.25	Pergunta 63. Trilho / Caminho / Vereda / Trilha.....	102
4.2	Análise Geral Dos Resultados	104
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
6	REFERÊNCIAS.....	112

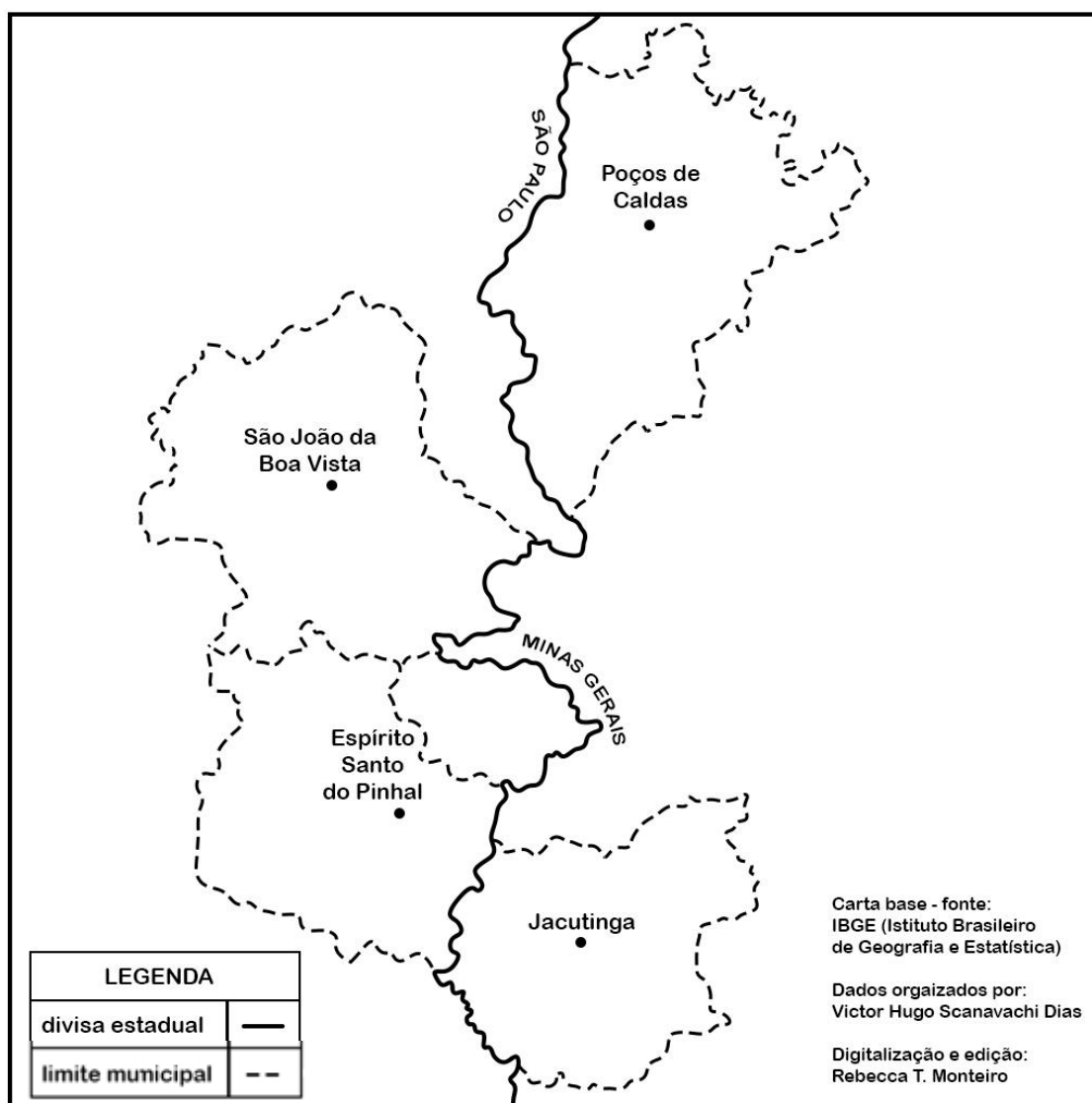
1 INTRODUÇÃO

A formação do território brasileiro foi marcada por diferentes ciclos que mudaram a economia do país e foram responsáveis por um movimento migratório intenso; são eles: Ciclo do Pau-Brasil (século XVI), Ciclo da Cana-de-Açúcar (séculos XVI e XVII), Ciclo do Ouro/da Mineração (séculos XVII e XVIII), Ciclo das Drogas do Sertão (século XVII), Ciclo do Algodão (século XVIII), Ciclo do Tabaco/Fumo (séculos XVI e XVII), Ciclo da Pecuária/Gado (séculos XVII e XVIII), Ciclo do Cacau (século XIX), Ciclo da Erva-Mate (século XIX), Ciclo da Borracha (séculos XIX e XX), Ciclo do Café (séculos XIX e XX), Ciclo da Soja (a partir do século XX) (cf. ISQUERDO; TELES, 2014). Estes ciclos fizeram com que algumas regiões recebessem maior fluxo migratório que outras a depender das áreas de cultivo de determinado produto agrícola, sendo o Ciclo do Café o mais importante no que diz respeito às cidades em que coletamos dados neste trabalho, pois contribuiu para o crescimento econômico e populacional da região.

O café passou a ser o principal produto de exportação do Brasil na segunda metade do século XIX, tornando a economia brasileira dependente de sua exportação, concentrando um alto poder político e econômico na região Sudeste e incentivando ainda mais o fluxo migratório para as grandes fazendas e regiões de cultivo.

Espírito Santo do Pinhal (SP), Jacutinga (MG), Poços de Caldas (MG) e São João da Boa Vista (SP) foram algumas dentre as cidades que estavam na área desse fluxo migratório, recebendo grande parte dos imigrantes italianos que vieram na segunda metade do século XIX. As cidades também receberam incentivo do governo para a construção da ferrovia Sorocabana, que tinha como fim o escoamento da produção de café do interior de São Paulo para o Porto de Santos. A Figura 1 apresenta a localização das cidades, seus limites municipais e a divisa estadual:

Figura 1. Mapa da localização das quatro cidades.



Fonte: elaboração própria

A influência do Ciclo do Café nesta região, bem como o contexto histórico da fundação das cidades e, acima de tudo, a forte migração que ocorreu, serviram de motivação para a seleção dessa região para ser analisada. Além de ser uma região localizada na divisa estadual e possuir grande influência da descendência europeia, especialmente italiana, o estilo de vida da população dos municípios sofreu uma transição relativamente lenta de um padrão de vida rural para um padrão de vida urbano. Deste modo, podemos, em princípio, compreender essas comunidades como *rurbanas*. De acordo com Bortoni-Ricardo:

Os grupos rurbanos são formados pelos migrantes de origem rural que preservam muito de seus antecedentes culturais, principalmente no seu repertório linguístico, e as comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleos semi-rurais, que estão submetidas à influência urbana, seja pela mídia seja pela absorção da tecnologia agropecuária (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 52).

Espírito Santo do Pinhal, por exemplo, localizada na Alta Mogiana, região reconhecida na época das estradas de ferro pelo padrão de qualidade na produção cafeeira, ainda tem como principal fonte econômica a produção e exportação de café. Esta especificidade da comunidade, com informantes que possivelmente possuíram antepassados – ou até eles mesmos – que trabalharam na lavoura e que foram ou são proprietários de sítios, trouxe à tona dados que não poderíamos registrar se analisássemos uma região com pouca relação com atividades rurais.

Os trabalhos de descrição lexical vêm avançando nos últimos anos, especialmente com a publicação do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB e outros trabalhos em curso, mas entende-se que nunca teremos estudos suficientes, já que a língua está em constante mudança, dentre outros motivos, por conta de sua heterogeneidade e da influência social neste conjunto lexical captado sincronicamente.

No momento da publicação do ALiB, parte dos trabalhos em desenvolvimento são elencados por Aragão:

[...] o Brasil conta, no momento em que se publicam os primeiros volumes do seu atlas linguístico nacional, com dez atlas regionais, cuja trajetória começou nos inícios da década de 60 do século XX: o *Atlas prévio dos falares baianos (1963)*, o *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais (1977)*, o *Atlas linguístico da Paraíba (1984)*, o *Atlas linguístico de Sergipe (1987)*, o *Atlas linguístico do Paraná (1994)*, o *Atlas linguístico sonoro do Pará (2004)*, o *Atlas linguístico de Sergipe II (2005)*, o *Atlas linguístico-etnográfico da Região Sul (v.1 e 2, 2002; 2. ed v.1 e 2, 2013)*, o *Atlas linguístico de Mato Grosso do Sul (2007)*, o *Atlas linguístico do Estado do Ceará (2010)*. Outros tantos atlas estaduais encontram-se em diferentes fases de elaboração, como o *Atlas linguístico sonoro do Estado do Rio de Janeiro*, o *Atlas linguístico do Acre*, o *Atlas linguístico do Mato Grosso*, o *Atlas linguístico do Espírito Santo*, o *Atlas geo-sociolinguístico do Pará*, o *Atlas linguístico do Maranhão*, o *Atlas linguístico do Rio Grande do Norte*, o *Atlas linguístico do Piauí*. (ARAGÃO, 2014, o. 32)

Podemos conceber o português brasileiro como a somatória de uma grande variedade de falares, que são fruto de fatores regionais e socioculturais, do passar do tempo e das diversas mudanças que moldam o repertório lexical, fazendo emergir características próprias, criando uma identidade e contando uma história no dizer de cada indivíduo de uma comunidade. Como expõe Preti:

A fala de uma pessoa pode indicar sentimentos, o tipo de personalidade que tem, quem é. Alguns modos de falar são indicadores de características demográficas, tais como idade, sexo, ocupação, grau e tipo de instrução, nação ou região de origem. Nessa perspectiva, é no léxico, geralmente, que se encontra uma grande variedade regional e sociocultural do português do Brasil, pois o repertório lexical vai se moldando com o tempo, com as características socio-históricas e político-culturais de uma comunidade (PRETI,1991, p. 12).

Avaliaremos duas hipóteses. A primeira é a de que a regionalidade seria o fator de maior influência no conjunto lexical de uma comunidade; sendo assim, as cidades localizadas em estados diferentes não possuiriam grande semelhança linguística, contrapondo o falar paulista e o falar mineiro. A segunda hipótese é de que os diferentes graus de urbanização das comunidades seriam refletidos no repertório lexical de atividades agro-pastoris de cada comunidade. Portanto, poderíamos distinguir o grau de urbanização entre as cidades, utilizando como critério dados demográficos e socioeconômicos e relacionar esse grau ao repertório lexical.

De acordo com Manoel Alvar (apud BRANDÃO, 1991), existem dois tipos de falares: os locais e os regionais. Os falares locais possuem marcas linguísticas específicas de uma localidade inserida em uma região, como o falar pernambucano no Nordeste. Já os regionais são aqueles que reúnem traços linguísticos de regiões específicas do país, como o falar nortista, nordestino, sulista e mineiro.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Aqui tomaremos a língua como resultado de interação social; é por assumir essa concepção de língua que Labov (2008, p.13) afirma ter evitado durante algum tempo a utilização do termo Sociolinguística, além de o considerar redundante, por seu uso supor a possibilidade da existência "de uma teoria ou uma prática linguística que não é social". É olhando para o aspecto social de uma língua que se compreende seu mecanismo de variação e mudança, porém, este aspecto social só foi aprofundado a partir dos estudos sociolinguísticos. Deste modo, tomamos como objeto de análise a língua como fato social, direcionando a atenção para a variação linguística.

Para Ferreira e Cardoso (1994, p. 11) a língua é:

Um sistema de sinais acústicos orais, que funciona na intercomunicação de uma coletividade. É resultado de um processo histórico, evolutivo. Fala-se, portanto, de uma língua histórica portuguesa, espanhola, francesa, etc., ou seja, existe em cada uma delas uma estrutura fônica, gramatical e lexical definida e distinta das demais. Cada uma dessas estruturas, a do português, a do espanhol, a do francês, etc., é resultado de uma língua anterior, o latim, que teve sua própria organização estrutural modificada no tempo e no espaço.

Neste trabalho, abordamos a língua como um fenômeno de grande complexidade, que é necessariamente fruto de práticas sociais, servindo principalmente como meio de comunicação; deste modo, a língua é heterogênea, já que os indivíduos são constituídos diferentemente e sua diversidade se reflete nos usos linguísticos. Da heterogeneidade linguística decorre que a língua é instável, está em constante mudança.

Pela prática fundamental da fala, entendemos que “ao falar uma língua, o indivíduo mobiliza, intuitivamente, uma série de regras e estruturas que possibilitam a organização do pensamento e expressão de suas ideias” (COSERIU, 1979, p. 13-85).

De acordo com Coseriu (1979), apesar de a língua ser múltipla e instável, sua característica fundamental é a imposição de limites nela mesma que são necessários para que a língua cumpra suas funções comunicativas, se tornando um sistema como um código para os falantes. O autor reconhece que a língua quando em uso, sendo utilizada em uma região geográfica específica, tende a ser utilizada de maneira homogênea naquele contexto se comparada com falantes de outra região; neste caso, notamos diferenças do uso sem que haja diferenças fundamentais em sua estrutura ou seu sistema. Isso corresponde à noção de *norma*, proposta por Coseriu como uma terceira instância em uma reformulação da dicotomia *língua/fala* saussuriana.

Assim por *sistema* entende-se um conjunto de regras internalizadas nos falantes de uma mesma língua. Estas regras são formuladas naturalmente pelos próprios falantes, no processo de aquisição da linguagem. Não se referem às regras da gramática normativa.

Por *norma* entende-se a maneira pela qual os falantes utilizam a língua; de certa forma, o modo como se faz uso do *sistema*. A norma é o conjunto de regras do sistema que os falantes decidem, de certa forma inconscientemente, utilizar. É por meio dela que existem diferentes falares nas línguas, ao optarem pela utilização ou descarte de diferentes formas linguísticas.

Por *fala* entende-se a concretização dessas escolhas de maneira individual; é a junção do *sistema* e da *norma* posto em prática por cada usuário da língua.

Retomamos o conceito de *norma linguística*, que é o âmbito que buscamos descrever, a partir de Lucchesi (2006):

[...] remete a um determinado padrão coletivo de comportamento linguístico dentro de uma mesma comunidade de fala. Tomando-se como base o sistema de avaliação subjetiva das variantes linguísticas e as tendências de mudança, a proposição de normas linguísticas distintas dentro de uma mesma comunidade de fala decorreria da possibilidade de se identificar, no seio dessa comunidade, sistemas de avaliação social da variação linguística diferenciados, associados a processos independentes de mudança linguística. (LUCCHESI, 2006, p. 89)

Um conceito importante, que nos auxilia a compreender o conceito de norma linguística, como destacado por Lucchesi (2006), é o de *comunidade de fala*, que é formada por falantes que (i) compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros; (ii) comunicam-se relativamente mais entre si do que com outros; e (iii) compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem (MENDES, 2002). O primeiro quesito evidencia a existência de fronteiras externas para as comunidades, as variantes linguísticas que aparecem em uma comunidade são distintas, seja na qualidade ou quantidade, das que aparecem em outra comunidade (BELINE, 2003). O autor evidencia esta fronteira tomando a fala carioca como exemplo, destacando que a pronúncia chiente do -s e a aspiração do -r em final de sílaba definem o limite da fala carioca.

2.2 Sociolinguística

A Sociolinguística rompe com a tendência de considerar as línguas como sendo completamente estáveis e homogêneas, uma estrutura estática, o que fazia com que as diferenças descobertas fossem consideradas mera casualidade, ou ainda, “variação livre”. Essa vertente teórica

ainda considera a sociedade como uma estrutura, portanto sua tarefa é demonstrar a covariação sistemática entre as variações linguística e social, podendo até mesmo demonstrar uma relação causal em uma ou outra direção (BRIGHT, 1974).

É na década de 1960 que a Sociolinguística se firma, após o estudo de William Labov em 1963 sobre a fala da comunidade de Martha's Vineyard, uma ilha localizada em Massachusetts, nos EUA, onde Labov observou a concorrência entre duas variantes: a realização fonética dos ditongos /ay/ e /aw/. Analisando a ocorrência de tais fonemas, o autor conclui que a alta centralização de /ay/ e /aw/ está intimamente ligada à resistência dos falantes quanto às incursões dos turistas na ilha (LABOV, 2008 [1972], p. 48). Consolida-se, então, o modelo de análise denominado *Teoria da Variação e Mudança Linguística* ou *Sociolinguística Variacionista*, que busca sistematizar a variação com base em análises estatística dos dados, verificando a regularidade das variações e a heterogeneidade do sistema linguístico. Labov, Weinreich e Herzog (2006 [1968], p. 108) discorrem sobre essa heterogeneidade:

O sistema heterogêneo é então visto como um conjunto de subsistemas que se alternam de acordo com um conjunto de regras co-ocorrentes, enquanto dentro de cada um desses subsistemas podemos encontrar variáveis individuais que covariam mas não co-ocorrem estritamente. Cada uma dessas variáveis acabará sendo definida por funções de variáveis independentes extralinguísticas ou linguísticas, mas essas funções não precisam ser independentes umas das outras. Pelo contrário, normalmente se esperaria encontrar íntima covariação entre as variáveis linguísticas. (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968], p. 108).

Esse novo método de pesquisa tem como objeto de análise a língua em realizações concretas, em um contexto real de fala onde haja o menor monitoramento e maior espontaneidade possível por parte do informante. Para Labov, o termo “sociolinguística” é redundante, por considerar que a língua é sempre resultado social. O autor ainda questiona se frases que nada dizem a ninguém ainda fariam parte da língua (LABOV, 2008 --[1972], p. 215).

Nas palavras de Camacho (2000, p. 50):

o exame da linguagem no contexto social é tão importante para a solução de problemas próprios da teoria da linguagem, que a relação entre língua e sociedade é encarada como indispensável, não mero recurso interdisciplinar. Como a linguagem é, em última análise, um fenômeno social, fica claro para um sociolinguísta, que é necessário recorrer às variações derivadas do contexto social para encontrar repostas para os problemas que emergem da variação inerente ao sistema linguístico. (CAMACHO, 2000, p.50)

A variação linguística pode ser descrita ou compreendida com base em fatores históricos, aspectos sociais e regionais de determinado informante. Trazemos o aporte de Mendes (2003) para a noção de variação:

[...] é um exemplo de variação no léxico do português: "jerimum" e "abóbora" são palavras do português falado no Brasil. Não importa se uma é mais comum num lugar e menos comum no outro. E também não importa se em algum lugar apenas um dos termos seja usado invariavelmente - fato que denominamos uso categórico. O que importa inicialmente, no estudo da variação linguística, é que ambos os vocábulos podem ser usados para fazer referência a um determinado fruto, de uma determinada planta, que tem um determinado tamanho, uma determinada cor, enfim, um conjunto de características que não permite que ele seja chamado "tomate", por exemplo (MENDES, 2002, p. 122).

Fica evidente, portanto, o fenômeno de variação. Resta ao pesquisador identificar quais as forças que estão agindo no acontecimento deste fenômeno, sejam essas forças internas ou externas à língua.

Por fatores internos, compreendemos os fatores linguísticos e estruturais, que podem ser de natureza fonológica, morfológica, sintática, entre outras. Já os fatores externos são compostos por fatores sociais extralinguísticos e para cada tipo de variação dá-se um nome específico.

A *variação diatópica* (do grego *dia* = através de; *topos* = lugar) é caracterizada pelas diferenças que uma mesma língua apresenta quando falada em diferentes regiões ou até mesmo em outros países (ILARI; BASSO, 2006). Um caso muito conhecido é a palatalização da sibilante /s/ em coda silábica, que apesar de ser encontrada em outras regiões, é atribuída ao falar carioca, em que a pronúncia <mais> se realiza como [maiʃ].

De acordo com Ilari e Basso (2006), encontramos diversas diferenças quando observamos o português falado pela parte mais escolarizada da população e pela menos escolarizada, fenômeno categorizado como *variação diastrática*. Essa variedade é comumente denominada como “português subpadrão” ou “português sub-standard”. Algumas das características dessa variedade são a queda de fonema posterior à vogal tônica, como *figo* por *figado* e perda do morfema -s nos verbos em primeira pessoa do plural, como *nóis cantamo* por *nós cantamos*.

A *variação diageracional* corresponde aos casos em que o fator social determinante extralinguístico seja a idade. Sabendo que os fenômenos de variação e de mudança são lentos e gradativos, é nessa categoria social que podemos identificar com maior facilidade esse processo, tanto a coexistência de variantes como a tendência ao desaparecimento de algumas delas. Não é difícil perceber a diferença entre a fala de um adolescente e um idoso, fato que se dá por conta de

inúmeros fatores socioculturais, como o diferente estilo de vida das gerações e as adaptações presentes com o avanço da urbanização e novas tecnologias.

A *variação diafásica* ou *estilística* ocorre de acordo com as diferentes circunstâncias de interações verbais. O falante tende a monitorar sua fala e aproximá-la da norma padrão em situações que requerem maior formalidade, como uma reunião de trabalho, entrevistas de emprego ou algum tipo de aula. No entanto, em situações mais informais, como conversas com amigos em um bar ou ambiente familiar, o falante tende a utilizar a fala de maneira mais espontânea, trazendo à tona a presença de variantes. É por conta desse monitoramento e da postura do falante em relação ao pesquisador que a Dialetologia passou a adotar em sua metodologia diferentes formas de se coletar os dados: registro de conversa espontânea, resposta a perguntas dirigidas, exposição de fatos, narrativa, entre outros, a depender do nível da língua que se insere o fenômeno de variação a ser estudado (CARDOSO, 2002).

Outra dimensão menos representada é a sexual, que denomina como *variação diagenérica* (ou *diassexual*) aquelas que ocorrem em um gênero específico, contrapondo a fala dos homens e das mulheres.

É importante, no entanto, que o pesquisador esteja sempre atento às interferências entre os fatores externos e internos da variação. Como ressalta Labov (2008 [1972], p. 20):

A contribuição de forças internas, estruturais, para a efetiva difusão das mudanças linguísticas, tal como esboçadas por Martinet (1955), deve ser naturalmente o foco de atenção de qualquer linguista que esteja investigando esses processos de propagação e regularização. No entanto, uma abordagem que considera apenas as pressões estruturais dificilmente pode contar a história toda. Nem todas as mudanças são altamente estruturadas, e nenhuma mudança acontece num vácuo social. Até mesmo a mudança em cadeia mais sistemática ocorre num tempo e num lugar específicos, o que exige uma explicação. (LABOV, 2008[1972], p.20)

É por este motivo que nos preocupamos em averiguar tanto os componentes estruturais quanto os sociais da fala das comunidades, registrando dados que sejam sempre fruto de situações reais de fala, como estabelece a metodologia.

2.3 Dialetologia

A Dialetologia é a vertente teórica que surgiu no final do século XIX e tem como objeto linguístico de análise a língua em espaços geográficos determinados, considerando suas subdivisões, como os dialetos, idioletos e variedades, sem pressupor necessariamente uma relação

de inferioridade ou superioridade entre estas subdivisões (cf. CHAMBERS; TRUDGILL, 1994). De acordo com Cardoso (2010, p. 15), “a Dialetoлогия é um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”. Portanto, a delimitação de um dialeto é o produto dessas etapas de análise e descrição, que vão identificar a variedade específica dentro de certos limites geográficos.

Ainda sobre o dialeto, Manuel Alvar assim o caracteriza:

O sistema divergente de uma língua comum, viva ou desaparecida, normalmente com uma concreta limitação geográfica, mas sem forte diferenciação frente a outros de origem comum. Em sentido amplo, é qualquer variedade linguística – de natureza geográfica ou sociocultural – que constitui um sistema unitário singular. (ALVAR, *apud* BRANDÃO, 1991, p. 13)

A dialetologia tem como objetivo estabelecer relações entre as condições de uso das línguas e suas delimitações geográficas, relacionando-as entre si; seu estudo se foca nos fatores regionais a fim de descrever semelhanças ou divergências neste espaço geográfico.

O desenvolvimento dos estudos dialetais no Brasil pode ser dividido em quatro fases, propostas por diferentes pesquisadores:

1ª fase: 1826 a 1920. Proposta por Nascentes (1952, 1953).

2ª fase: 1920 a 1952. Proposta por Nascentes (1952, 1953).

3ª fase: 1952 a 1996. Proposta por Ferreira e Cardoso (1994).

4ª fase: 1996 até o momento atual. Proposta por Mota e Cardoso (2006).

O início da primeira fase em 1826 deve-se aos estudos dialetais desenvolvidos por Visconde de Pedra Branca, a fim de compor o *Atlas Ethnographique Du Globe* de Adrien Balbi (1826).

A segunda fase, proposta por Antenor Nascentes, tem início em 1920, com a publicação da obra *O Dialeto Caipira* de Amadeu Amaral (1920), que utilizou métodos dialetais para descrever a variedade de comunidades rurais do interior paulista. A obra é tida como modelo para os estudos dos falares regionais. Dois anos depois Antenor Nascentes publica *O linguajar carioca* (1922), onde apresenta seu estudo acerca dos falares regionais, especificamente do dialeto carioca, onde analisa questões de ordem fonética, morfológica, sintática e lexical. Outra obra importante publicada nesta fase é a de Mário Marroquim, intitulada *A língua do Nordeste* (1934).

Ferreira e Cardoso, concordando com a divisão proposta por Nascentes, definem a terceira fase como o período entre 1952 a 1996. Seu início é marcado pela publicação do decreto nº 30.643 de 20 de março de 1952, que institui o Centro de Pesquisa da Casa de Rui Barbosa e atribui à Comissão de Filologia da Casa a responsabilidade de desenvolver um “Atlas Lingüístico do Brasil”. Essa fase é marcada pelas publicações de obras que estabeleceram boa parte das bases para os estudos dialetológicos da atualidade. Antenor Nascentes republica em dois volumes *Divisão dialectológica do território brasileiro* (1955), onde faz a reformulação de sua divisão dialetal proposta inicialmente em 1922; Serafim da Silva Neto publica o *Guia para Estudos Dialectológicos no Brasil* (1957); e é publicada *Língua portuguesa e realidade brasileira* (1958) de Celso Cunha. Destacamos a realização do primeiro atlas regional do Brasil, o *APFB – Atlas Prévio dos Falares Baianos*, publicado por Nelson Rossi em 1963, dando início aos trabalhos de Geografia Linguística no país.

A quarta fase, proposta por Mota e Cardoso (2006), tem início em 1996 e se estende até o momento atual. Seu início é marcado pela retomada do *Projeto Atlas Linguístico do Brasil* e a criação do Comitê Nacional do Atlas Linguístico do Brasil – Projeto ALiB. Mota e Cardoso (2006, p. 21) ainda afirmam que é a partir dessa fase que os trabalhos de Geolinguística começam a incorporar os princípios da Sociolinguística, abandonando a visão monodimensional que havia predominado até então:

Na geolingüística pluridimensional contemporânea, soma-se ao parâmetro diatópico, prioritário em trabalhos dessa natureza, o interesse por outros tipos de variação, como a diagenérica, a diastrática, a diageracional, entre outras. E, para atender a tal exigência, incluem-se informantes dos dois gêneros, de diferentes estratos sociais e de mais de uma faixa etária, em lugar do tradicional “homem adulto, rurícola, analfabeto e sedentário” – o HARAS, como o identifica Zágari (1998, p. 36) ou NORM, segundo Chambers e Trudgill (1994, p. 57). (MOTA; CARDOSO, 2006, p. 21).

2.4 Dialetologia Pluridimensional

Considerando que a Sociolinguística trata da variedade vertical (social) e a Dialetologia trata da variedade horizontal (diatópica), seria natural um encontro das duas disciplinas, como comenta Callou (2010):

A Sociolinguística, como se deduz da definição, ramo da linguística que se preocupa com a língua como fenômeno social e cultural, nasceu, de certa forma,

portanto, dentro da Dialetologia. São, assim, Dialetologia e Sociolinguística duas perspectivas de observação e análise da língua que não se opõem, mas sim se encontram e se complementam. (CALLOU, 2010, p.35)

Dessa junção concebe-se a Dialetologia Pluridimensional, que tem como precursor Harald Thun (1996; 1998; 2005; 2009). De acordo com o autor, a geografia linguística do mundo ibero-românico tinha como escopo apenas a análise monofásica, areal ou simplesmente “dialetal”, desconsiderando os aspectos sociais como a idade, sexo, escolaridade, de que se ocupa a Sociolinguística, porém apenas em uma comunidade de fala. Para Thun (2005, p. 64), são dois os fatores que parecem resultar neste cenário:

isso se deve antes de tudo a dois fatores: ao poderoso modelo que forneceu Manuel Alvar com a sua impressionante série de atlas espanhóis regionais e ao florescer da sociolinguística que, com franco desdém para com a sua co-disciplina, pretende privar a dialetologia de toda dimensão que não seja areal. (THUN, 2005, p. 64)

A junção do aspecto horizontal (regional ou areal) e vertical (social) resulta da impossibilidade de se descrever um fenômeno focando apenas em uma variável, pois as descrições puramente diatópicas dos traços linguísticos, mesmo estando inseridos em um espaço geográfico delimitado, evidenciam tanto zonas marcadas pela homogeneidade quanto áreas que apresentam traços de heterogeneidade linguística, traços sociais, culturais e étnicos (ISQUERDO; ROMANO, 2012, p. 892).

Thun (2005) elenca os primeiros trabalhos que abordam a riqueza pluridimensional da língua na Península Ibérica, o primeiro data de 1989, com a monografia de O. Winkelmann (1989) intitulada *Untersuchungen zur Sprachvariation des Gaskognischen im Val d'Aran (Investigações sobre a variação da língua gascão em Val d'Aran)*, onde o autor utiliza 73 mapas e distingue de maneira bidimensional a dimensão diatópica e diageracional (em três faixas etárias). O próximo trabalho a abandonar o caminho monodimensional é a tese doutoral de F. Boller (1995), *Die Isoglossenstaffelung in der galicisch-portugiesisch-spanischen Kontaktzone und im Lombada-Aliste-Grenzgebiet (O escalonamento isoglossal na zona de contacto galego-português-espanhol e na zona fronteira Lombada-Aliste)*. O *Atlas linguístico y Etnográfico de Castilla-La Mancha* de F Moreno Fernández e P. Garcia Mouton é o terceiro trabalho a abordar critérios sociais em suas análises areais, considerando as dimensões diagenérica em todos os pontos de coleta e analisando categorias suplementares como idade, escolaridade, e nível cultural nas localidades urbanas.

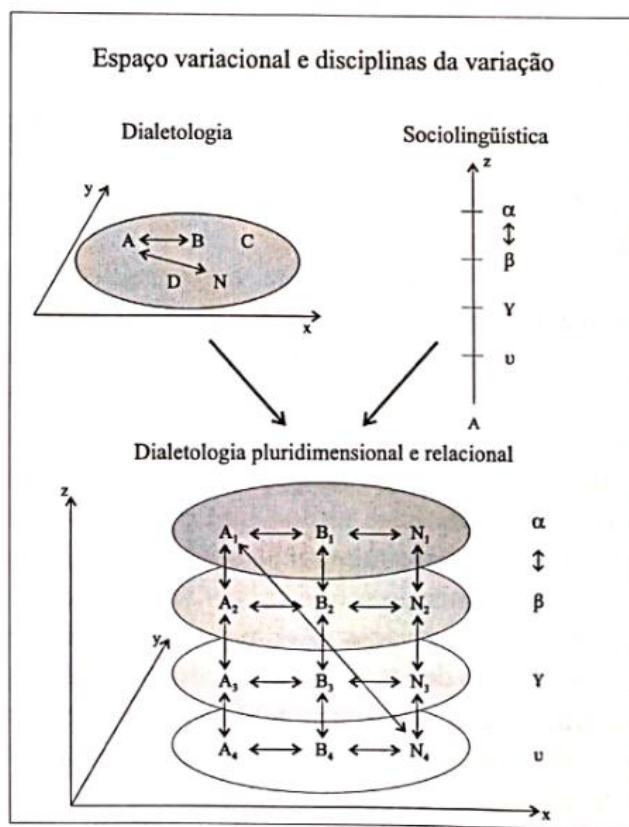
Dentre os trabalhos desenvolvidos na América Latina, Thun (2005) elenca, ao lado do *Atlas Lingüístico de México (ALM)* o projeto pluridimensional *Atlas Lingüístico y Etnográfico de Chile*, planejado por G. Carrillo Herrera. Outro caso que recebe destaque do autor é o *Atlas Lingüístico do Paraná*, de Vanderci de Andrade Aguilera, por se tratar do “primeiro atlas “explicitamente bidimensional” da América Latina porque distingue, em muitos de seus mapas simbólicos e localidades, entre as respostas dadas por mulheres e por homens” (THUN, 2005, p. 66).

Sobre este novo aspecto metodológico, os trabalhos passam a adotar critérios antes deixados de lado: controlar sistematicamente as variáveis sociais como sexo, faixa etária e escolaridade na coleta de dados; incluir informantes topodinâmicos (pessoas que não são naturais da região analisada) além dos informantes topoestáticos (nascidos na região estudada); analisar a variação diafásica por meio de uma Dialetoлогия urbana, considerando cidades de pequeno e grande porte; incluir áreas onde há o contato lingüístico, documentando a coexistência e a mútua influência das diferentes variedades na região selecionada (ISQUERDO; ROMANO, 2012, p. 897).

Por fim, podemos destacar os fundamentos teóricos e metodológicos estabelecidos por Thun (2005):

- a) Combinar a dialetologia real com a sociolingüística (e a pragmática), convertendo o estudo tradicional de superfície bidimensional em um estudo que contemple as três dimensões possíveis, dispostas esquematicamente na Figura 2.

Figura 2. Esquema de Harald Thun (2005) para representação da Dialetoologia Pluridimensional.



Fonte: THUN (2005, p. 67)

- b)** Focalizar nas interrelações no espaço, para que responda as seguintes perguntas: “Até que nível social se estende um fenômeno linguístico identificado numa área, entre os locutores de um mesmo grupo social?”; “Até que zona chega um fenômeno constatado em uma ou várias camadas sociais que vivem num mesmo lugar?” (THUN, 2005, p. 68).
- c)** Conforme a Figura 2, analisar as relações entre os pontos de mesma superfície ou eixo, como $(A \leftrightarrow B)$ e $(\alpha \leftrightarrow \beta)$, mas também os vínculos entre pontos de superfícies diferentes $(A_1 \leftrightarrow B_1, A_1 \leftrightarrow A_2)$ e os que possuem relações diagonais $(A_1 \leftrightarrow B_2)$. Um exemplo de um estudo por esse método, de acordo com o autor, seria analisar o contato entre um grupo de guaranis e um grupo de povoação mestiça do Paraguai, analisar o contato entre hispanofalantes e lusofalantes no norte do Uruguai e contrapor os resultados das duas análises.
- d)** A Dialetoologia Pluridimensional quando trabalha como Geolinguística precisa fornecer visualizações adequadas das macroestruturas do espaço variacional e salientar as linhas dessa macroestrutura já no caso dos fenômenos que são registrados pelos atlas monodimensionais tradicionais. Sem esta organização o leitor ficaria perdido em tantos

dados colhidos em diferentes categorias, sem conseguir estabelecer uma clara relação entre as ocorrências.

- e) O resultado da representação meso-, micro- e macrocós mica da metodologia da geolingüística pluridimensional e relacional é a produção de atlas explicativos ou interpretativos que apresentem mapas claros e de fácil compreensão em séries hierarquizadas.

Cabe salientar que não aplicamos integralmente a metodologia da Dialeto logia Pluridimensional. Esse aparato teórico-metodológico se mostra necessário em razão da abordagem efetuada em nossa pesquisa, que lida com a perspectiva horizontal e também vertical da língua. Deste modo, podemos afirmar que adotamos os fundamentos: **a)**, uma vez que contemplamos as três dimensões possíveis em nosso estudo; **b)**, por descrevermos a ocorrência da variação lexical conforme as categorias sociais e as localidades em que ocorrem ou deixam de ocorrer; **c)**, já que relacionamos e analisamos as diferentes categorias sociais e as localidades, por exemplo, ao analisar a ocorrência da variante *cangalha* nas respostas da pergunta 54 do QSL, que aparece em Jacutinga predominantemente nas repostas dos informantes mais velhos, mas sem relação aparente com a escolaridade. A análise da idade em Jacutinga corresponde à categoria ($A_1 \leftrightarrow A_2$), onde A é a localização e 1 ou 2 é a categoria da variável social, aqui sendo a faixa etária. No nosso caso, ($J_1 \leftrightarrow J_2$). Ao analisar o comportamento da variante *cangalha* em Poços de Caldas, o contrário acontece, a idade não demonstra grande relação com a ocorrência, mas a escolaridade sim ($P_1 \leftrightarrow P_2$), sendo 1 e 2 os níveis de escolaridade. Ao relacionar os resultados de duas variáveis sociais em duas localidades diferentes ($J_1 \leftrightarrow P_2$ ou $J_2 \leftrightarrow P_1$) podemos presumir que a variante ocorre com mais frequência na fala de informantes com idade entre 50 e 65 anos e que possuem apenas o ensino básico; **d)**, pois apresentamos os resultados de maneira simples e sintética. O único procedimento que não adotamos é a representação dos dados em atlas explicativos, por consideramos suficiente a utilização das figuras (gráficos e tabelas) para a elucidação que objetivamos.

2.5 Estudos do Léxico

Como o fenômeno em estudo em nossa pesquisa se situa no nível do Léxico da língua, torna-se imprescindível discorrer sobre os estudos lexicais.

O trabalho tem como foco a diversidade lexical pela sua relevância em evidenciar traços da cultura e da história de uma comunidade (BIDERMAN, 1992). Todo falante nativo possui um

repertório de itens lexicais, decorrentes do contexto social e cultural em que vive este falante. Desse modo, buscamos revelar as formas lexicais possíveis de serem encontradas nas dimensões deste espaço entre São Paulo e Minas Gerais.

O léxico é o conjunto de palavras de que os falantes dispõem para se expressar, seja pela fala ou escrita. As escolhas não são aleatórias, elas retratam a realidade sociocultural de cada falante. De acordo com Isquierdo (2009, p. 43), o léxico é “[...] o nível da língua que melhor evidencia as pegadas do homem em sua trajetória histórica. É por meio dele que o homem nomeia o espaço que o circunda e consubstancia a sua visão de mundo acerca da sociedade”. Podemos, portanto, compreender o léxico como um patrimônio singular de cada comunidade. Biderman (2001) realça:

[...] o léxico de uma língua natural pode ser identificado como o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história. Assim, para as línguas de civilização, esse patrimônio constitui um tesouro cultural abstrato, ou seja, uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de modelos categoriais para gerar novas palavras (BIDERMAN, 2001, p. 14).

Os estudos lexicais são definidos pelo objeto estudado e pela dimensão de análises. A Lexicologia, Lexicografia e Terminologia são as ciências do léxico (BATISTA, 2011). A Terminologia é o estudo de termos específicos de campos de conhecimento, com o objetivo de estabelecer ou estudar vocabulários especializados. A Lexicografia é o estudo da organização, apresentação e criação de definições de elementos no dicionário. Já a Lexicologia tem como objetivo o estudo do léxico de uma língua, definido como conjunto de unidades que compõem o universo lexical da língua estudada. Ressaltamos que a perspectiva lexical aqui abordada se situa na perspectiva da Lexicologia, posto que esta perspectiva também é voltada para os estudos de regionalismos, como destaca Biderman (2001, p. 16): “Ademais, a Lexicologia faz fronteira com ciências tais como a Dialectologia, a Sociolinguística e a Etnolinguística; nessas áreas disciplinares fizeram-se estudos sobre palavras e coisas, isto é, sobre as relações entre a língua e a cultura”.

Além dos atlas produzidos até o momento, podemos citar alguns trabalhos de cunho sociolinguístico e dialetal que se ocuparam da dimensão lexical da língua: Ribeiro (2012), Oliveira (2014), Romano (2015), Carvalho (2015), Santos (2016), Ribeiro (2017), Costa (2018).

Ribeiro (2012), fundamentando-se na Dialectologia e na Geolinguística Pluridimensional, descreve os *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do Falar Baiano*, examinando a atualidade da divisão dialetal proposta por Nascentes (1953) ao analisar dados de 57 localidades, sendo 5

situadas na área do *Falar Baiano*. Os dados foram coletados pelo Projeto ALiB por meio da aplicação do QSL da área semântica *jogos e diversões infantis* (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2014).

Oliveira (2014), embasado nos princípios teóricos da Dialectologia, Sociolinguística, Lexicologia e Lexicografia, descreve *O Léxico nosso de cada dia na Bahia e no Paraná: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo*. O trabalho utiliza como *corpus* parte dos dados do Projeto ALiB, que foram coletados no estado da Bahia e do Paraná por meio da aplicação do QSL referente às áreas semânticas *acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo* (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2014).

Romano (2015), adotando os pressupostos teórico-metodológicos da Dialectologia e Geolinguística, produz o trabalho *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil*, onde discute a divisão dialetal proposta por Nascentes (1953) no que se refere à região do subfalar sulista e propõe uma reformulação com base nas diferenças lexicais da área delimitada, demonstrando heterogeneidade lexical, delimitando linhas isoléxicas e/ou heteroléxicas. O *corpus* do trabalho é composto pelos dados do Projeto ALiB, oriundos da aplicação de cinco questões do QSL em 118 municípios brasileiros.

Carvalho (2015), utilizando as bases teórico-metodológicas da Lexicologia, Dialectologia e Semântica, trata das *Relações entre léxico e ambiente: um estudo da norma lexical no Centro-Oeste do Brasil*, descrevendo as variáveis que exercem influência no repertório lexical do falante, como o ambiente em que está inserido, fatores sociais e influências histórico-geográficas. O *corpus* é constituído por parte dos dados coletados pelos pesquisadores do Projeto ALiB. Trata-se de respostas para dez perguntas do QSL de três áreas semânticas: *acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos e astros e tempo*, aplicadas em 24 cidades da região Centro-Oeste (Mato Grosso – MT, Mato Grosso do Sul – MS e Goiás – GO).

Santos (2016), amparado nos fundamentos da Dialectologia, Sociolinguística e Geolinguística Pluridimensional, desenvolve seu trabalho intitulado *Brincando pelos caminhos do Falar Fluminense*, que teve como objetivo analisar a divisão dialetal proposta por Nascentes (1953), no que se refere ao *Falar Fluminense*. O autor analisa as designações fornecidas como resposta para 13 perguntas do QSL do campo semântico *jogos e diversões infantis*, coletadas pelo Projeto ALiB em 35 cidades de 5 estados diferentes.

Ribeiro (2017) estuda *A variação lexical na rota do café: estudos geolinguísticos no norte do estado do Paraná*. Valendo-se dos preceitos teóricos e metodológicos da Dialectologia,

Geolinguística, Lexicologia e Sociolinguística, Ribeiro descreve a influência dos colonizadores na variação lexical da população de seis cidades do norte do Paraná, que compõem a *Rota do Café*. O *corpus* do trabalho é constituído por dados coletados *in loco* pelo pesquisador, aplicando o questionário semântico-lexical elaborado e adaptado pelo autor em entrevistas com quatro informantes de cada cidade, totalizando 24 informantes.

Costa (2018), baseando-se nos princípios da Lexicografia, Dialectologia e Geolinguística, desenvolve o *Vocabulário Dialectal do Centro-Oeste: interfaces entre Lexicografia e Dialectologia*. Manipulando um *corpus* de 23.174 ocorrências, o *Vocabulário Dialectal do Centro-Oeste* apresenta 1.604 entradas, 228 verbetes completos e 1.376 remissivos. Os dados que compõem o *corpus* foram coletados pelo Projeto ALiB por meio da aplicação do QSL nos estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás. Tratando lexicograficamente este *corpus* de natureza geolinguística, a autora foi capaz de revelar normas lexicais nas regiões e particularidades de cada estado.

Apesar de terem objetivos diferentes, todos os trabalhos que foram e ainda estão sendo desenvolvidos contribuem, à sua maneira, para a descrição lexical e dialectal do português brasileiro.

3 METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa se inicia antes mesmo da coleta dos dados, portanto julgamos necessário apresentar os passos tomados desde a seleção das cidades e dos informantes, bem como a área semântica do QSL e a necessidade do índice de urbanização.

3.1 Sobre as cidades

As cidades foram escolhidas principalmente por conta de suas localizações, em razão de consideramos como principal característica a localização na divisa estadual entre São Paulo e Minas Gerais. Todas as cidades possuem seus limites com pelo menos uma cidade do estado aqui contraposto.

Também foram aspectos relevantes suas características demográficas. Considerando critérios como população e área, buscamos selecionar em cada estado uma cidade pequena e uma de maior porte, além de cidades que sejam próximas e que possuam uma densidade demográfica relativamente proporcional. Essa combinação de fatores resulta em cidades que formam um continuum de urbanização, justamente para que haja diferença gradual nos perfis das cidades e seja mais eficiente a relação das variantes quando posicionadas nesse espectro urbano. Selecionar cidades de perfis, tamanhos e características diferentes é um dos princípios da Dialetologia Pluridimensional.

A noção de “densidade demográfica relativamente proporcional” corresponde ao seguinte critério: a maior cidade do estado de Minas Gerais selecionada possui uma quantidade de habitantes por quilômetro quadrado próxima do valor da maior cidade escolhida do estado de São Paulo; o mesmo acontece para as duas menores cidades de cada estado. Apesar de as cidades terem certo espaço entre estes valores, dentro da região estas eram as quatro cidades que melhor se equiparavam na proporção de hab./km², sendo Poços de Caldas – MG e São João da Boa Vista – SP as duas maiores e Jacutinga – MG e Espírito Santo do Pinhal – SP as duas menores.

Para comparação, apresentamos o quadro a seguir:

Quadro 1. Informações sobre as cidades

Cidade	População total	População Urbana	População rural	Densidade demográfica	Educação	Economia
Jacutinga – MG	22.772	19.076 (83%)	3.696 (17%)	65,48 hab/km2	Escolas estaduais e privadas de educação básica	Comércio, agricultura, indústria.
Espírito Santo do Pinhal - SP	41.907	37.245 (88%)	4,662 (12%)	107,61 hab/km2	Escolas estaduais e privadas de educação básica; uma universidade privada	Agricultura, comércio, indústria.
São João da Boa Vista - SP	83.639	80.302 (96%)	3.337 (4%)	161,96 hab/km2	Escolas estaduais e privadas de educação básica; universidades privadas e públicas	Indústria, comércio, serviços, agricultura.
Poços de Caldas - MG	152.435	148.722 (97%)	3.713 (3%)	278,54 hab/km2	Escolas estaduais e privadas de educação básica; universidades privadas e públicas.	Turismo, comércio, indústria, serviços, agricultura.

Fonte: elaboração própria.

3.1.1 Jacutinga - MG

Figura 3. Vista aérea da cidade de Jacutinga (MG)



Fonte: Câmara Municipal de Jacutinga¹.

De acordo com as informações da Câmara Municipal de Jacutinga-MG e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, disponibilizados em seus sites, a região onde hoje se situa a cidade pertenceu à Paróquia de Ouro Fino até 1771, quando Antônio Pessoa de Lemos adquiriu as terras para a criação de sua fazenda. Já em 1805, após a divisão das terras entre outros proprietários, começaram as obras para o acesso à cidade de Ouro Fino, porém, muito antes das obras terminarem já se notava o início do povoamento se estabelecendo em torno do Rio Mogi ao sul da cidade, do Ribeirão de São Paulo e do Rio Eleutério ao norte. O bairro, até então, era chamado de “Ribeirão Jacutinga”, por conta dos rios e da grande quantidade da ave *jacutinga* que habitava a região. Após a transmissão das terras entre outros proprietários, por conta do povoamento crescente no entorno do Rio Mogi e a quantidade de frequentadores da Paróquia de Ouro Fino, julgou-se necessária a criação de uma capela própria para os moradores. É a criação dessa capela em 1835 que marca a fundação histórica da cidade.

¹ Disponível em: <http://www.camarajacutinga.mg.gov.br>. Acesso em 22 de abril de 2021.

Com o crescimento da população, o bairro foi elevado à *freguesia* em 1871, seguido pela criação do município de Ouro Fino em 1880, que marcou legalmente os limites entre a cidade e as freguesias vizinhas. A elevação da freguesia para município se deu em 1901, poucos anos após a inauguração da estação da Estrada de Ferro Vale do Sapucaí, trazida de Ouro Fino.

Figura 4. Cidade de Jacutinga em 1920



Fonte: Câmara Municipal de Jacutinga².

Devido ao cultivo de café na região, muitos imigrantes italianos se instalaram na cidade; foi assim que Antônio Pieroni, um italiano, trouxe a primeira máquina de tricô para a cidade, em 1960. Por conta do fim do Ciclo do Café, a cidade se adaptou e investiu fortemente na indústria de confecção, que é a principal fonte econômica do município até a atualidade. Hoje a cidade é conhecida como a “Capital Nacional das Malhas”, possui 850 lojas e mais de mil pequenas indústrias de produção.

Em relação à educação, Jacutinga dispõe de algumas escolas públicas e privadas de ensino fundamental e médio. Não existe faculdade na cidade, o que faz com que alguns moradores se desloquem para as cidades mais próximas, como Espírito Santo do Pinhal, São João da Boa Vista ou até Poços de Caldas.

Atualmente a cidade possui população total de 25.453 habitantes, sendo 83% situados na zona urbana, o que resulta em 17% de população rural, ou 3.696 habitantes. Possui área total de 347.750 km², com uma densidade de 65,48 hab/km².

² Disponível em: <http://www.camarajacutinga.mg.gov.br>. Acesso em 22 de abril de 2021.

3.1.2 Poços De Caldas - MG

Figura 5. Palace Hotel em Poços de Caldas – MG.



Fonte: Prefeitura de Poços de Caldas – MG³.

Assim como muitas cidades do interior, consta que em 1818 a região onde hoje se situa a cidade era propriedade do capitão José Bernardes Junqueira. No entanto, famosa por sua localização dentro de uma caldeira vulcânica, Poços de Caldas começou a se estabelecer muito antes, desde a descoberta de nascentes de águas minerais medicinais e fontes termais na região. Poucos anos após o início do povoamento em 1818, Joaquim Floriano Godoy, tendo ciência dos poços de águas sulfurosas, declarou de utilidade pública os terrenos que possuíam os poços e determinou a desapropriação das terras. De acordo com as informações disponibilizadas pelo próprio município, antes mesmo do pedido de desapropriação, o capitão José Bernardes doou 96 hectares de suas terras para a fundação da cidade. A doação das terras foi registrada e assinada em 6 de novembro de 1872, que vem a ser a data do aniversário da cidade.

Por conta do grande fluxo de pessoas que frequentavam a cidade buscando as fontes de águas sulfurosas para tratamento de enfermidades, Poços de Caldas, que até então se chamava

³ Disponível em: <https://pocosdecaldas.mg.gov.br/a-cidade/historia/>. Acesso em 22 de abril de 2021.

“Nossa Senhora da Saúde das Águas de Caldas”, se desmembrou dos distritos vizinhos e foi elevada à categoria de freguesia no ano de 1879.

Em 1886 já funcionava na cidade um balneário que oferecia o tratamento para doenças cutâneas em suas águas termais, que eram captadas facilmente por conta da pressão natural das fontes. Nesse balneário havia um chalé e um hotel que foram feitos exclusivamente para receber o imperador Dom Pedro II e sua esposa, a imperatriz Teresa Cristina, que visitaram a freguesia para presenciar a inauguração do Ramal da Estrada de Ferro Mogiana.

Foi em 1891 que a freguesia se desmembrou do distrito de Caldas e Andradas e foi elevado para categoria de município, recebendo o nome de Poços de Caldas em razão de uma cidade chamada Caldas da Rainha, localizada em Portugal, onde já havia um importante hospital com águas termais para tratamento médico.

Figura 6. Vista do Palace Hotel e do Palace Casino em 1929, em Poços de Caldas – MG.



Fonte: Prefeitura de Poços de Caldas – MG⁴.

Em 1930, após a construção do Palace Hotel, Palace Casino e o Thermas Antônio Carlos, a economia da cidade estava muito bem estabelecida com a legalização dos jogos e a frequência de grandes personalidades na cidade. Porém, com a proibição dos jogos em 1946 e a popularização da

⁴ Disponível em: <https://pocosdecaldas.mg.gov.br/a-cidade/historia/>. Acesso em 22 de abril de 2021.

penicilina, o município sofreu uma queda brusca em sua economia e precisou investir nas indústrias e nas mineradoras.

Outro passo importante para a economia atual foi a criação de unidades de curso superior de renome, como a Pontifícia Universidade Católica de MG – PUC, a Universidade Estadual de Minas Gerais – UEMG, a Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL MG e o Instituto Federal do Sul de Minas – IF Suldeminas, que atraem um grande número de estudantes de fora que frequentam a cidade diariamente ou se instalam temporariamente para concluir os estudos. Outras universidades que estão instaladas na cidade são: Centro Universitário Uninter, Faculdade Pitágoras, Unifenas – Faculdade de Farmácia.

Poços de Caldas possui 152.435 habitantes, sendo 97% habitantes do centro urbano, o que resulta em 3.713 (3%) habitantes da zona rural. O município possui área total de 547.059 km² com densidade demográfica de 303,6 hab/km².

3.1.3 Espírito Santo Do Pinhal – SP

Figura 7. Vista aérea do centro da cidade de Espírito Santo do Pinhal – SP.



Fonte: Prefeitura Municipal de Espírito Santo do Pinhal.⁵

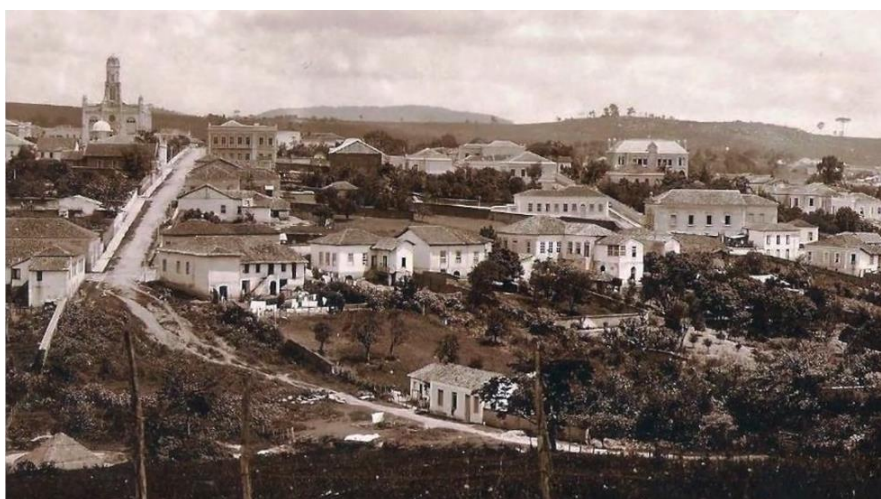
Espírito Santo do Pinhal foi fundada em 1849 quando Romualdo de Souza Brito, natural de Santa Cruz das Palmeiras, doou as terras da antiga Fazenda do Pinhal para a formação do

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cmYNaVSdU5U>. Acesso em 22 de abril de 2021.

patrimônio do Divino Espírito Santo, após intensas disputas por terras entre os fazendeiros da região. Trata-se de 40 alqueires de terras que pertenciam à Freguesia de Moji Guaçu.

Até então a cidade era denominada “Pinhal”, em razão da grande quantidade de *araucárias* na região, espécie de árvore conífera típica da vegetação da Serra da Mantiqueira, onde a cidade está localizada. Por conta de tantas localidades com o nome “Pinhal”, em 1881 a vila passou a ser denominada “Espírito Santo do Pinhal”, adotando o nome do padroeiro da cidade. É justamente o clima serrano que contribuiu para o desenvolvimento desta e outras cidades da região, proporcionando excelente qualidade na produção do café.

Figura 8. Espírito Santo do Pinhal em 1930.



Fonte: Sampa Histórica⁶.

Espírito Santo do Pinhal teve como principal fonte econômica a produção do café, tendo alcançado o pico produtivo na década de 1889 com a criação da “Estação de Pinhal”, um dos ramais da ferrovia Mogiana, que tinha como ponto mais próximo a estação de Mogi-Guaçu. Porém, em 1960 a estação foi fechada e a ferrovia foi utilizada como desvio industrial para Refinações de Milho Brasil, em Mogi-Guaçu. Apesar da queda na produção de café, a agricultura cafeeira ainda representa boa parte da economia municipal, mas perdeu espaço para o crescente setor industrial, que hoje é responsável pela maior quantidade de empregos formais e contribuição econômica do município. Outro fato importante é a existência da Unipinhal – Centro Regional Universitário de

⁶ Disponível em: <https://sambahistorica.wordpress.com/2014/10/02/memorias-do-interior-espírito-santo-do-pinhal/>. Acesso em 22 de abril de 2021.

Espírito Santo do Pinhal, antigamente conhecida como Faculdade de Agronomia de Pinhal, que é responsável por boa parte da formação de agrônomos no país.

Atualmente a cidade possui 41.907 mil habitantes, dos quais 4.662 estão localizados fora do limite urbano, representando 12% de população rural. Possui 389.421 km² de área total com densidade demográfica de 107,61 hab/km².

3.1.4 São João Da Boa Vista – SP

Figura 9. Vista aérea do centro da cidade de São João da Boa Vista – SP.



Fonte: Connected Smart Cities⁷.

De acordo com as informações disponibilizadas pela Prefeitura de São João da Boa Vista, não há muitos registros que comprovam as informações da fundação da cidade. Consta nos documentos que no ano de 1821, as terras que hoje fazem parte do município pertenciam a Mogi Mirim e foram ocupadas por Antônio Manuel de Oliveira, que chegou à região com seus cunhados às vésperas do culto a São João Batista, no dia 24 de junho, ficando registrada essa mesma data na fundação da cidade. Antônio Machado, como era conhecido, doou parte de suas terras para a fundação da cidade, que teve como marco a construção de uma capela sob o cuidado do monsenhor João José Vieira Ramalho. Ainda de acordo com os documentos, o monsenhor João Ramalho era considerado uma importante figura política na época, haja vista sua vitória na primeira eleição de

⁷ Disponível em: <https://portal.connectedsmartcities.com.br/2018/08/12/sao-joao-da-boa-vista-mais-inteligente-com-as-aco-es-do-connected-smart-cities/>. Acesso em 22 de abril de 2021.

São João da Boa Vista, em 1824, para administrador da freguesia. O monsenhor foi fundamental para a expansão econômica da cidade, por trazer recursos e investir na agricultura, agropecuária, e estabelecer monjolos, moinhos e engenhos de cana na região. Outros fatores que serviram para concretizar a figura do monsenhor como patrono da cidade foram os costumes socioculturais da época, como a vontade do povo em ter a proteção de um padre que habitasse na vila e a necessidade de uma capela para a celebração de missas, batizados e outros sacramentos.

Em 24 de abril de 1880, como consta nos documentos, São João se desmembrou das vilas vizinhas Cascavel (hoje Aguaí) e Prata (hoje Águas da Prata) e foi elevada a município. Foi nessa época que a cidade, assim como as outras três incluídas neste estudo, recebeu a instalação das estradas de ferro da Companhia Mogiana, aumentando a exportação dos produtos locais, como o café, açúcar, batata, tijolos, madeiras, gado etc.

Por muito tempo a economia da cidade esteve voltada para a produção agrícola, sobretudo a cana de açúcar, que influenciou a construção de pelo menos 30 engenhos até a década de 1889. Atualmente, a economia se baseia principalmente na produção de cana de açúcar, no gado de corte e na usina de álcool e açúcar, a única da região.

Quanto à educação, São João da Boa Vista dispõe de algumas universidades e um instituto federal: Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino (UNIFAE), Centro Universitário da Fundação de Ensino Octávio Bastos (UNIFEOB), campus da Universidade Estadual Paulista (UNESP) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFSP-SJBV).

De acordo com o IBGE/2010, a cidade possui 83.639 habitantes, sendo 3.337 (4%) moradores da zona rural. Tem área total de 516.146 km² e densidade demográfica de 161.96 hab/km².

3.2 Sobre os informantes

Ao todo, são 32 informantes, sendo oito de cada cidade. Este número foi escolhido para aumentar a possibilidade de encontrar informantes de todas as categorias, em um cenário ideal, sendo um de cada combinação. É importante ressaltar que os dados da cidade de Espírito Santo do Pinhal foram reutilizados, pois, utilizando exatamente a mesma metodologia deste trabalho, já tinham sido previamente coletados pelo candidato para a monografia: *Um registro semântico-*

*lexical de atividades agropastoris na região fronteira de Espírito Santo do Pinhal – SP*⁸. Os informantes foram distribuídos por sexo, faixa etária e grau de escolaridade. São fixadas com base na metodologia as seguintes categorias e suas respectivas siglas:

- Idade:
- Faixa etária 1 – 18 a 30 anos (A)
- Faixa etária 2 – 50 a 65 anos (B)
- Sexo:
- Masculino (M)
- Feminino (F)
- Escolaridade:
 - Fundamental (até a 4ª série) (1)
 - Superior (completo ou incompleto) (2)

A princípio, buscamos por informantes sem o ensino fundamental para compor o nível (1) de escolaridade, porém, atualmente, por conta da dificuldade de encontrar informantes da faixa etária 1 sem ensino fundamental, decidimos aceitar informantes que tenham cursado o ensino fundamental, sem excluir os informantes que não o possuam. Deste modo, mantivemos aqueles que o tenham ou não completado (nível 1), e o nível universitário como maior nível de escolaridade, tendo completado ou não (nível 2).

Para que as respostas representem de maneira mais apurada a realidade da comunidade, buscamos evitar profissões que requerem mobilidade demasiada dentro do país, como informantes que saiam com muita frequência de suas cidades e tenham contato constante com falantes de outras comunidades. Esta é a orientação do Projeto ALiB que resolvemos adotar neste trabalho.

Para melhor controle dos *corpora*, utilizamos uma ficha social do informante desenvolvida pelo Comitê Nacional do ALiB (2014)⁹, disponível no anexo 2, a fim de categorizar com maior eficiência suas características socioculturais, como ocupação, relação com meios de comunicação, prática de atividades de lazer, além de informações técnicas referentes à entrevista.

Dispomos os dados das 25 perguntas, de oito informantes da cidade de Espírito Santo do Pinhal – SP (doravante Pinhal), oito informantes da cidade de São João da Boa Vista (doravante SJ) – SP, oito informantes da cidade de Jacutinga – MG e oito informantes da cidade de Poços de

⁸ Trabalho de conclusão de curso, requerido pela Universidade Federal de São Carlos para a obtenção do grau de Bacharel em Linguística.

⁹ Ficha social extraída manualmente pelo pesquisador.

Caldas – MG. Os informantes possuem as seguintes distribuições: 16 homens e 16 mulheres; 16 informantes da faixa etária A e 16 da faixa etária B; 16 informantes com escolaridade nível 1 e 16 informantes com escolaridade nível 2; em cada cidade temos quatro informantes de cada categoria. Disponibilizamos o quadro abaixo para correlação das categorias:

Quadro 2. Informantes

Região do Inf.	Sigla	Cidade	Descrição (categorias)
SP	E. M. T.	Pinhal	homem, faixa etária A, ensino fundamental completo
SP	R. P. V.	Pinhal	homem, faixa etária A, ensino superior completo
SP	P. G. C.	Pinhal	homem, faixa etária B, ensino fundamental completo
SP	F. A. M.	Pinhal	homem, faixa etária B, ensino fundamental completo
SP	V. O. G.	Pinhal	mulher, faixa etária A, ensino fundamental completo.
SP	A. D. D. P.	Pinhal	mulher, faixa etária A, ensino superior completo
SP	A. A. S.	Pinhal	mulher, faixa etária B, ensino fundamental completo
SP	J. T. R.	Pinhal	mulher, faixa etária B, ensino superior completo
SP	A. B. J.	S.J.B.V.	homem, faixa etária A, ensino fundamental completo
SP	T. M.	S.J.B.V.	homem, faixa etária A, ensino superior completo
SP	M. S. D.	S.J.B.V.	homem, faixa etária B, ensino fundamental completo
SP	E. S. Q.	S.J.B.V.	homem, faixa etária B, ensino superior completo
SP	M.T. D.	S.J.B.V.	mulher, faixa etária A, ensino fundamental completo
SP	T. A. I.	S.J.B.V.	mulher, faixa etária A, ensino superior completo
SP	V. Q.	S.J.B.V.	mulher, faixa etária B, ensino fundamental completo
SP	D. S. C.	S.J.B.V.	mulher, faixa etária B, ensino superior completo
MG	A. T. M. A.	Jacutinga	homem, faixa etária A, ensino fundamental completo
MG	H. D.	Jacutinga	homem, faixa etária A, ensino superior completo
MG	B. T. A.	Jacutinga	homem, faixa etária B, ensino fundamental incompleto
MG	R.Z.	Jacutinga	homem, faixa etária B, ensino fundamental completo
MG	T. L. D.	Jacutinga	mulher, faixa etária A, ensino fundamental completo
MG	V. G. S.	Jacutinga	mulher, faixa etária A, ensino superior completo.
MG	Z. F. R.	Jacutinga	mulher, faixa etária B, ensino fundamental completo
MG	R. R. M.	Jacutinga	mulher, faixa etária B, ensino superior completo

MG	L. L. S. G.	Poços de Caldas	homem, faixa etária A, ensino fundamental completo
MG	R. P. P.	Poços de Caldas	homem, faixa etária A, ensino superior completo
MG	W. O.	Poços de Caldas	homem, faixa etária B, ensino fundamental incompleto
MG	D. M.	Poços de Caldas	homem, faixa etária B, ensino superior completo
MG	S. B.	Poços de Caldas	mulher, faixa etária A, ensino fundamental completo
MG	V. V. D.	Poços de Caldas	mulher, faixa etária A, ensino superior completo
MG	M. R. A.	Poços de Caldas	mulher, faixa etária B, ensino fundamental completo
MG	V. G. O.	Poços de Caldas	mulher, faixa etária B, ensino superior incompleto

Fonte: elaboração própria.

3.3 Índice de urbanização

Não poderíamos, contudo, nos basear apenas na proporção de população rural como indicador para definir o grau de urbanização das cidades. A ruralidade da população é um tema muito discutido na *Geografia*; os métodos de categorização da população rural são amplamente questionados por José Eli Veiga:

O Brasil é bem mais rural do que oficialmente se calcula, pois a essa dimensão pertencem 80% dos municípios e 30% da população. [...] Para isso é preciso superar a abordagem dicotômica, mas sem cair na ilusão de que estaria desaparecendo a histórica contradição urbano-rural. Infelizmente, o entendimento do processo de urbanização do Brasil é atrapalhado por uma regra que é única no mundo. O país considera urbana toda sede de município (cidade) e de distrito (vila), sejam quais forem suas características estruturais ou funcionais. O caso extremo está no Rio Grande do Sul, onde a sede do município União da Serra é uma “cidade” na qual o Censo Demográfico de 2000 só encontrou 18 habitantes. (VEIGA, 2004, p.6)

Para definir os municípios como rurais ou urbanos seria necessário estabelecer um limite na densidade demográfica, que é o melhor critério disponível. De acordo com Veiga (2004), 60 hab/km² foi tido por um bom tempo como um bom critério de corte. Porém, após o Censo de 2000, com base na evolução da densidade demográfica em relação ao tamanho populacional das cidades, é justificável admitir o limite de 80 hab/km². Seguindo esses critérios, a cidade de Jacutinga seria considerada completamente rural, já que possui menos de 80 hab/km².

Tendo em vista a problemática da categorização rural-urbana, elaboramos um índice de urbanização em que atribuímos pontos para as cidades, com base em fatores demográficos e estruturais. As cidades com maior pontuação serão consideradas mais urbanizadas; relacionando

essa pontuação com a porcentagem de população rural/urbana poderemos utilizar uma escala de urbanização para ordenar as cidades de menos para mais urbanizadas. Como resultado, podemos associar as variantes de acordo com o grau de urbanização na região de sua ocorrência.

Associam-se ao processo de urbanização dois principais tipos de fatores: os *atrativos* e os *repulsivos*, como expõe Roncayolo (1990, p. 19):

A cidade é um território particular ou uma combinação de territórios; ela apoia-se sobre um jogo de atração e repulsão para o exterior, quer para satisfação das suas necessidades cotidianas, obtenção de fontes de alimentação e de rendimentos, para dominação ou prestação de serviços. (Roncayolo 1990, p. 19 *apud* BAIA, 2009, p. 155)

Os fatores repulsivos são aqueles que agem sobre a população gerando impulsos negativos em relação ao meio rural, forçando os habitantes destas áreas a migrarem para os centros urbanos. Os fatores que podem ser considerados como repulsivos são: substituição da mão de obra humana por máquinas e tecnologias de automatização do serviço; baixos salários e exploração da mão de obra; infraestrutura que não atende às necessidades básicas da população, como saúde e educação.

São considerados atrativos os fatores que se fazem necessários ou desejados pela população que busca melhor qualidade de vida. Podemos considerar como atrativos: maior oferta de empregos com o avanço de indústrias e o comércio; melhor infraestrutura para necessidades básicas, como escolas e hospitais maiores e mais bem equipados; unidades de serviços públicos essenciais, isto é. delegacias (geração de registros de identificação), fóruns e cartórios; atrações de entretenimento ou consumo, como serviços, eventos culturais, shoppings e atrações turísticas.

Os critérios que compõem o índice e a pontuação atribuída a cada categoria foram adotados a fim de possibilitar sua aplicação em estudos futuros. O Quadro 2 mostra a aplicação dos critérios às quatro cidades que fazem parte de nossa pesquisa.

Quadro 3. Índice de urbanização

		CIDADES				
		Pontos	Jacutinga (MG)	Espírito Santo do Pinhal (SP)	São João da Boa Vista (SP)	Poços de Caldas (MG)
ESTRUTURA EDUCACIONAL	Uma Instituição de Ensino Superior Pública	3				
	Mais de uma Instituição de Ensino Superior Pública	4			✓	✓
	Uma Instituição de Ensino Superior Particular	1		✓		
	Mais de uma IES particular	2			✓	✓
	Escola de Educação Básica particular	1	✓	✓	✓	✓
GRAU DE CONTATO	Evento cultural que atraia visitantes	1	✓		✓	
	Mais de um evento cultural que atraia visitantes	2				✓
	Ter população estudantil de fora	3				✓
	Acesso rodoviário municipal	1				
	Acesso rodoviário estadual	2	✓	✓	✓	
	Acesso rodoviário federal	3				✓

		Jacutinga (MG)	Espírito Santo do Pinhal (SP)	São João da Boa Vista (SP)	Poços de Caldas (MG)	
INFRAESTRUTURA DE SERVIÇOS E LAZER	Hospital com UTI	2		✓	✓	✓
	Hospital sem UTI	1	✓			
	Corpo de bombeiros	2		✓	✓	✓
	Receita Federal	1			✓	✓
	Polícia Federal	1				
	Fórum	1	✓	✓	✓	✓
	Sede de Diocese	1				
	Igreja evangélica	1	✓	✓	✓	✓
	Transporte público	2		✓	✓	✓
	Penitenciária	2				✓
	Shopping	2				✓
	Cinema/Teatro	1		✓	✓	✓
	Redes franqueadas (Ensino, Supermercado, Farmácia, Plano de Saúde, Fast food, etc)	1	✓		✓	✓
ATIVIDADES ECONÔMICAS	Agropastoris	1	✓	✓	✓	
	Pequenas indústrias (até 99 empregados)	1	✓			
	Grandes indústrias (mais de 500 empregados)	2		✓	✓	✓
	Turismo pontual	1	✓			
	Turismo constante	2				✓
	Comércio que atraia visitantes	1	✓			✓

		Jacutinga (MG)	Espírito Santo do Pinhal (SP)	São João da Boa Vista (SP)	Poços de Caldas (MG)
Total de pontos	49	11 (22%)	16 (32%)	24 (48%)	35 (71%)

Fonte: elaboração própria.

Como se trata de um índice que mede a urbanização das cidades, podemos inserir apenas os fatores que funcionam como atrativos para o processo de urbanização.

Além de relacionar os critérios com base no processo de urbanização, podemos identificar relações muito claras entre o fenômeno de variação e alguns parâmetros do índice. A infraestrutura educacional de uma comunidade, e por consequência a formação educacional da população, afeta diretamente a predominância de variantes próprias da norma-culta e o conhecimento de mundo dos informantes, como destacam Aguilera e Yida (2008). As autoras chegam a essa conclusão ao identificar um índice bem maior de não-respostas por parte dos informantes com menor escolaridade das capitais ao responderem o Questionário Fonético-Fonológico do ALiB.

Outro fator que age diretamente na ocorrência e comportamento da variação é o contato linguístico, por este motivo consideramos, entre outros fatores, a existência ou não de atividades que geram turismo ou atraem pessoas de outras localidades; deste modo estaremos considerando no resultado final a importantíssima mistura de falares que estão presentes nos polos mais urbanizados.

Podemos, ainda, considerar a importante influência do comércio no arcabouço lexical da comunidade, especialmente quando se trata da comercialização de produtos do nicho eletrônico, por introduzir na vida da comunidade novas tecnologias e novas designações.

Por último, reafirmamos a importância de categorizar o tipo de atividade econômica das cidades, haja vista o papel da industrialização no avanço da urbanização, modernizando a sociedade e agindo diretamente na transformação do espaço geográfico, atraindo quantidades de trabalhadores que muitas vezes requerem adaptações no setor de habitação de uma localidade.

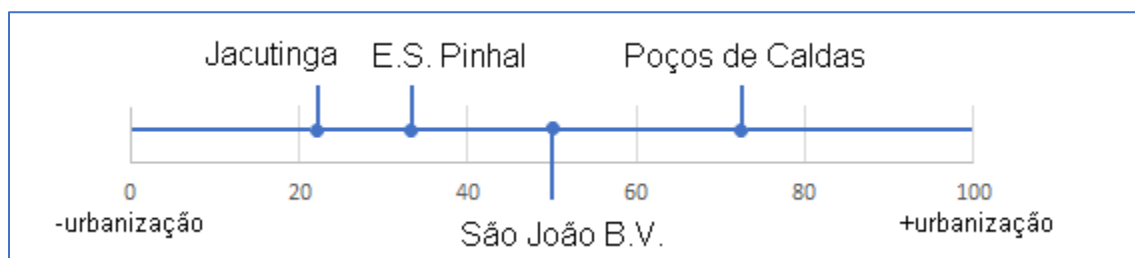
Para a descrição do processo de urbanização, trazemos o aporte de Dozon (1986, p. 328)

[A urbanização] está ligada à instauração dos Estados, à criação de serviços públicos, à implementação de políticas de desenvolvimento, embora sejam direcionadas principalmente aos meios rurais, provocam paralelamente as

migrações para as cidades. Múltiplas razões para isso: a escolarização, as contradições próprias das sociedades locais, (...) as possibilidades de emprego assalariado e, sobretudo, a atração própria do meio urbano que representa uma alternativa ao modo de vida aldeã [ou rural] (...) sob diferentes aspectos, o fenômeno urbano se apresenta como um pólo antitético ao mundo rural e tradicional. Ele organiza novas relações sociais, dispersando e redistribuindo os indivíduos e os grupos em espaços diferenciados (lugar de trabalho, lugar de habitat) segundo critérios de ordem socioeconômica ou socioprofissional. Ele ordena novos modos de distinção social e desperta consciências coletivas inéditas em função de pertencimentos a um tal grupo ou a uma tal classe social. (DOZON, 1986, p.328)

Aplicando o índice de urbanização foi possível estabelecer um grau de urbanização entre as cidades que é demonstrado na Figura 10.

Figura 10. Continuum de urbanização das cidades



Fonte: elaboração própria

Considerando inseparáveis a língua e a sociedade, como determina a Sociolinguística, julgamos como essencial estabelecer esse grau de urbanização das comunidades, pois dessa forma estaremos estabelecendo também um continuum para a fala dos informantes, no que diz respeito às escolhas lexicais.

Tratando-se de motivações mais geográficas, não podemos desconsiderar todas as forças que as cidades exercem entre si, em especial as de Jacutinga – MG, Espírito Santo do Pinhal – SP e São João da Boa Vista – SP, por fazerem divisa entre si. Nas palavras de Baia (2009, p. 156):

Atualmente, a aplicação de critérios morfológicos, funcionais ou sócio-culturais, na análise da cidade não permite apreender o fenômeno urbano na sua totalidade. A cidade – mesmo enquanto lugar da reprodução da vida - não pode ser apreendida unicamente no interior de seus limites, pois, não é uma criação isolada. Ela, a cidade, está em relação, maior ou menor, com o espaço que a entorna, com outras cidades, eventualmente com outros espaços longínquos. Ela apresenta-se, em graus variáveis, como o lugar a partir do qual se estabelece um controle territorial. Assim, se desenvolvem as noções de rede urbana ou armadura urbana. Trata-se, portanto, de um plano de análise da cidade no contexto da região (BAIA, 2009, p. 156)

3.4 Etapas de coleta e análise

Para alcançar os objetivos e as hipóteses estabelecidos na pesquisa, definimos um conjunto de procedimentos metodológicos, que incluem as seguintes etapas:

- (I) aplicação de um questionário semântico-lexical;
- (II) transcrição, tabulação e organização dos dados;
- (III) análise quantitativa dos dados;
- (IV) análise semântico-lexical dos dados;
- (V) elaboração e aplicação de um índice de urbanização para análise dos dados pelo escopo da variável diatópica-urbana.

(I) Questionário semântico-lexical

O primeiro procedimento metodológico adotado consiste na aplicação de um questionário semântico-lexical¹⁰ (QSL) baseado no modelo elaborado pelo Comitê Nacional do ALiB (Comitê Nacional do Projeto ALIB, 2001). O questionário completo possui 202 questões divididas entre 14 áreas semânticas, porém, devido ao contexto histórico e social que estabeleceu as bases para as comunidades estudadas, como os ciclos do café e da mineração, acredita-se ser mais representativa (e por isso foi selecionada) à pesquisa a área de “atividades agropastoris” para obtenção dos dados. Sendo assim, foram selecionadas para compor o QSL da presente pesquisa as questões 39 a 63, oriundas da área semântica “atividades agropastoris” do ALIB, num total de 25 questões.

A aplicação do questionário segue uma perspectiva onomasiológica, partindo de um conceito para a denominação. Parte do processo também consiste em indagar ao informante se existe na região mais de um nome para o mesmo referente, se já leu em algum lugar e se já ouviu de alguém, o que possibilita observações como “o povo antigo fala assim”, “o povo mais pobre fala assim”, “minha vó que dizia isso”, evidenciando a afirmação de identidade e heterogeneidade no que diz respeito à interação linguística.

Os questionários possuem dois tipos de pergunta que foram citados por Chambers e Trudgill (1994, p.47): as perguntas *naming*, em que se solicita ao informante uma denominação, utilizando, se necessário, o uso de mímica, desenhos, fotos ou apresentação de objetos (*realia*), e as perguntas

¹⁰ O QSL que será utilizado como base se encontra no anexo I deste texto.

do tipo *completing*, em que o inquiridor orienta o informante a completar a frase com a utilização do vocábulo.

(II) Transcrição, tabulação e organização dos dados

A entrevista teve o áudio gravado e posteriormente transcrito, um trabalho *in loco*, visto que para a Sociolinguística os dados só são relevantes em situações reais de fala. Para a transcrição, tabulação e apresentação dos dados utilizamos os *softwares Excel e Calc*, por terem se mostrado suficientes no armazenamento e manuseio dos dados, além da facilidade em automatizar a criação das figuras, quadros e tabelas que foram utilizadas neste trabalho.

Os informantes foram separados na primeira aba de uma tabela, sendo distribuídos com base nas categorias sociais e localização. Na segunda aba, já contendo fórmulas matemáticas para automatização e distribuições da variante, foram inseridas as respostas, atribuídas separadamente a cada informante. Deste modo, utilizando as fórmulas inseridas em células específicas, podemos gerar gráficos e tabelas com base nos critérios desejados, isto é, por perguntas, por categorias, por localização, por somatória de mais de uma variável social, por variantes etc.

(III) Análise

Após a aplicação do questionário e transcrição das respostas, o próximo passo metodológico tomado foi a análise quantitativa dos dados, como pressupõe a fundamentação teórico-metodológica variacionista, a fim de identificar recorrências, sistematizar e organizar as variantes por meio estatístico. Com o auxílio dos gráficos e tabelas de frequência, efetuamos as análises quantitativas descrevendo de maneira mais detalhada os dados apresentados, formulando hipóteses interpretativas para a abstenção, o uso categórico ou a ocorrência de certas variantes. Em casos específicos, como das variantes que estavam mais presentes na fala de informantes mais velhos, foi possível estabelecer boa exposição e sistematização da variante pela variável independente idade.

(IV) Análise semântico-lexical

Dentre os desafios que encontramos no decorrer deste trabalho, um particularmente difícil de lidar é a validade das respostas, isto é, se a designação corresponde de fato ao referente e, em caso afirmativo, se podemos aceitá-la como variante das outras formas registradas.

Foram utilizados variados recursos para verificar essa correspondência, como indagar ao informante contextos em que ele utilizaria aquela lexia ou se conhece mais pessoas que a utilizam,

além de pesquisas prévias¹¹ por parte do inquiridor de artigos da área de agricultura, de âmbito jornalístico, instrutivo ou de entretenimento, para que tivesse domínio semântico sobre os referentes descritos.

Nos casos de dúvida, um recurso decisivo para a validação foi uma análise semântico-lexical das variantes que ocorreram, recorrendo a dois dicionários digitais, o Aulete¹² e o Aurélio¹³. O principal motivo para a seleção destes dicionários é o longo histórico de atuação de ambos na literatura lexicográfica. Outros fatores também motivaram nossa escolha: fácil acesso por parte do inquiridor e dos leitores deste trabalho, que possam querer checar os verbetes ou pesquisar por outras lexias por motivos próprios; possuírem marca de uso, que é recurso lexicográfico utilizado para registrar lexemas que remetem a contextos de variação diacrônica, diatópica, diastrática, diafásica e assim por diante, servindo de instrução para o leitor que consulta o dicionário a identificar e utilizar as variantes em contextos apropriados (VILARINHO, p. 376).

(V) Índice de urbanização

O último aspecto metodológico corresponde à elaboração de um índice de urbanização (cf. 2.2) para ser relacionado aos dados coletados. O índice foi idealizado para auxiliar na compreensão e apresentação da relação entre as variantes e a urbanização das cidades em que ocorreram. O estabelecimento dessa relação por meio da aplicação do índice propicia uma análise mais precisa dos resultados ao explorar a relação entre língua e sociedade. Os critérios de elaboração e método de aplicação do índice estão apresentados no item 2.3.

¹¹ As pesquisas prévias para conhecimento dos itens pesquisados incluem: artigos de sites especializados em agropecuária, notícias sobre agricultura, além de vídeos instrutivos disponíveis na plataforma YouTube, e.g. “*Como montar uma cangalha*” e “*Canga, Cangalha e Carro de Boi – Seu João*”, disponíveis em <https://www.youtube.com/watch?v=roZ3Jj3Lt5M> e <https://www.youtube.com/watch?v=67O-ifBipmA>, respectivamente.

¹² Disponível em <https://www.aulete.com.br/index.php>.

¹³ Aplicativo parcialmente gratuito, disponível para os sistemas Android e iOS.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Aqui apresentamos a análise das respostas dadas a cada pergunta que compõe a seção de *atividades agropastoris* do QSL. As perguntas podem apresentar os três possíveis resultados: variação, abstenção e uso categórico. Cada pergunta possui um número em relação à sua área; itens lexicais sugeridos pelo Comitê; pergunta a ser dirigida aos informantes, podendo ou não haver gravura para auxílio.

Para a melhor interpretação das ocorrências, os resultados são expostos (i) em gráficos, de acordo com as variáveis sociais consideradas – sexo, faixa etária e escolaridade; (ii) em uma tabela de frequência; (iii) em uma tabela que contenha as diferentes formas lexicais agrupadas, a partir da lexia de maior ocorrência. Estes métodos de representação foram utilizados conforme a pertinência de cada método para os dados de cada pergunta, havendo casos em que descrevemos os dados utilizando apenas um. Caso não haja variação, o que é denominado como uso categórico, haverá apenas uma tabela de frequência, uma vez que sua ocorrência está presente em todas as células sociais e há apenas uma lexia.

Há também o que chamaremos de abstenção (doravante ABS). Isto ocorre quando o informante não utiliza nenhuma palavra específica para o referente que se configure como variante da lexia padrão que é esperada.

Buscamos recolher itens lexicais que correspondessem àquilo que o informante relata utilizar, sem descartar outras formas lexicais que o informante conhece, mas não utiliza. Isso nos dá informações pertinentes como a prática de associar certas formas lexicais a determinados grupos sociais.

Em alguns casos, optamos por registrar algumas respostas como abstenção. Tratam-se de casos em que o informante não tinha familiaridade com o objeto e tentava nomeá-lo com base na descrição e na *realia*, produzindo respostas que são lexias generalizadas que não correspondem necessariamente à descrição que lhes foi dada. A motivação mais frequente é a falta de relação semântica dessas lexias com o objeto descrito na pergunta.

4.1 Análise das respostas ao QSL de Atividades Agropastoris

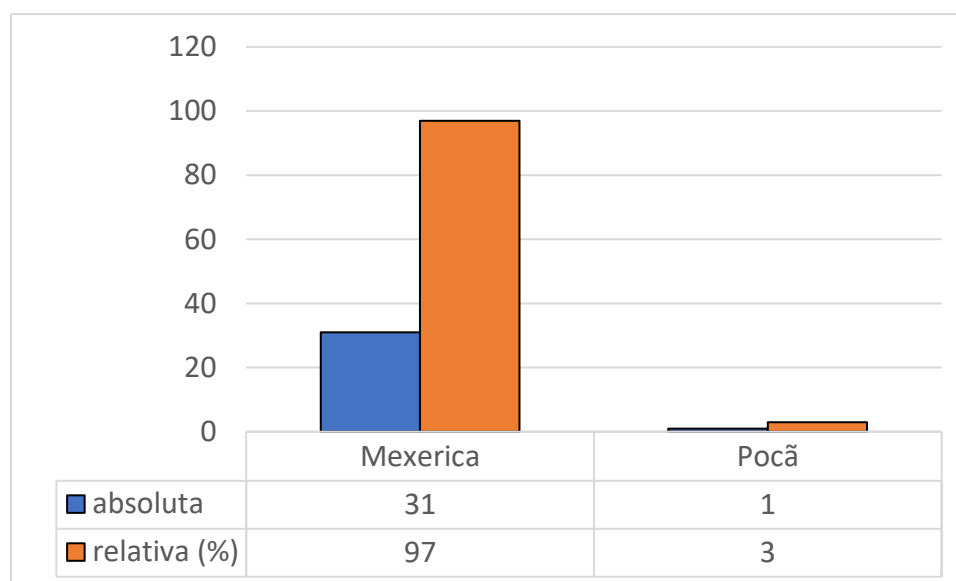
Nesta subseção analisaremos individualmente o resultado para cada pergunta. Posteriormente, apresentaremos no item 3.2 uma análise geral dos resultados.

4.1.1 Pergunta 39. Mexerica / Tangerina

Como se chamam as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são? (Pedir para descrever, para apurar as diferenças entre as designações citadas pelo informante) (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 24).

Para esta pergunta ocorreram duas variantes lexicais, dispostas na Figura 11.

Figura 11. Respostas para a pergunta 39 – Mexerica/Tangerina



Fonte: elaboração própria.

Em três das quatro cidades ocorreu o uso categórico de *mexerica*; o aparecimento de *pocã* foi registrado apenas uma vez, com predominância de 12,5%, na cidade de Jacutinga – MG. Trata-se de uma senhora de 62 anos, que nasceu e cresceu na cidade, possui apenas o ensino fundamental. A informante, ao concluir, ainda sugere que na cidade os falantes alternam entre *pocã* e *mexerica*: “Não, aqui é *pocã* ou *mexerica*, esses dois”.

Tabela 1. Frequência por cidades – Pergunta 39

LEXIAS	JACUTINGA		PINHAL		S.J. DA BOA VISTA		POÇOS DE CALDAS		TOTAIS	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR
Mexerica	7	87,5%	8	100%	8	100%	8	100%	31	97%
Pocã	1	12,5%							1	3%
TOTAIS	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%	32	100%

Fonte: elaboração própria.

Ressaltamos que a pronúncia da primeira sílaba de *mexerica* por todos os informantes, a partir dos dados coletados até o momento, se realiza por [mi]. A fruta descrita na questão possui variedades (e.g. *cheirosinha*) que são conhecidas pelos informantes da cidade menos urbanizada, Jacutinga, mas desconhecidas pelos informantes das outras três cidades.

A Transcrição 1 a seguir demonstra o conhecimento de outros tipos da mesma fruta pelo informante:

1. INF. – É **Mexerica** que chama.
 INQ. – Tem outro nome?
 INF. – Tem, mas aqui ninguém fala não.
 INQ. – De onde você conhece esses nomes então? De onde você ouviu?
 INF. – Ah, você vê o povo falar, que tem **tangerina**, **pocã**. Tem até outro. É **tangerina pocã** ou **poncã**? Tem **bergamota**. É isso?
 INQ. – E é tudo a mesma coisa?
 INF. – Acho que é outra qualidade, outro tipo, são outros tipo de **mexerica**, mas é a mesma coisa. Pra mim que é a mesma coisa.
 INQ. – E onde você ouviu se aqui o povo só fala mexerica?
 INF. – Ah, na internet você vê. Na televisão. Comercial, né? No comercial mesmo é só **tangerina**. As coisas são tudo sabor **tangerina**, não é **mexerica**.
 Inf. F.A.M.: homem, faixa etária B, ensino fundamental completo, Pinhal - SP.

4.1.2 Pergunta 40. Amendoim

Como se chama o grão coberto por uma casquinha dura, que se come assado, cozido, torrado ou moído? (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 24).

Tabela 2. Respostas para a pergunta 40 - Amendoim

Lexia	Frequência absoluta	Frequência relativa
Amendoim	32	100%

Fonte: elaboração própria.

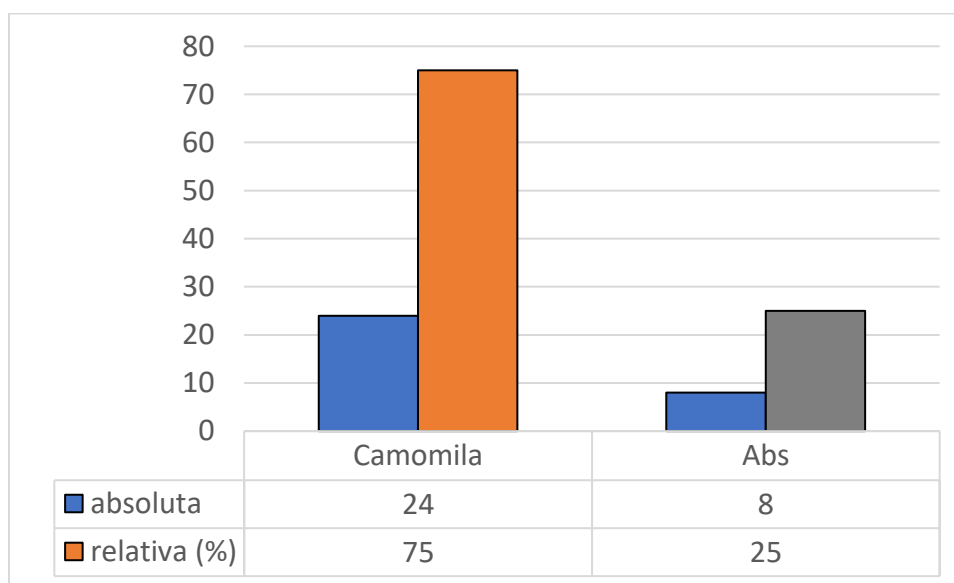
A pergunta 40 resultou no uso categórico de *amendoim*, os informantes nunca ouviram nenhuma outra denominação para o mesmo grão ou tipo de grão.

4.1.3 Pergunta 41. Camomila

Como se chamam umas florezinhas brancas com miolo amarelinho, ou florezinhas secas que se compram na farmácia ou no supermercado e servem para fazer um chá amarelinho, cheiroso, bom para dor de barriga de nenê / bebê e até de adulto e também para acalmar. Mostrar gravura. (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 24)

Documentamos como resposta para a Pergunta 41 do QSL, além da abstenção, apenas uma variante, disposta na Figura 12.

Figura 12. Respostas para a pergunta 41 – *Camomila*



Fonte: elaboração própria.

Por conta da semelhança entre as duas flores, tirando o fato de que se faz chá com a *camomila*, três informantes apresentaram o item lexical *margarida*, mesmo após uma imagem da flor de camomila ter sido mostrada e serem indagados quanto ao costume de se fazer chá. Temos abaixo a transcrição (transcrição 2) da fala de um informante que explica a falta de familiaridade com a matéria prima do chá.

2. INF.– **Margarida.**

INQ. – Uma pequena, que faz chá dela pra dor de barriga, as vezes pra acalmar.

INF. – Chá pra dor de barriga, pra acalmar, é **camomila**.

INQ. – Mas você chama essa flor de camomila ou margarida?

INF. – Do jeito que você me falou é **margarida**.

INQ. – Mas você falou agora que é **camomila**.

INF. – Mas **camomila** é o chá.

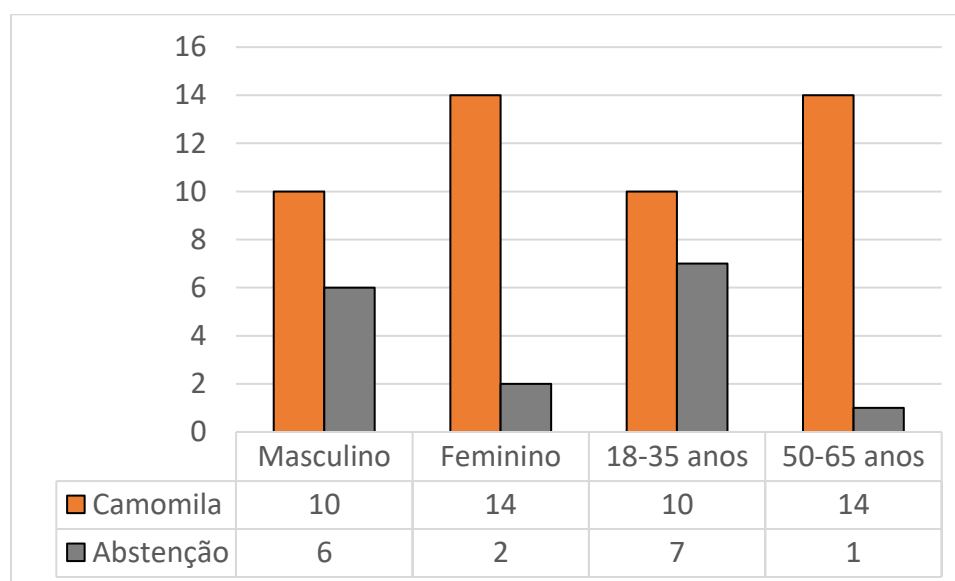
INQ. – Mas é um chá de uma flor.

INF. – Ah, agora eu entendi. Mas eu nunca tinha visto **flor de camomila**. Sempre tomei o chá, mas nem imaginava a flor. Não sei como é. Se eu visse essa flor eu ia chamar de **margarida**.

Inf.P.G.C.: homem, faixa etária B, ensino fundamental completo, Pinhal - SP.

Os três informantes que responderam *margarida* são homens, dois pertencentes à faixa etária B e um à faixa etária A (cf. Figura 13), sendo um informante da cidade de Poços de Caldas, um da cidade de Jacutinga e o último da cidade de Pinhal (cf. Tabela 3). Posteriormente na entrevista esses três informantes relataram não consumir e nem conhecer muitos tipos de chás. Optamos por registrar como abstenção tais casos, não considerando como resposta válida, já que designam outro referente. O repertório masculino apresentou dez ocorrências de *camomila* (31,25% de frequência) e seis abstenções (18,75% de frequência).

Com base nas informações dispostas na Figura 13, observamos que entre os informantes do sexo feminino a predominância é da unidade lexical *camomila*, mencionada por quatorze das dezesseis informantes, o que corresponde a 87,5%, deixando 12,5% de frequência para a abstenção. Quanto a dimensão diageracional, podemos observar a maior frequência da abstenção (25%) (em informantes de faixa etária I (entre 18 e 30 anos), enquanto nos resultados dos informantes de faixa etária II a abstenção constitui apenas 6,25%.

Figura 13. Lexias distribuídas por gênero e faixa etária – Pergunta 41

Fonte: elaboração própria.

Tabela 3. Frequência por cidades e sexo – Pergunta 41¹⁴

LEXIAS	JACUTINGA				PINHAL				S.J. DA BOA VISTA				POÇOS DE CALDAS			
	FA-M	FR-M	FA-F	FR-F	FA-M	FR-M	FA-F	FR-F	FA-M	FR-M	FA-F	FR-F	FA-M	FR-M	FA-F	FR-F
Camomila	3	75%	3	75%	3	75%	4	100%	2	50%	4	100%	2	50%	3	75%
ABS	1	25%	1	25%	1	25%			2	50%			2	50%	1	25%
TOTAIS	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%

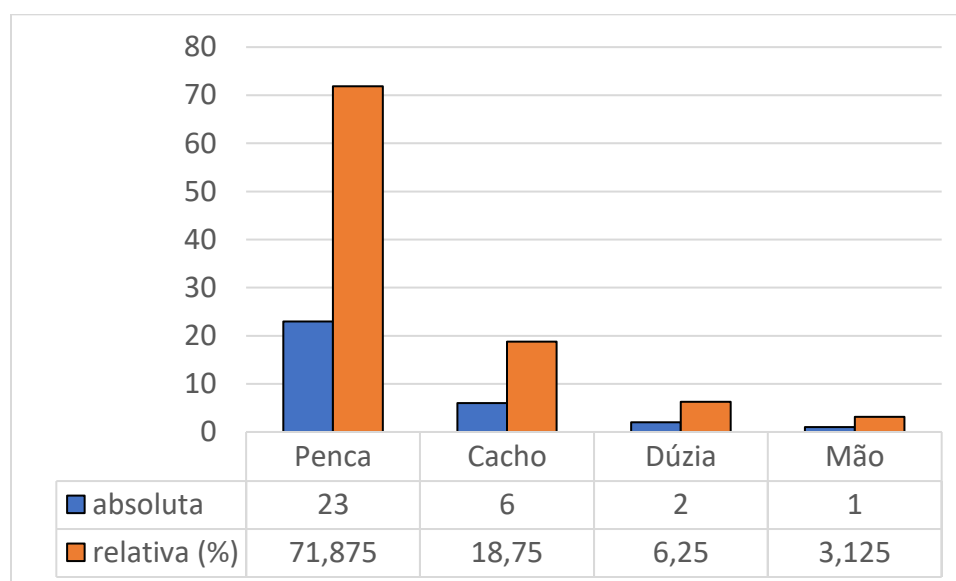
Fonte: elaboração própria.

4.1.4 Pergunta 42. Penca

Como se chama cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar / amadurecer? (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 24).

Nesta pergunta registramos quatro variantes lexicais, apresentadas na Figura 14.

¹⁴ As tabelas de frequência possuem as seguintes abreviaturas: FA-M frequência absoluta sexo masculino; FA-F frequência absoluta sexo feminino; FA-A frequência absoluta faixa etária A; FA-B frequência absoluta faixa etária B; FA-1 frequência absoluta escolaridade 1; FA-2 frequência absoluta escolaridade 2; FR-M frequência relativa sexo masculino; FR-F frequência relativa sexo feminino; FR-A frequência relativa faixa etária A; FR-B frequência relativa faixa etária B; FR-1 frequência relativa escolaridade 1; FR-2 frequência relativa escolaridade 2.

Figura 14. Respostas para a pergunta 42 – *Penca*

Fonte: elaboração própria.

A pergunta 42 apresentou um caso interessante, por indicar um possível processo de mudança em curso. Como podemos observar na Tabela 4, a variante *mão* foi registrada apenas na cidade de Poços de Caldas. A variante *dúzia* foi registrada apenas nas duas maiores cidades, Poços de Caldas e São João da Boa Vista.

Tabela 4. Frequência por cidades e faixa etária – Pergunta 42

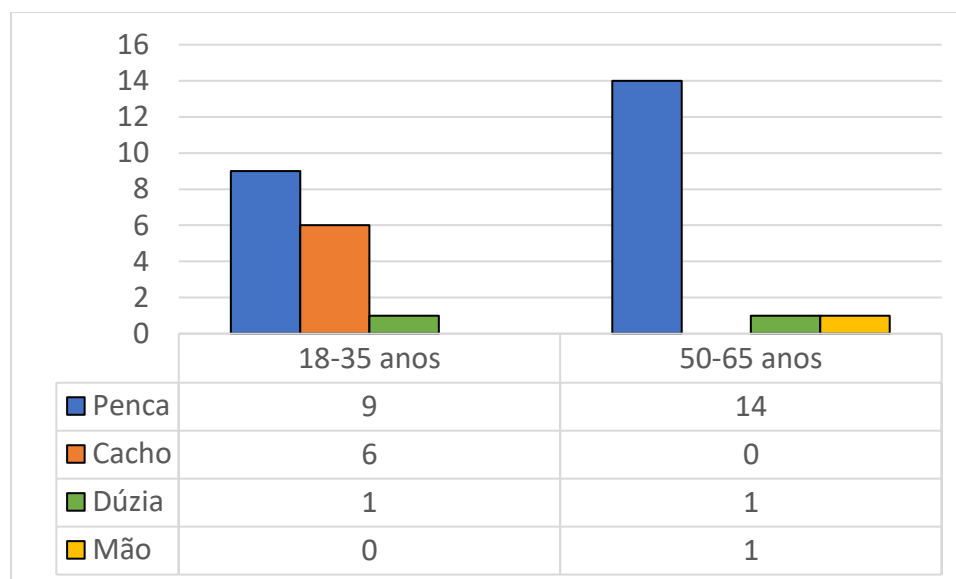
LEXIAS	JACUTINGA				PINHAL				S.J. DA BOA VISTA				POÇOS DE CALDAS			
	FA-A	FR-A	FA-B	FR-B	FA-A	FR-A	FA-B	FR-B	FA-A	FR-A	FA-B	FR-B	FA-A	FR-A	FA-B	FR-B
Penca	3	75%	4	100%	2	50%	4	100%	3	75%	3	75%	1	25%	3	75%
Cacho	1	25%			2	50%			1	25%			2	50%		
Dúzia											1	25%	1	25%		
Mão															1	25%
TOTAIS	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%

Fonte: elaboração própria.

Independentemente da escolaridade e sexo, seis dos dezesseis informantes da faixa etária A (entre 18 e 30 anos) utilizam a forma *cacho* e 2 utilizam *dúzia*, enquanto a forma lexical *penca* está presente predominantemente no vocabulário dos informantes da segunda faixa etária (B), entre 50 e 65 anos (cf. Figura 15). Este fato pode indicar um futuro apagamento da variante *penca*, já que o

distanciamento dos jovens do meio rural está provocando mudanças no acervo lexical dos falantes nessa faixa etária.

Figura 15. Lexias distribuídas por faixa etária – Pergunta 42

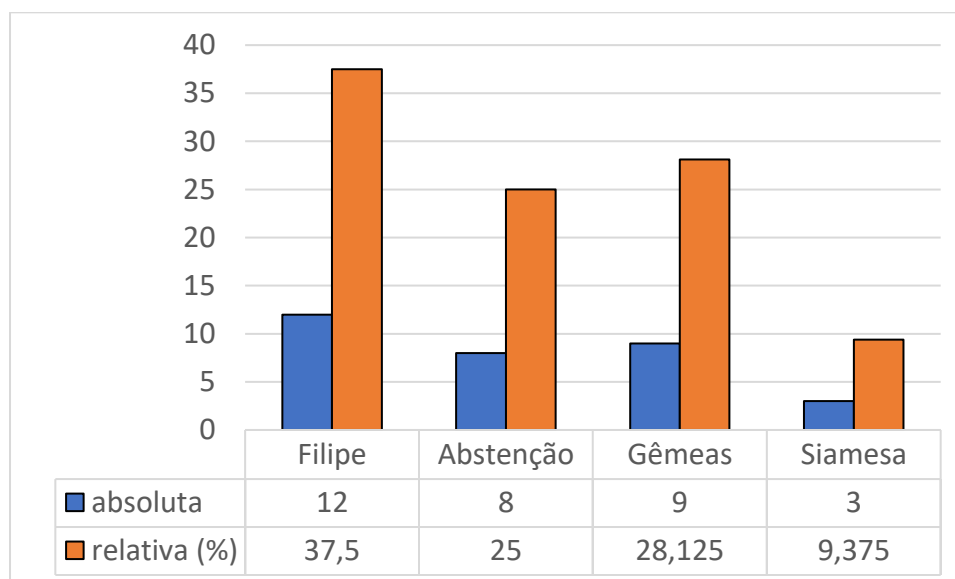


Fonte: elaboração própria.

4.1.5 Pergunta 43. Banana Dupla / Felipe / Gêmeas

Como se chama duas bananas que nascem grudadas? (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 25).

Nesta pergunta, além dos casos de abstenção, obtivemos três variantes lexicais, dispostas na Figura 16.

Figura 16. Respostas para a pergunta 43 – *Banana dupla/Felipe/Gêmeas*

Fonte: elaboração própria.

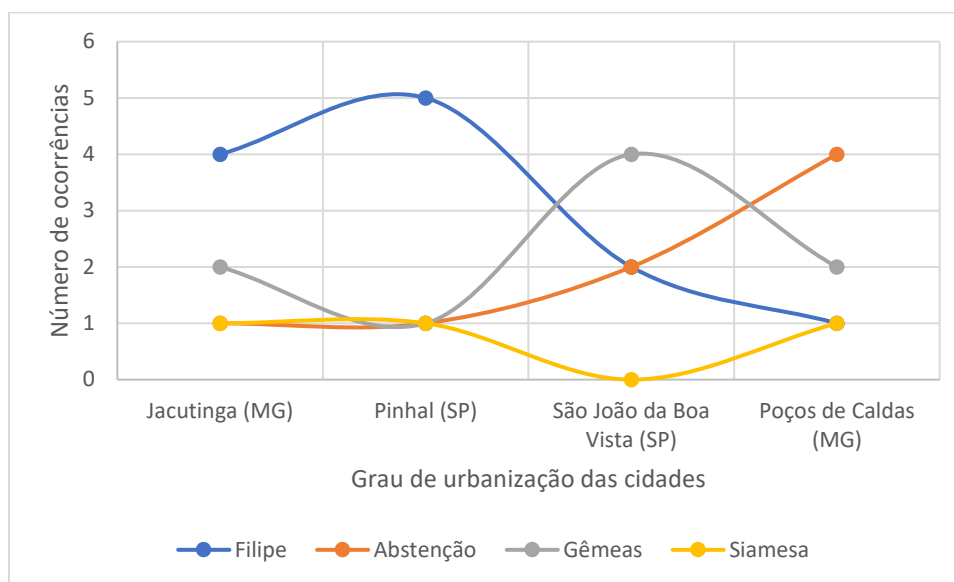
Conforme a Tabela 5 – Frequência por cidades e faixa etária – Pergunta 43, podemos verificar que a variante *filipe* apareceu predominantemente nas cidades com menor urbanização, Espírito Santo do Pinhal – SP e Jacutinga – MG.

Tabela 5. Frequência por cidades e faixa etária – Pergunta 43

LEXIAS	JACUTINGA				PINHAL				S.J. DA BOA VISTA				POÇOS DE CALDAS			
	FA-A	FR-A	FA-B	FR-B	FA-A	FR-A	FA-B	FR-B	FA-A	FR-A	FA-B	FR-B	FA-A	FR-A	FA-B	FR-B
Felipe	1	25%	3	75%	2	50%	3	75%			2	50%			1	25%
Gêmeas	1	25%	1	25%	1	25%			2	50%	2	50%			2	50%
Abstenção	1	25%			1	25%			2	50%			3	75%	1	25%
Siamesas	1	25%					1	25%					1	25%		
TOTAIS	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%

Fonte: elaboração própria.

Para demonstrar a relação entre as variantes e o grau de urbanização das cidades, resultado da aplicação do índice proposto em nossa metodologia, podemos construir uma figura que apresente a dispersão do número de ocorrências em relação ao eixo de urbanização.

Figura 17. Frequência por cidades em escala de urbanização – Pergunta 43

Fonte: elaboração própria.

Podemos verificar que em cidades mais urbanizadas o aparecimento da variante *filipe* diminui, passando de quatro ocorrências em Jacutinga para cinco em Pinhal, duas em São João e uma em Poços, ao passo que a abstenção tem sua frequência aumentada de conforme o aumento da urbanização. Deste modo, com a amostra que possuímos, podemos ligar o uso da unidade *filipe* às cidades menos urbanizadas e um maior índice de abstenção nas cidades com maior urbanização.

Mesmo tendo apresentado no gráfico e nas tabelas de frequência apenas a forma *filipe*, a variante *filipo* foi produzida por um informante na cidade de Espírito Santo do Pinhal – SP, de faixa etária B e escolaridade 1. Esta variante foi inserida no agrupamento lexical de *filipe* (cf. Quadro 4), que possui maior ocorrência. Deste modo possuímos três variantes para esta pergunta, além da abstenção.

Quadro 4. Agrupamentos lexicais - Pergunta 43

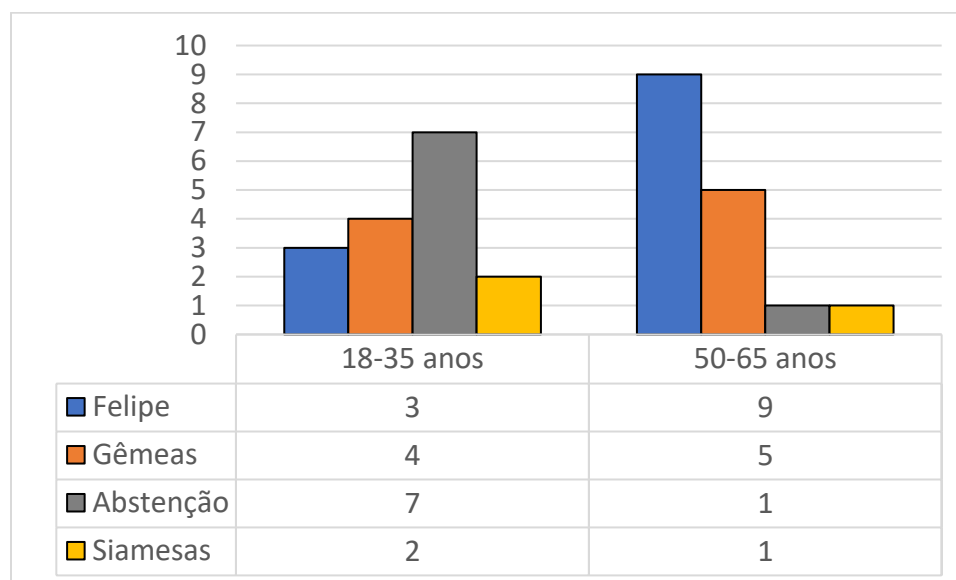
Agrupamentos lexicais	Itens lexicais agrupados
<i>Filipe</i>	<i>filipe; filipo</i>
<i>Siamesas</i>	<i>siamesas; siamesa</i>
<i>Gêmeas</i>	<i>gêmeos; gêmeas;</i>

Fonte: elaboração própria

A abstenção está presente predominantemente nos dados de informantes da faixa etária A, entre 18 e 30 anos. Já a variedade *siamesa* só está presente em informantes que possuem

escolaridade nível 2, que é o ensino superior completo. As outras variedades apareceram equitativamente entre gênero, faixa etária e escolaridade.

Figura 18. Lexias distribuídas por faixa etária – Pergunta 43



Fonte: elaboração própria.

No que diz respeito à dicionarização da variante, encontramos nos dicionários digitais Aurélio e Aulete as seguintes definições do verbete:

Quadro 5. Definições para o verbete *filipe*

Aulete	Aurélio
<p>filipe (fi.li. pe)</p> <p>sm.</p> <p>1. Cada uma das sementes de algodão que se ligam entre si em função do ataque da lagarta-rosada</p> <p>2. <i>Bras. Gar.</i> Formação que se assemelha a dois diamantes interligados</p> <p>3. <i>BA</i> Pequeno saco de couro para guardar comida</p> <p>4. <i>Bras. Ornit.</i> Ave passeriforme da fam. dos tiranídeos (<i>Myiophobus fasciatus</i>), encontrada da Costa Rica até a Argentina, inclusive por todo o Brasil, e que possui partes acinzentadas e outras brancas com estrias escuras e píleo</p>	<p>filipe [Der. regress. de <i>filipina</i>.]</p> <p>Substantivo masculino</p> <p>01. <i>Bras.</i> Cada uma das sementes do algodão que, em consequência do ataque da lagarta-rosada, se apresentam grudadas umas às outras.</p> <p>02. <i>Bras. SP Obsol.</i> Dois grãos de café fundidos, dentro de uma casa única, levemente fendida no sentido longitudinal dos grãos.</p>

amarelo [F.: de orig. obsc.]	
---------------------------------	--

Fonte: elaboração própria.

A definição que buscamos para o item em questão encontra-se na segunda acepção do verbete no dicionário Aurélio, que destaca a marca *brasileirismo* e *obsoleto*. A marca *brasileirismo* caracteriza as unidades linguísticas que foram criadas e formadas no Brasil, com base em outras palavras já existente no vernáculo (FAULSTICH, 2004, p. 8), uma clara oposição ao português europeu. Ainda sobre as marcas geográficas, temos a marca *SP*, que indica uso no estado de São Paulo.

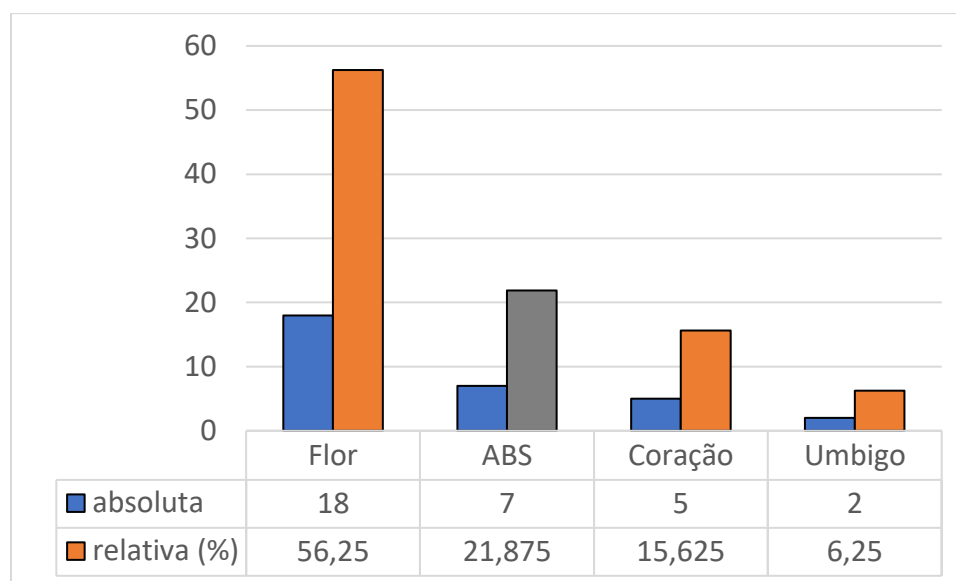
Tratando-se de uma variante claramente ligada ao cenário rural, demos maior atenção à marca *obsoleto* ou *obsolescente*, que “classificam vocábulos, locuções ou acepções que deixaram de ser empregados já dentro dos séculos XX e XXI, ou cujo uso se acha em processo de marginalização” (VILARINHO, 2017, p. 383). Sua utilização se mostra apropriada com base nos dados coletados, que indicam uma relação direta entre maior urbanização de uma região e o declínio do uso da unidade *filipe*, como vimos na Figura 17.

4.1.6 Pergunta 44. Parte Terminal Da Inflorescência Da Bananeira / Umbigo / Coração

Como se chama a ponta roxa no cacho da banana? (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 25).

A pergunta 44 retornou três variantes e abstenção, apresentadas na Figura 19.

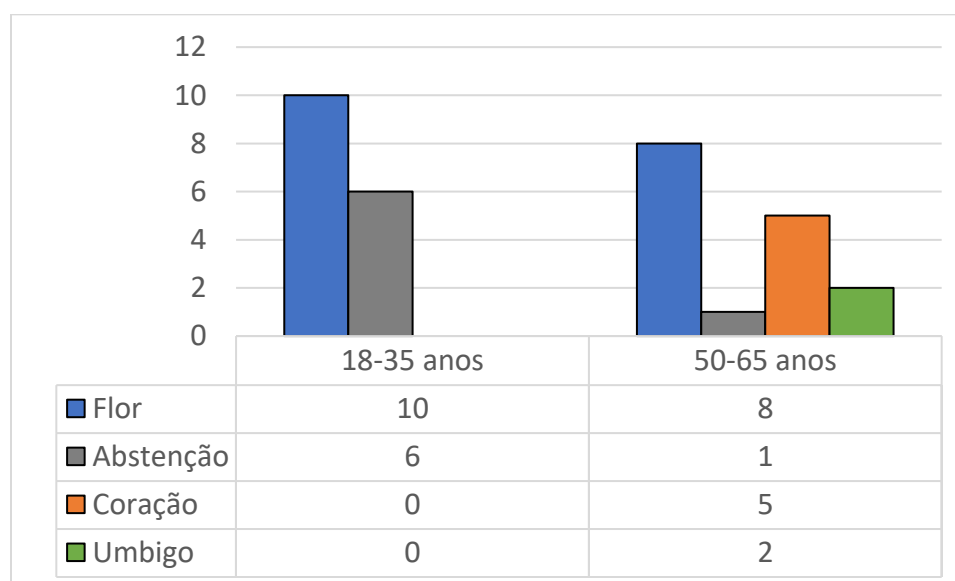
Figura 19. Respostas para a pergunta 44 – *Parte terminal da inflorescência da bananeira/Umbigo/Coração*



Fonte: elaboração própria.

As respostas apareceram proporcionalmente nas categorias de escolaridade e sexo, sendo a idade, mais uma vez, o fator de maior influência neste fenômeno.

Os dados da Figura 20 demonstram as variantes mais utilizadas em cada grupo, composto pelos informantes das respectivas faixas etárias. A unidade *coração* só está presente no grupo de informantes com idade entre 50 e 65 anos; a forma lexical *umbigo* também ocorreu apenas nas respostas dos informantes dessa faixa etária; a variante *flor*, apesar de ter sido resposta de alguns informantes entre 50 e 65 anos, representa 62,5% das respostas de informantes com idade entre 18 e 30 anos; a abstenção ocorreu seis vezes entre os informantes mais jovens e apenas uma vez entre os informantes mais velhos.

Figura 20. Lexias distribuídas por faixa etária – Pergunta 44

Fonte: elaboração própria.

Ao observar os dados da Tabela 6, podemos perceber, mais uma vez, a frequência da abstenção que aumenta gradativamente conforme o grau de urbanização das cidades se altera: ocorreu uma vez em Jacutinga, cidade com menor urbanização, uma vez em Pinhal, duas vezes em São João e três vezes em Poços de Caldas, cidade mais urbanizada dentre as quatro.

Tabela 6. Frequência por cidades e faixa etária – Pergunta 44

LEXIAS	JACUTINGA				PINHAL				S.J. DA BOA VISTA				POÇOS DE CALDAS			
	FA-A	FR-A	FA-B	FR-B	FA-A	FR-A	FA-B	FR-B	FA-A	FR-A	FA-B	FR-B	FA-A	FR-A	FA-B	FR-B
Flor	3	75%	2	50%	3	75%	1	25%	3	75%	2	50%	1	25%	3	75%
Abstenção	1	25%			1	25%			1	25%	1	25%	3	75%		
Coração			2	50%			2	50%			1	25%				
Umbigo							1	25%							1	25%
TOTAIS	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%

Fonte: elaboração própria.

Como demonstrado nas transcrições abaixo, alguns informantes conhecem outras designações para o mesmo referente:

3. INF. – **Coração.**

INQ. – Já ouviu outro nome?

INF. – Tem gente que chama de **flor**, eu acho. **Flor da bananeira.** Mas eu chamo **coração.**

Inf. V. V. D.: mulher, faixa etária A, ensino superior completo, SJBV - SP.

4. INF. – **Imbigo.**

INQ. – Já ouviu outro nome?

INF. – Já ouvi. Vai me desculpa, não lembro. Mas já ouvi. Mas eu chamo **imbigo**, do final do cacho, deve ser de parecer, né?

Inf. M.R.A.: mulher, faixa etária B, ensino fundamental completo, Poços - MG.

Tabela 7. Agrupamentos lexicais – Pergunta 44

Agrupamentos lexicais	Itens lexicais agrupados
<i>coração</i>	<i>coração;</i>
<i>umbigo</i>	<i>umbigo; imbigo</i>
<i>flor</i>	<i>flor; flor da bananeira</i>

Fonte: elaboração própria

4.1.7 Pergunta 45. Espiga

Quando se vai colher o milho, o que é que se tira do pé? [Quando se vai à feira comprar milho, compra-se o quê?] (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 25).

A pergunta 45 registrou o uso categórico da lexia *espiga*.

Tabela 8. Respostas para a pergunta 45 - *Espiga*

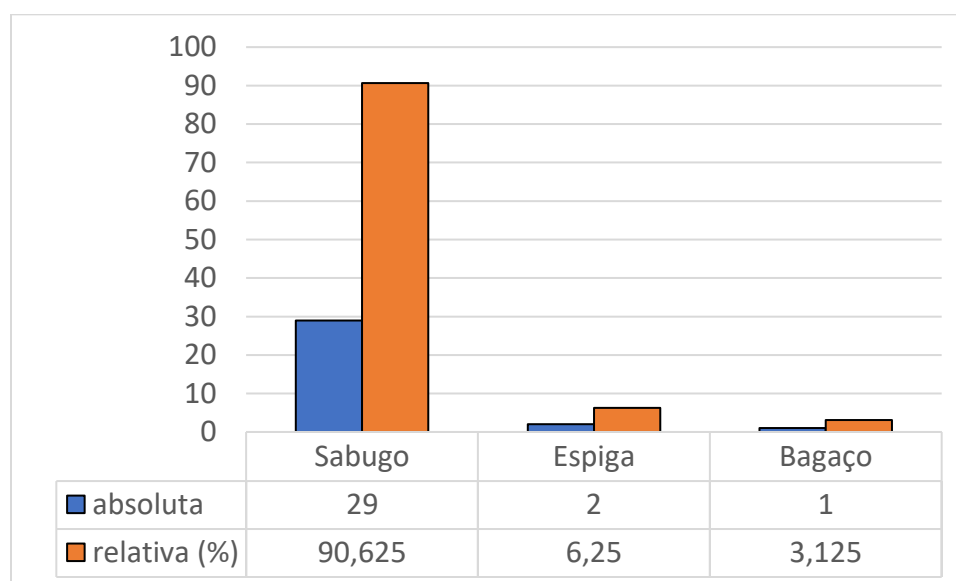
Lexia	Frequência absoluta	Frequência relativa
Espiga	32	100%

Fonte: elaboração própria.

4.1.8 Pergunta 46. Sabugo

Quando se tira da _____ (cf. item 45) todos os grãos do milho, o que sobra? (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 25).

Nesta pergunta obtivemos três variantes lexicais, dispostas na Figura 21.

Figura 21. Respostas para a pergunta 46 - *Sabugo*

Fonte: elaboração própria.

Conforme podemos verificar na Tabela 9, registramos as três variantes lexicais na cidade de Poços de Caldas – MG, duas na cidade de São João da Boa Vista – SP e uso categórico de *sabugo* na cidade de Jacutinga – MG e Espírito Santo do Pinhal – SP.

Tabela 9. Frequência por cidades e faixa etária – Pergunta 46

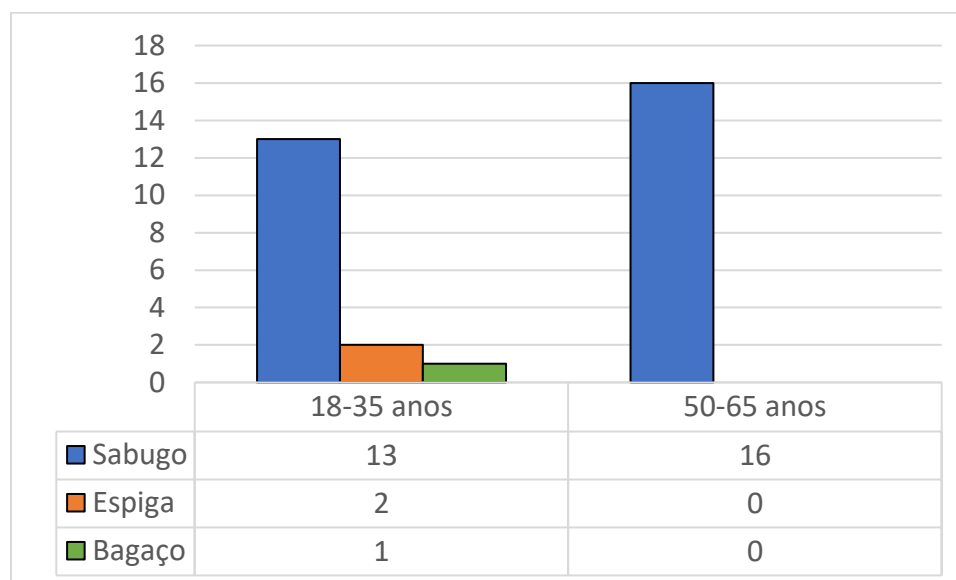
LEXIAS	JACUTINGA				PINHAL				S.J. DA BOA VISTA				POÇOS DE CALDAS			
	FA-A	FR-A	FA-B	FR-B	FA-A	FR-A	FA-B	FR-B	FA-A	FR-A	FA-B	FR-B	FA-A	FR-A	FA-B	FR-B
Sabugo	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	3	75%	4	100%	2	50%	4	100%
Espiga									1	25%			1	25%		
Bagaço													1	25%		
TOTAIS	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%

Fonte: elaboração própria.

Como atestam os dados da Figura 22, a variante *sabugo* teve 100% de ocorrência dentre as repostas dadas por informantes com idade entre 50 e 65 anos. A variação lexical ocorreu apenas nas respostas dos informantes com idade entre 18 e 30 anos, com a variante *espiga* retornando 12,5% de frequência, enquanto a variante *bagaço*, produzida por um informante de faixa etária A

e oriundo da cidade de Poços de Caldas (MG), teve uma ocorrência, o que corresponde a 6,25% das respostas de todos os informantes de faixa etária A.

Figura 22. Lexias distribuídas por faixa etária – Pergunta 46



Fonte: elaboração própria.

O informante que utiliza a forma *bagaço*, quando questionado, relatou utilizar esta forma de maneira generalizada, inclusive para frutas como laranja e uva, como consta no exemplo 5.

5. INF. – **Bagaço?**

INQ. – Mas, do milho?

INF. – Não é?

INQ. – É que do milho... se você comer, usa **bagaço**?

INF. – Se acabou, é o **bagaço**... do milho, da laranja, da uva. Não é **bagaço**?

INQ. – É... é pra saber qual você usa.

INF. – Se eu comer, fica o resto, o **bagaço**.

Inf. R. P. P.: homem, faixa etária A, ensino superior completo, Poços – MG.

4.1.9 Pergunta 47. Soca / Touceira

Depois que se corta o pé de arroz ou de fumo, ainda fica uma pequena parte no chão. Como se chama essa parte? (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 25).

Nenhum informante conhece uma lexia para a pergunta 47, resultando em abstenção total.

Tabela 10. Respostas para a pergunta 47 – *Soca/Touceira*

Lexia	Frequência absoluta	Frequência relativa
Ø	32	100%

Fonte: elaboração própria.

Soca e *touceira* são termos muito desconhecidos na região, ambos se mostrando raros até mesmo em pesquisas de imagens em ferramentas de busca. O dicionário Aulete nos traz a definição de *soca* como um brasileirismo em regiões específicas com cultivo de fumo, arroz e erva mate. O verbete *touceira* aparenta ser mais generalizado, não só pela ausência das marcas de uso diatópicas, mas pelas acepções que definem como qualquer “moita espessa” ou “parte da planta que permanece viva no solo, após corte do caule” (cf. Quadro 6).

Quadro 6. Definições das palavras *soca* e *touceira* no dicionário Aulete

Aulete Digital	
<p>soca (so.ca) [ó]</p> <p><i>sf.</i></p> <ol style="list-style-type: none"> <i>Bot.</i> Caule subterrâneo; RIZOMA <i>Bras.</i> Segunda produção da cana-de-açúcar, depois do corte da primeira <i>Bras.</i> Touceira de capim <i>Bras. N.E.</i> Segunda colheita do fumo <i>Bras. ES.</i> Segunda colheita do arroz <i>Bras. RS.</i> Para os ervateiros, a árvore do mate após podada <i>Lus.</i> Ver <i>tamanco</i> <p>[F.: De or. contrv. Hom./Par.: <i>soca</i> (fl. de <i>socar</i>).]</p>	<p>touceira (tou.cei.ra)</p> <p><i>sm.</i></p> <ol style="list-style-type: none"> Moita espessa Conjunto de espécimes vegetais que nascem muito próximos entre si (touceira de bambu) Parte da planta que permanece viva no solo, após o corte do caule <p>[F.: <i>touça</i> + <i>-eira</i>.]</p>

Fonte: Aulete Digital¹⁵.

O Dicionário Aurélio, por sua vez, atribui a marca *Bot.* (botânica) ao verbete *touceira*, indicando seu total pertencimento ao campo da botânica.

Quadro 7. Definições das palavras *soca* e *touceira* no Dicionário Aurélio

Aurélio Digital

¹⁵ Disponível em: <https://www.aulete.com.br/index.php>. Acesso em 10 de abril de 2021.

<p>soca [Do tupi = ‘renovo’, ‘pimpolho’.]</p> <p>Substantivo feminino.</p> <p>1. <i>Bot.</i> Nome vulgar de rizoma ou caule subterrâneo.</p> <p>2. <i>Bras.</i> A segunda produção da cana depois de cortada a primeira. [A primeira é planta; a segunda, soca; a terceira, ressoca; a quarta, contrassoca.]</p> <p>3. <i>Bras.</i> Touceira de capim.</p> <p>4. <i>Bras. N.E.</i> A segunda colheita do fumo.</p> <p>5. <i>Bras. ES.</i> A segunda colheita do arroz.</p> <p>6. <i>Bras. RS.</i> Entre os ervateiros, a árvore de mate quando podada.</p> <p>7. <i>Bras. S.</i> de MG. Fumo de qualidade inferior.</p> <p>8. <i>Bras. SC.</i> Espiga de milho.</p>	<p>touceira [De touça + -eira]</p> <p>Substantivo masculino. Bot.</p> <p>01. Grande touça ou moita.</p> <p>02. Parte da árvore que fica viva no solo depois de cortado o caule da árvore; cepa.</p> <p>03. Conjunto de rebentos ou filhos de uma planta. [F. paral.: toiceira.]</p>
---	---

Fonte: Aurélio Digital¹⁶.

Os verbetes são muito semelhantes nos dois dicionários, ambos destacam a relação de sinonímia entre as duas palavras, presente na terceira acepção de *soca*.

Por conta da falta de familiaridade dos informantes com o cultivo de arroz ou fumo e as plantas em si, para a pergunta 47 registramos abstenção total. Esta abstenção indica um distanciamento da vida rural no cotidiano dos informantes das quatro cidades.

4.1.10 Pergunta 48. Girassol

Como se chama uma flor grande, amarela, redonda, com uma rodela de sementes no meio?
(COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 25).

A pergunta 48 retornou o uso categórico de *girassol*. Os informantes nunca ouviram nenhuma outra forma que venha a designar a mesma flor.

¹⁶ Disponível em: <https://play.google.com/store/apps/details?id=br.com.editorapositivo.aurelio&hl=en&gl=US>. Acesso em 10 de abril de 2021.

Tabela 11. Respostas para a pergunta 48 - *Girassol*

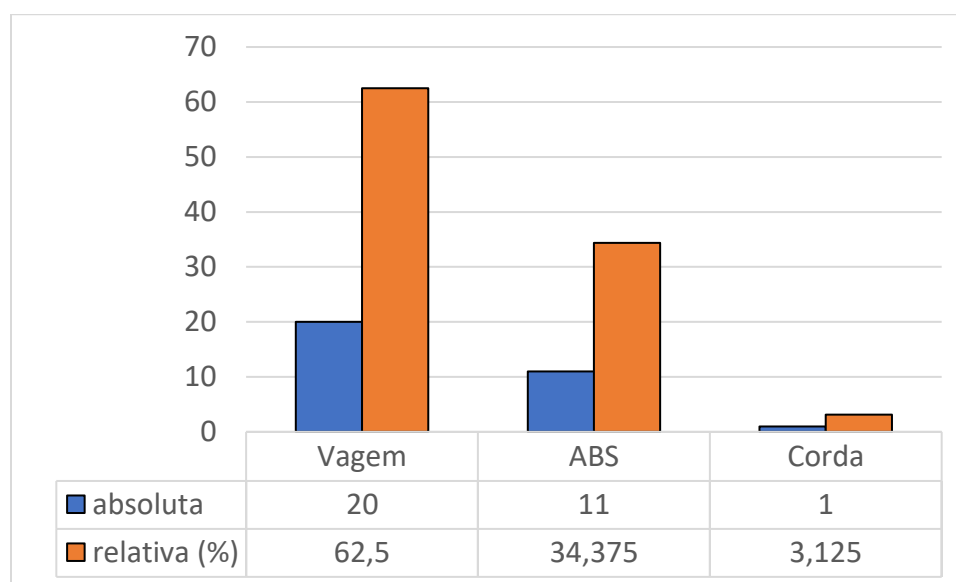
Lexia	Frequência absoluta	Frequência relativa
Girassol	32	100%

Fonte: elaboração própria.

4.1.11 Pergunta 49. Vagem Do Feijão / Bainha

Onde é que ficam os grãos do feijão, no pé, antes de serem colhidos? (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 25).

A pergunta 49 retornou duas variantes lexicais, apresentadas na Figura 23.

Figura 23. Respostas para a pergunta 49 – *Vagem do feijão/Bainha*

Fonte: elaboração própria.

Como se vê, houve 20 ocorrências de *vagem*, 11 abstenções e uma ocorrência de *corda*. A variante *corda* foi resposta de um informante do sexo masculino, natural de Poços de Caldas (cf. Tabela 12) de faixa etária A (cf. Figura 24) e escolaridade 1. Durante a entrevista, o informante explicou que sua avó é natural de uma pequena cidade de Pernambuco e foi ela quem o criou (fato que foi anotado em sua ficha social), tendo aprendido a forma com a avó.

6. INF. – Na corda.
 INQ. - Corda?
 INF. – É. Corda da vagem.

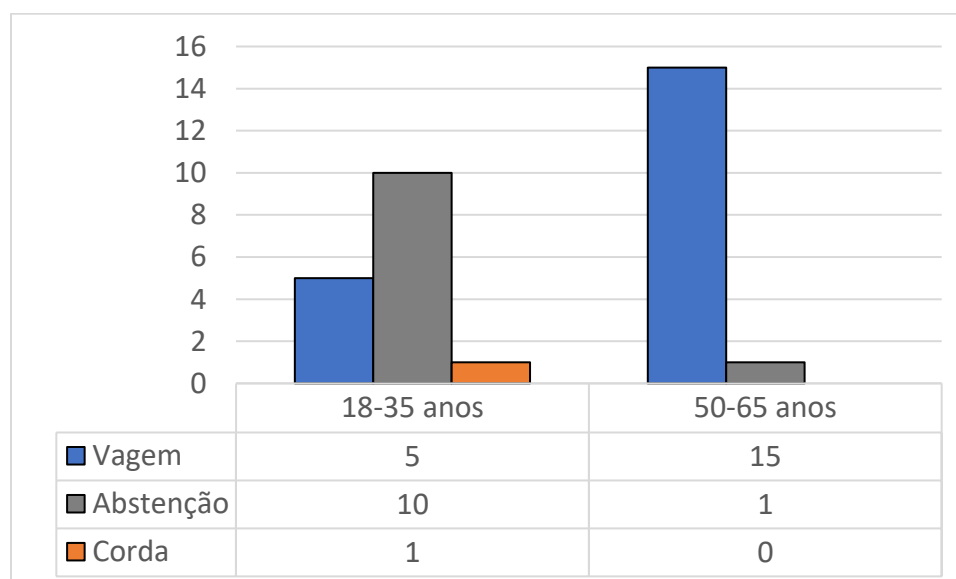
INQ. – Você acha que o povo aqui de Poços chama de corda? Já ouviu alguém falar corda?

INF. – Ah, não sei. A minha avó fala corda. Ela veio de Pernambuco, eu puxei o sotaque um pouco dela, daí eu falo corda.

Inf. L. L. S. G.: homem, faixa etária A, ensino fundamental completo, Poços – MG.

O gráfico a seguir mostra a ocorrência das lexias quando distribuídas por faixa etária dos informantes. Verificamos que a abstenção foi maior em informantes da primeira faixa etária, entre 18 e 30 anos.

Figura 24. Lexias distribuídas por faixa etária – Pergunta 49



Fonte: elaboração própria.

Analisando as informações dispostas na tabela a seguir, verificamos, mais uma vez, duas abstenções nas duas cidades de menor porte, Jacutinga e Pinhal, três abstenções em São João e quatro abstenções em Poços de Caldas, confirmando um crescimento da abstenção em relação ao perfil de urbanização das cidades, da menos urbanizada para a mais urbanizada.

Tabela 12. Frequência por cidades e faixa etária – Pergunta 49

LEXIAS	JACUTINGA				PINHAL				S.J. DA BOA VISTA				POÇOS DE CALDAS			
	FA-A	FR-A	FA-B	FR-B	FA-A	FR-A	FA-B	FR-B	FA-A	FR-A	FA-B	FR-B	FA-A	FR-A	FA-B	FR-B
Vagem	2	50%	4	100%	2	50%	4	100%	1	25%	4	100%			3	75%
Abstenção	2	50%			2	50%			3	75%			3	75%	1	25%
Corda													1	25%		
TOTAIS	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%

Fonte: elaboração própria.

4.1.12 Pergunta 50. Mandioca / Aipim

Como se chama aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer? (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 25).

A pergunta 50 retornou o uso categórico de *mandioca*. Os informantes conhecem outras variedades, como *macaxeira* e *aipim*, e as relacionam a outras regiões do Brasil. Alguns informantes ressaltaram que compram nas padarias locais das quatro cidades o “bolo de aipim”, alguns até o fazem, porém ao descrever a raiz usada na receita utilizam a lexia *mandioca* e não *aipim*, forma que caracteriza o tipo de bolo.

Tabela 13. Respostas para a pergunta 50 – *Mandioca/Aipim*

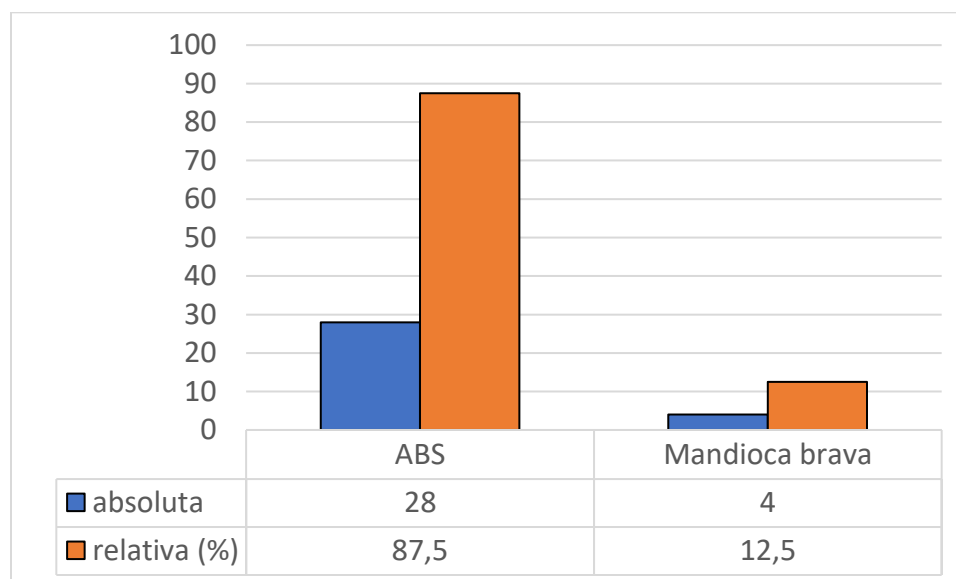
Lexia	Frequência absoluta	Frequência relativa
Mandioca	32	100%

Fonte: elaboração própria.

4.1.13 Pergunta 51. Mandioca

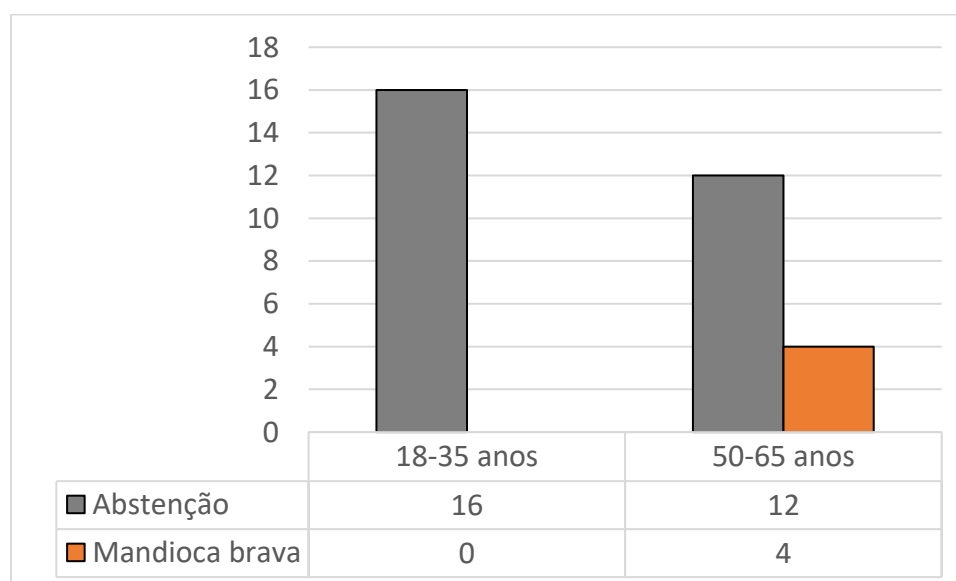
Como se chama uma raiz parecida com _____ (cf. item 50) que não serve para comer e se rala para fazer farinha (polvilho, goma)? (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 25).

Nesta pergunta registramos apenas uma lexia, como demonstra a Figura 25.

Figura 25. Respostas para a pergunta 51 – *Mandioca*

Fonte: elaboração própria.

A pergunta 51 trata de uma raiz que não se tem o costume de comer dos mesmos modos que a mandioca comum. *Mandioca brava* tem frequência absoluta 4. Foi resposta apenas de informantes da segunda faixa etária (cf. Figura 26), de idade entre 50 e 65 anos. Apareceu uma vez em Poços de Caldas e três vezes na cidade de Jacutinga, a cidade com maior grau de ruralidade entre as quatro. As duas cidades são situadas no estado de Minas Gerais.

Figura 26. Lexias distribuídas por faixa etária – Pergunta 51

Fonte: elaboração própria.

Tabela 14. Frequência por cidades e faixa etária – Pergunta 51

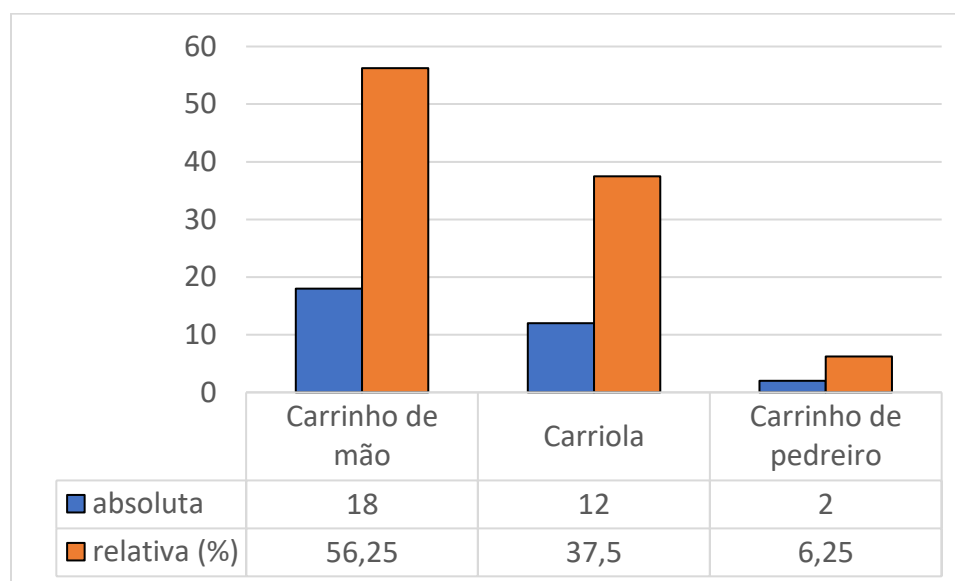
LEXIAS	JACUTINGA				PINHAL				S.J. DA BOA VISTA				POÇOS DE CALDAS			
	FA-A	FR-A	FA-B	FR-B	FA-A	FR-A	FA-B	FR-B	FA-A	FR-A	FA-B	FR-B	FA-A	FR-A	FA-B	FR-B
Abstenção	4	100%	1	25%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	3	75%
Mandioca brava			3	75%											1	25%
TOTAIS	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%

Fonte: elaboração própria.

4.1.14 Pergunta 52. Carrinho De Mão / Carriola

Como se chama um veículo de uma roda, empurrado por uma pessoa, para pequenas cargas em trechos curtos? (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 25).

Nesta pergunta registramos as variantes lexicais apresentadas na Figura 27.

Figura 27. Respostas para a pergunta 52 – Carrinho de mão/Carriola

Fonte: elaboração própria.

Foram obtidas três respostas diferentes: *carrinho ou carrinho de mão*, *carriola* e *carrinho de pedreiro*. Registramos também a designação “*carrinho*”, que foi agrupada com a forma de maior ocorrência “*carrinho de mão*”.

Quadro 8. Agrupamentos lexicais – Pergunta 52

Agrupamentos lexicais	Itens lexicais agrupados
<i>carrinho de mão</i>	<i>carrinho; carrinho de mão</i>
<i>carriola</i>	<i>carriola</i>
<i>carrinho de pedreiro</i>	<i>carrinho de pedreiro</i>

Fonte: elaboração própria.

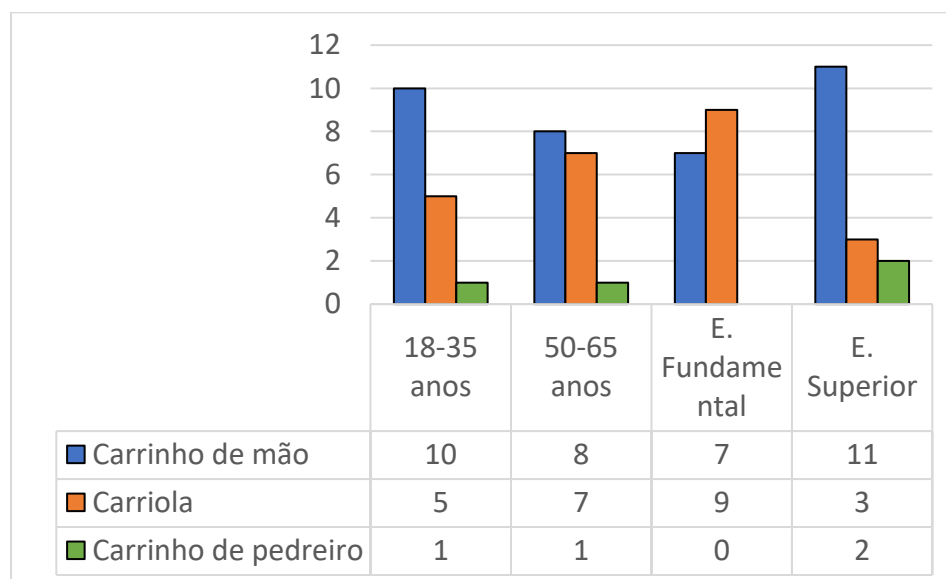
As três formas lexicais se distribuíram sem influência da variável sexo. Nesta pergunta, as categorias sociais de maior relevância foram a idade e escolaridade. A lexia *carrinho de mão* apareceu nos quatro pontos; *carriola* foi registrada seis vezes em Pinhal – SP, 4 vezes em Jacutinga – MG, 2 vezes em São João da Boa Vista e não aparece em Poços de Caldas - MG.

Tabela 15. Frequência por cidades e escolaridade – Pergunta 52

LEXIAS	JACUTINGA				PINHAL				S.J. DA BOA VISTA				POÇOS DE CALDAS			
	FA-1	FR-1	FA-2	FR-2	FA-1	FR-1	FA-2	FR-2	FA-1	FR-1	FA-2	FR-2	FA-1	FR-1	FA-2	FR-2
Carrinho de mão	1	25%	3	75%			2	50%	2	50%	3	75%	4	100%	3	75%
Carriola	3	75%	1	25%	4	100%	2	50%	2	50%						
Carrinho de pedreiro											1	25%			1	25%
TOTAIS	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%

Fonte: elaboração própria.

Ao visualizar os dados expressos na Tabela 15 e na Figura 28, percebemos que a lexia *carriola* aparece predominantemente nas respostas de informantes com ensino básico (escolaridade 1) e informantes com idades entre 50 e 65. A variante *carrinho de pedreiro* foi registrada apenas nas entrevistas com informantes com curso superior e está presente nas duas cidades de maior urbanização: Poços de Caldas e São João da Boa Vista.

Figura 28. Lexias distribuídas por faixa etária e escolaridade – Pergunta 52

Fonte: elaboração própria.

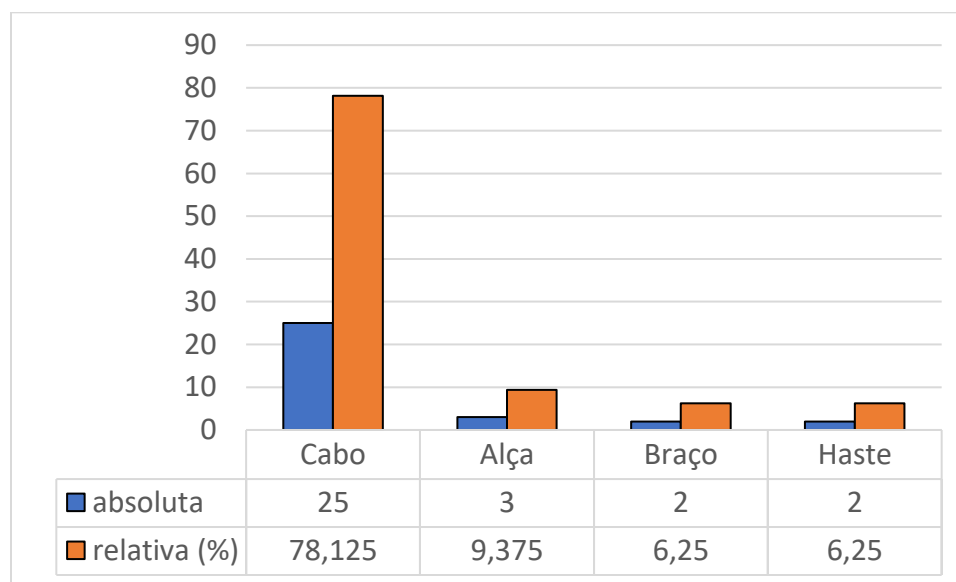
Um dado a ser destacado é a produção da variante lexical *carriola* no grupo de informantes que possuem apenas ensino fundamental. Somente neste grupo a variante *carriola* foi registrada com maior frequência do que a variante *carrinho de mão*. Como ilustra o exemplo 7, alguns informantes conhecem outras formas e as associam a certos grupos sociais.

7. INF. – **Carrinho. Carrinho de mão.**
 INQ. – Carrinho de mão?
 INF. – É. **Carriola, carrinho de mão.**
 INQ. – Mas você usa qual?
 INF. – Uso **carriola**. Mas pode ser que eu use **carrinho de mão**. Depende.
 INQ. – Depende de quê?
 INF. – Ah, vamos supor... se eu tô falando com um pedreiro e ele usa **carriola**, daí eu uso só **carriola**. Agora se alguém chamar **carrinho de mão**, acho que aí eu chamo **carrinho de mão**. Normal assim natural eu falaria só **carrinho**.

4.1.15 Pergunta 53. Hastes Do Carrinho De Mão

Como se chamam as duas partes em que a pessoa segura para empurrar o(a) _____ (cf. item 52)? (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 25).

Nesta pergunta registramos quatro variantes lexicais, dispostas na Figura 29.

Figura 29. Respostas para a pergunta 53 – *Hastes do carrinho de mão*

Fonte: elaboração própria.

As ocorrências desta pergunta não apresentaram correlações significativas com as variáveis sociais e as cidades, pois não há diferenças expressivas na distribuição das variantes. A lexia *haste* foi a única que não apareceu em todas as categorias sociais, mencionada apenas por informantes com idade entre 18 e 30 anos e com curso superior. Todas as outras lexias foram citadas por informantes pertencentes a todas as categorias.

A distribuição das ocorrências por cidades está apresentada na Tabela 16:

Tabela 16. Frequência por cidades – Pergunta 53

LEXIAS	JACUTINGA		PINHAL		S.J. DA BOA VISTA		POÇOS DE CALDAS		TOTAIS	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR
Cabo	6	75%	6	75%	6	75%	7	87,5%	25	78%
Alça	1	12,5%	1	12,5%	1	12,5%			3	9%
Braço					1	12,5%	1	12,5%	2	6,5%
Haste	1	13%	1	13%					2	6,5%
TOTAIS	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%	32	100%

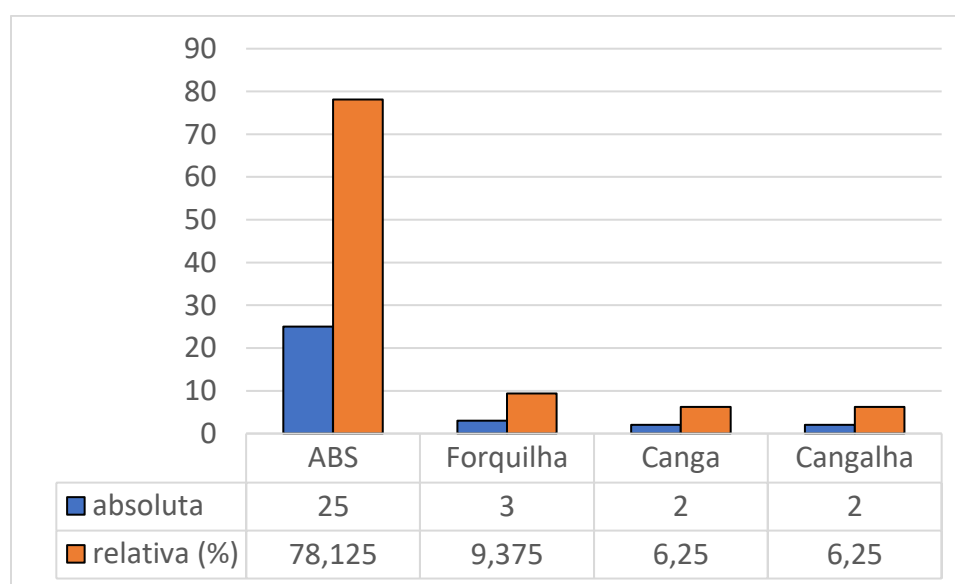
Fonte: elaboração própria.

4.1.16 Pergunta 54. Cangalha / Forquilha

Como se chama a armação de madeira que se coloca no pescoço de animais (porco, terneiro/bezerro, carneiro, vaca) para não atravessarem a cerca? (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 25).

Nesta pergunta registramos três variantes lexicais, apresentadas na figura abaixo.

Figura 30. Respostas para a pergunta 54 – *Cangalha/Forquilha*



Fonte: elaboração própria.

A pergunta 54 se refere aos objetos que eram usados antigamente em fazendas, armações colocadas nos pescoços de animais para que eles não destruíssem hortas e outras plantações, mantendo esses animais no local desejado para fácil manejo. Com novas técnicas de plantio e produção agrícola, estes objetos podem ter caído em desuso. Desta forma, muitos informantes que nunca tiveram contato com a zona rural ou que não têm conhecimento de suas práticas não souberam responder a pergunta 54, que resultou em 25 abstenções, 3 ocorrências de *forquilha*, 2 de *canga* e 2 ocorrências de *cangalha*. É importante ressaltar que na faixa etária A (18-30 anos), a abstenção foi quase total: somente um informante, com ensino fundamental e que viveu na zona rural durante a infância respondeu *forquilha*.

Tabela 17. Frequência por cidades e faixa etária – Pergunta 54

LEXIAS	JACUTINGA				PINHAL				S.J. DA BOA VISTA				POÇOS DE CALDAS			
	FA-A	FR-A	FA-B	FR-B	FA-A	FR-A	FA-B	FR-B	FA-A	FR-A	FA-B	FR-B	FA-A	FR-A	FA-B	FR-B
Abstenção	3	75%	2	50%	4	100%	1	25%	4	100%	4	100%	4	100%	3	75%
Forquilha	1	25%	1	25%			1	25%								
Canga							1	25%							1	25%
Cangalha			1	25%			1	25%								
TOTAIS	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%

Fonte: elaboração própria.

Apenas informantes de faixa etária B (50-65 anos) e que estão inseridos na categoria 1 da escolaridade – possuir apenas o ensino fundamental – tinham conhecimento do objeto, retornando as três variações. *Forquilha* apareceu uma vez em Pinhal - SP e duas vezes em Jacutinga - MG. *Canga* apareceu uma vez em Pinhal - SP e uma vez em Poços de Caldas - MG. *Cangalha* foi registrada uma vez em Jacutinga - MG e uma vez em Pinhal - SP. Verificamos, portanto, que a maior variedade de denominações ocorreu justamente nas cidades com menor grau de urbanização.

Tabela 18. Frequência por cidades e escolaridade – Pergunta 54

LEXIAS	JACUTINGA				PINHAL				S.J. DA BOA VISTA				POÇOS DE CALDAS			
	FA-1	FR-1	FA-2	FR-2	FA-1	FR-1	FA-2	FR-2	FA-1	FR-1	FA-2	FR-2	FA-1	FR-1	FA-2	FR-2
Abstenção	1	25%	4	100%	1	25%	4	100%	4	100%	4	100%	3	75%	4	100%
Forquilha	2	50%			1	25%										
Canga					1	25%							1	25%		
Cangalha	1	25%			1	25%										
TOTAIS	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%

Fonte: elaboração própria.

Entendemos que, de agora em diante, estaremos lidando com perguntas que tratam de designações oriundas quase exclusivamente do estilo de vida rural. Vemos a necessidade de nos amparar nas definições de alguns dicionários para nos auxiliar na compreensão do referente de que tratamos na pergunta 54 – *Cangalha* / *Forquilha* e, pelo menos, nas duas perguntas seguintes -55 e 56.

A pergunta 54 do QSL apresentou variantes que poderiam ser utilizadas em qualquer uma das duas perguntas seguintes, de acordo com a sugestão e o uso pelos informantes em outras regiões. Vejamos a seguir o quadro com as definições de *canga*:

Quadro 9. Definições para *canga*.

Aulete	Aurélio
<p>canga¹ (<i>can.ga</i>)</p> <p>sf.</p> <p>1. Armação de madeira que junta dois bois pelo pescoço e os liga a carro ou arado; JUGO.</p> <p>2. Pau comprido que, colocado nos ombros de carregadores, serve para transportar objetos, fardos.</p> <p>3. Antigo instrumento chinês de tortura que consiste em quadrado de madeira com orifício central para prender o supliciado pelo pescoço.</p> <p>4. Fig. Opressão, jugo, domínio de alguém sobre outrem; condição de quem é dominado por outrem: "...podemos inferir é que seria grande a quantidade de pessoas sob canga..." (Alberto da Costa e Silva, <i>A manilha e o libambo</i>.)</p> <p>[F.: De or. contrv. Hom./Par.: <i>canga</i> (sf.), <i>cangá</i> (sm.).]</p>	<p>canga [Do celta *cambica, ‘madeira curva’, poss.]</p> <p>Substantivo feminino</p> <p>01. Peça de madeira que prende os bois pelo pescoço e os liga ao carro, ou ao arado; jugo; “um boi magro... esticava o pescoço esfolado pela canga e mugia” (Coelho Neto, Sertão, p.79).</p> <p>02. Pau que carregadores põem aos ombros para suspender fardos.</p> <p>03. Fig. Opressão, sujeição, jugo.</p>

Fonte: elaboração própria.

De acordo com os dicionários digitais Aulete e Aurélio, a primeira acepção de *canga* corresponde à descrição presente na pergunta 56 do QSL: “*Como se chama a peça de madeira que vai no pescoço do boi, para puxar o carro ou o arado?*” (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 26).

Para *forquilha*, os dicionários trazem as seguintes definições:

Quadro 10. Definições para *forquilha*.

Aulete	Aurélio
<p>forquilha (<i>for.qui.lha</i>)</p> <p>sf.</p> <p>1. Pedaco de pau que se abre em dois ramos assumindo a forma da letra Y.</p> <p>2. Forcado de três pontas agudas com que se remexe a palha e o mato em estabelecimentos agrícolas; GARFO</p> <p>3. Objeto com a forma da letra Y.</p>	<p>forquilha [Do esp. <i>horquilla</i>.]</p> <p>Substantivo feminino.</p> <p>01. Pequeno forcado de três pontas.</p> <p>02. Vara bifurcada na qual descansa o braço do andor; descanso.</p> <p>03. Pau ou tronco bifurcado; forqueta.</p> <p>04. Cabide para dependurar qualquer coisa.</p> <p>05. Tip. Garfo (7).</p>

<p>4. Estaca em formato de Y com que se ampara os ramos de uma árvore.</p> <p>5. Vara com a ponta em formato de Y usada para apoiar o andor nas procissões.</p> <p>6. Gancho em forma de Y para pendurar qualquer coisa.</p> <p>7. <i>Zool.</i> Verme nematódeo (<i>Syngamus trachea</i>) que parasita a traqueia de certas aves.</p> <p>8. <i>Bras.</i> Pinça formada pelos dedos médio e indicador de que o punguista se serve para furtar objetos no bolso ou na bolsa de suas vítimas.</p> <p>9. <i>RS.</i> Marca que se faz na orelha do gado com um corte em ângulo agudo.</p> <p>10. <i>Amaz.</i> Vara com a ponta bifurcada que serve para impelir a canoa tomando como ponto de apoio as margens do rio. [F.: Do cast. <i>horquilla</i>.]</p> <p>Dar uma forquilha em</p> <p>1. <i>Bras. Gír.</i> Assaltar (alguém) para roubar (dinheiro). [[Gír. de ladrões].]</p> <p>Trabalhar na forquilha</p> <p>1. <i>Bras. Gír.</i> Ser punguista. [[Gír. de ladrões].]</p>	<p>06. <i>Bras. Zool.</i> Animal nematelminto, nematoide, singamídeo (<i>Syngamus trachea</i>), de coloração vermelha, parasito da traqueia da galinha e de outras aves domésticas. O macho é fixo ao terço anterior da fêmea, em forma de forquilha, o que lhe valeu o nome popular.</p> <p>07. <i>Bras. Gír.</i> Denominação dos dedos médio e indicador, usados na punção.</p> <p>08. <i>Bras. Gír.</i> Longa vara, aforquilhada numa das extremidades, que serve para impulsionar a canoa, tomando-se um ponto de apoio na margem do rio.</p> <p>09. <i>Bras. RS.</i> Sinal que se faz na orelha do gado, como marca.</p> <p>Trabalhar na forquilha.</p> <p>01. <i>Bras. Gír.</i> Ser punguista.</p>
---	--

Fonte: elaboração própria.

Forquilha aparece nos dicionários como um pedaço de pau de três pontas ou bifurcado, formato da letra Y, uma definição generalizada que por extensão do sentido pode ser utilizada para designar qualquer objeto que possua as mesmas características, caso da vara que é utilizada para empurrar a canoa no estado do Amazonas, como descrito na décima acepção do Dicionário Aulete.

Por último, apresentamos as definições de *cangalha*:

Quadro 11. Definições para *cangalha*.

Aulete	Aurélio
<p>cangalha (can.ga.lha)</p> <p><i>sf.</i></p> <p>1. <i>Bras.</i> Armação que se coloca em lombo de animais com recipientes laterais para alojar cargas</p>	<p>cangalha [De canga (1) + -alha]</p> <p>Substantivo feminino</p> <p>01. Cangalhas (1 e 2).</p> <p>02. <i>Bras. S.</i> Peça de três paus, unidos em triângulo, que se enfia no pescoço dos porcos</p>

<p>2. Triângulo de madeira que se põe no pescoço dos porcos para impedir que fucem canteiros e plantações.</p> <p>3. <i>Cin. Telv.</i> Acessório que se coloca sobre o ombro do fotógrafo ou cinegrafista, para que ali se apoie a câmera.</p> <p>4. Carro puxado por um único animal.</p> <p>5. <i>Ant. Mil.</i> Armação de madeira para alojar canhões e munições conduzidos nas costas de animais.</p> <p>6. <i>N.E. Pop.</i> Perna arqueada para dentro. [F.: <i>canga</i> + <i>-alha</i>.]</p>	<p>para não destruírem hortas cultivadas.</p> <p>03. <i>Bras. Bot.</i> V. <i>canafistula</i> (3).</p> <p>04. <i>Bras. Pop.</i> Perna torta ou arqueada.</p> <p>Substantivo de dois gêneros.</p> <p>05. <i>Bras. N.E.</i> Pessoa de pernas arqueadas. ~V. <i>cangalhas</i>.</p>
---	--

Fonte: elaboração própria.

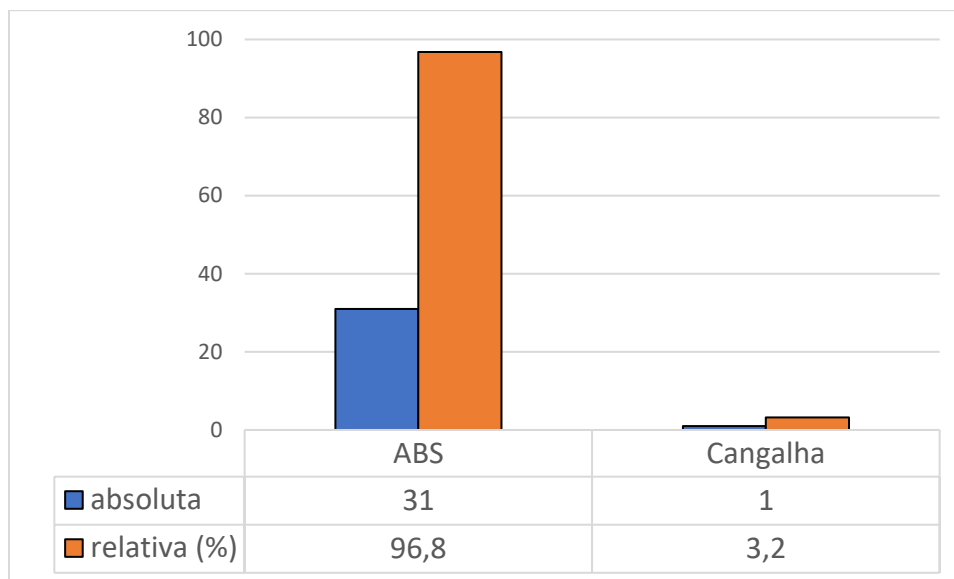
Encontramos a descrição da pergunta 54 do QSL na segunda acepção do verbete *cangalha* no Dicionário Aurélio, que indica uma peça de três paus em formato de triângulo, colocada no pescoço dos porcos para que não destruam hortas cultivadas. Percebemos também que os dois dicionários possuem uma diferença relevante para nós na definição deste verbete. Enquanto as duas obras definem a lexia que corresponde à pergunta 54 do QSL, apenas o Dicionário Aulete, na primeira acepção, define como “armação que se coloca em lombo de animais com recipientes laterais para alojar cargas”, justamente a descrição presente na pergunta 55 do QSL: “*Como se chama a armação de madeira que se coloca no lombo do cavalo ou do burro para levar cestos ou cargas?*” (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 26).

A transcrição abaixo expõe o distanciamento dos informantes com as ferramentas utilizadas no campo, em razão de muitos informantes terem relatado já ter visto o objeto décadas atrás e assumirem não se lembrar mais das práticas rurais.

8. INF. – Eu não lembro o nome agora, mas...
 INQ. – É esse objeto aqui? (mostrando a foto)
 INF. – É. **Canga**. É uma **canga**. Meu pai usava muito nas vacas, até nos cachorro. A gente perde o contato e acaba esquecendo, mas é **canga**.
 Inf.7/16: homem, faixa etária B, ensino superior completo.

4.1.17 Pergunta 55. Cangalha

Como se chama a armação de madeira que se coloca no lombo do cavalo ou do burro para levar cestos ou cargas? Mostrar gravura. (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 26).

Figura 31. Respostas para a pergunta 55 – *Cangalha/Forquilha*

Fonte: elaboração própria.

A pergunta 55 do QSL apresentou 97% de abstenção. Apenas um informante, que possui 49 anos (faixa etária B), residente de São João da Boa Vista – SP e escolaridade básica, respondeu à pergunta. O informante relata ter visto o termo em um documentário e usaria a *lexia* se preciso, apesar de nunca ter tido contato com o objeto ou com quaisquer atividades agropastoris.

Tabela 19. Frequência por cidades – Pergunta 55

LEXIAS	JACUTINGA		PINHAL		S.J. DA BOA VISTA		POÇOS DE CALDAS		TOTALS	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR
Abstenção	8	100%	8	100%	7	87,5%	8	100%	31	97%
Cangalha					1	12,5%			1	3%
TOTALS	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%	32	100%

Fonte: elaboração própria.

Achamos relevante destacar o trecho produzido por um informante, presente na transcrição número 9, que ressalta já ter ouvido um ditado popular, mas que até o momento da entrevista não o compreendia por não saber o significado de *cangalha*.

9. INF. – No jargão popular, os antigos falava assim que “você bate na **cangalha** pro burro entender”. Mas eu nunca sabia o que era. Então **cangalha**, bate na **cangalha**, agora eu tô entendendo, agora que você me mostrou. Eu conhecia o provérbio, mas não sabia o que era.

Inf. P. G. C.: homem, idade entre 50 e 65 anos, ensino médio completo, Pinhal - SP.

4.1.18 Pergunta 56. Canga

Como se chama a peça de madeira que vai no pescoço do boi, para puxar o carro ou o arado? Mostrar gravura. (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 26).

A pergunta 56 apresentou abstenção total.

Tabela 20. Respostas para a pergunta 56 - *Canga*

Lexia	Frequência absoluta	Frequência relativa
Ø	32	100%

Fonte: elaboração própria.

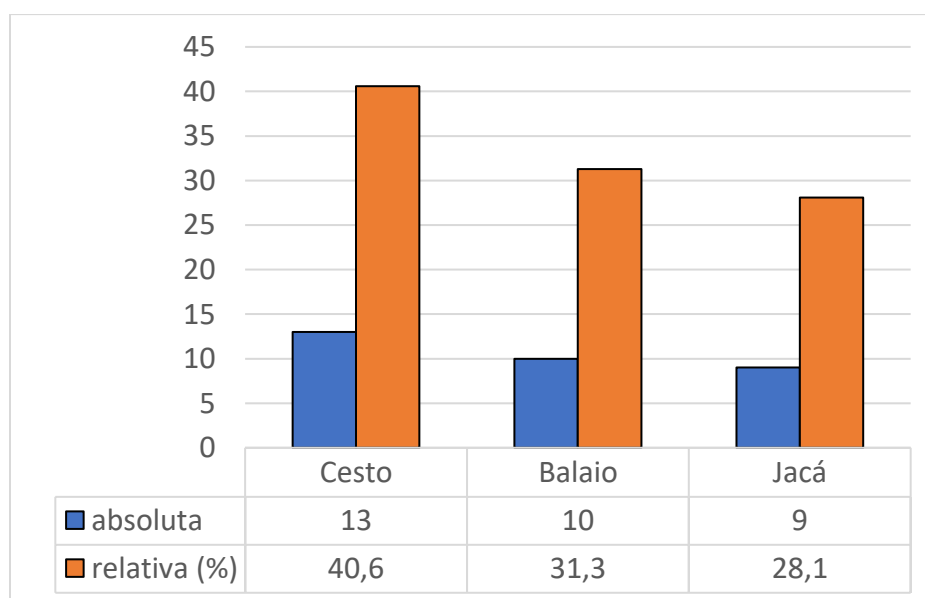
Parte dos informantes já haviam visto a peça em fotos ou na televisão, mas não souberam designar o referente em questão.

4.1.19 Pergunta 57. Jacá / Balaio

Como se chamam aqueles objetos de vime, de taquara, de cipó trançado, para levar batatas (mandioca, macaxeira, aipim, etc), no lombo do cavalo ou do burro? (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 26).

A pergunta 57 retornou três variantes lexicais, apresentadas na Figura 32.

Figura 32. Respostas para a pergunta 57 – *Jacá/Balaio*



Fonte: elaboração própria.

Para a pergunta 57 do QSL registramos três variantes: *jacá*, *balaio* e *cesto*. Todos os informantes conheciam o referente. Vejamos dois trechos das entrevistas de dois informantes da cidade de Jacutinga - MG para ilustrar nossa análise:

10. INF. – Eu chamo de **cesto**. Chamaria de **cesto**.
 INQ. – Você sabe se tem outro nome? Lembra de algum?
 INF. – Geralmente o pessoal da roça chama assim de **balaio**, se não me engano.
 INQ. – Aqui na cidade ninguém usa balaio?
 INF. – Acho que não. Sempre o pessoal de roça que chama de **balaio**, na cidade usa **cesto**. O pessoal de roça usa até pra medir assim, como um tipo de medida para o que eles vão receber. Dez **balaio** de pagamento, por exemplo.
 Inf. V. G. S.: mulher, idade entre 18 e 30 anos, ensino superior completo, Jacutinga – MG.
11. INF. – **Jacá**. De vime é **jacá**.
 INQ. – Você conhece outro nome?
 INF. – Pode chamar de **balaio** também, mas **balaio** é qualquer **balaio**, assim, qualquer **cesto**, quer dizer. **Jacá** é pra quando é de vime ou de cipó.
 Inf. Z. F. R.: mulher, idade entre 50 e 65 anos, ensino fundamental completo, Jacutinga – MG.

Contrapondo *cesto* com *jacá* e *balaio*, vemos necessidade de uma descrição semântico-lexical das variantes. Na sequência, o Quadro 12 traz as definições de *balaio* e *cesto* nos dicionários digitais Aulete e Aurélio:

Quadro 12. Definições para *balaio*.

Aulete	Aurélio
<p>balaio (ba.lai:0)</p> <p>sm.</p> <p>1. Cesto grande de palha, junco, bambu ou cipó, cuja boca ger. é mais larga do que o fundo; CANASTRA; PATUÁ</p> <p>2. <i>Bras.</i> As nádegas, os quadris, ger. quando volumosos; ANCAS; PANDEIRO</p> <p>3. <i>Bras.</i> Refeição ligeira para se levar em jornada; FARNEL; MATULA; MERENDA</p> <p>4. <i>RS.</i> Antiga dança, espécie de fandango, originalmente dançada pelos negros; BAMBAQUERÊ</p> <p>[F.: De or. gaulesa, pelo fr. <i>balai</i>]</p>	<p>balaio [Do fr. <i>balai</i>, poss.]</p> <p>Substantivo masculino.</p> <p>01. Cesto de palha, de talas de palmeira, ou de cipó, com tampa ou sem ela, geralmente com o formato de alguidar; patuá.</p> <p>02. <i>Bras.</i> Merenda, farnel.</p> <p>03. <i>Bras. RS.</i> Antiga dança, espécie de fandango introduzida nesse estado pelos açorianos.</p> <p>04. <i>Bras. Chulo.</i> Nádegas.</p>

<p>jacá (já.cá) <i>Bras.</i></p> <p>sm.</p> <p>1. Cesto feito de taquara ou cipó us. para transportar carga, esp. comestíveis, preso ao lombo de animais. [F.: Do tupi <i>aya 'ka</i>]</p>	<p>jacá [Do tupi.]</p> <p>Substantivo masculino. <i>Bras.</i> Espécie de cesto feito de taquara ou de cipó, e de forma variável, para conduzir cargas em geral de comestíveis, às costas de animais. “berços de cipó e balaios de taquara; <i>jacás</i> sem fundo” (Euclides da Cunha, <i>Os Sertões</i>, p.581).</p>
--	---

Fonte: elaboração própria.

Alguns informantes fizeram a diferenciação do uso de *jacá*, *balaio* e *cesto*, em associação com o perfil social do falante. Conforme o trecho da transcrição 10, a informante destaca que “o pessoal de roça que chama *balaio*”. Outro informante ressaltou que “o povo antigo” usa essa forma, o que nos daria uma variação diageracional. Em outro caso, a informante da Transcrição 11 faz a diferenciação da designação conforme o material do objeto, destacando que *balaio* seria generalizado, para “qualquer balaio”.

Ambos os dicionários pesquisados possuem a definição que condiz com a descrição da pergunta 57 do QSL. Para *balaio*, os dicionários têm, na primeira acepção, sem a presença de marca de uso, a descrição do material utilizado para o objeto: palha, talas de palmeira, cipó, junco e bambu.

As primeiras diferenças que notamos ao ler a definição do verbete *jacá* é a marca de brasileirismo e a origem no tupi. A entrada possui apenas uma acepção, que descreve o objeto sendo feito com cipó e um material não listado na definição de *balaio*: a taquara, um tipo de bambu utilizado amplamente pelos povos nativos da América do Sul na confecção de ferramentas e até mesmo cabanas para habitação. Nesse verbete também há referência ao uso do *jacá* no transporte de carga nas costas de animais, geralmente de alimentos.

Apesar de alguns informantes associarem as formas lexicais aos perfis sociais dos falantes, as variantes estão dicionarizadas pelos dicionários com base no uso e no material que constitui o objeto referido em questão, sendo a definição de *jacá* a mais próxima da descrição presente na pergunta 57 do QSL.

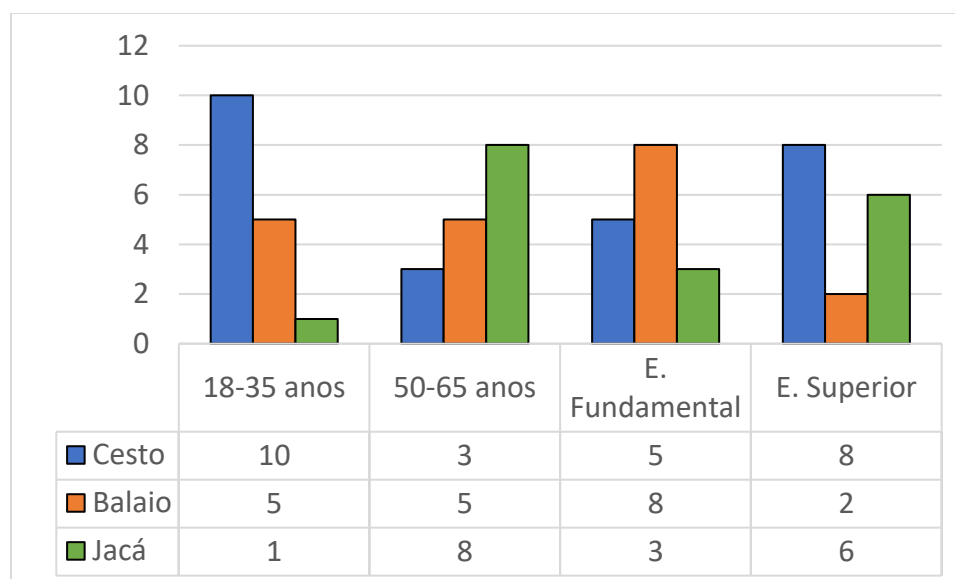
Quanto à variação diatópica, as ocorrências se mostraram proporcionais entre as cidades, como ilustra a Tabela 21:

Tabela 21. Frequência por cidades – Pergunta 57

LEXIAS	JACUTINGA		PINHAL		S.J. DA BOA VISTA		POÇOS DE CALDAS		TOTAIS	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR
Cesto	2	25%	3	37,5%	4	50%	4	50%	13	41%
Balaio	3	37,5%	3	37,5%	2	25%	2	25%	10	31%
Jacá	3	37,5%	2	25%	2	25%	2	25%	9	28%
TOTAIS	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%	32	100%

Fonte: elaboração própria.

Analisando a Figura 33, em que expomos os resultados por faixa etária e escolaridade, notamos que *cesto* aparece predominantemente na resposta dos informantes com idade entre 18 e 30 anos e mais vezes nas respostas de informantes que possuem ensino superior completo ou incompleto. A lexia *balaio* aparece predominantemente nas entrevistas com informantes que possuem apenas o ensino fundamental. *Jacá* possui uma frequência relativa de 88% entre os informantes com idade entre 50 e 65 anos, sendo registrada oito vezes. Entre os informantes mais jovens a variante foi documentada apenas uma vez. A lexia *cesto* e *cesta*, que foram agrupados de acordo com a lexia de maior frequência *cesto*, apareceu com maior frequência nas respostas dos informantes com ensino superior completo e incompleto.

Figura 33. Lexias distribuídas por faixa etária e escolaridade – Pergunta 57

Fonte: elaboração própria.

Tabela 22. Agrupamentos lexicais – Pergunta 57

Agrupamentos lexicais	Itens lexicais agrupados
<i>balaio</i>	<i>balaio</i>
<i>jacá</i>	<i>jacá</i>
<i>cesto</i>	<i>cesto, cesta</i>

Fonte: elaboração própria.

4.1.20 Pergunta 58. Bolsa / Bruaca

E quando se usam objetos de couro, com tampa, para levar farinha, no lombo do cavalo ou do burro? Mostrar gravura. (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 26).

A pergunta 58 apresentou abstenção total. Os informantes já haviam ouvido a palavra *bruaca*, mas não a associavam a este objeto.

Tabela 23. Respostas para a pergunta 58 – *Bolsa/Bruaca*

Lexia	Frequência absoluta	Frequência relativa
Ø	32	100%

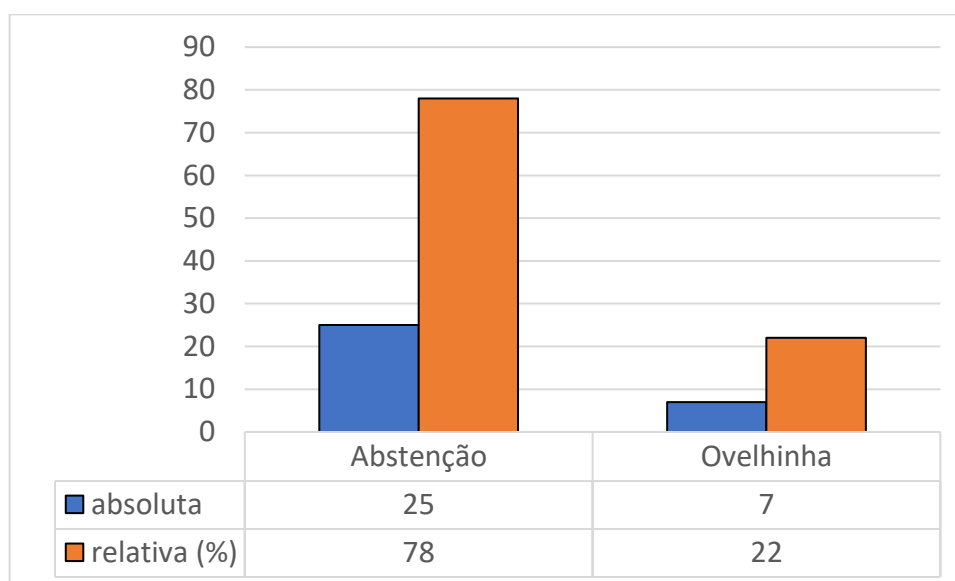
Fonte: elaboração própria.

Ocorreu nessa pergunta respostas que foram consideradas inválidas. Alguns informantes responderam *mala* e *maleta*. Compreendemos, porém, que estas designações não configuram uma variação de *bruaca*, visto que são palavras mais amplas, que se referem a, praticamente, qualquer objeto que possua bolsos e que seja usado para transportar qualquer conteúdo. Trata-se da extensão do significado de um referente para outro, processo bastante comum na linguagem oral.

4.1.21 Pergunta 59. Borrego (Do Nascer Até...)

Como se chama a cria da ovelha logo que nasce? E até que idade se dá esse nome? (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 26).

Apesar de alguns dos informantes terem tido familiaridade com o animal, a pergunta 59 apresentou 78% de abstenção. Possivelmente por se tratar de um termo de cunho técnico e alta especificidade. A lexia *ovelhinha* ocorreu proporcionalmente entre todas as categorias.

Figura 34. Respostas para a pergunta 59 - *Borrego*

Fonte: elaboração própria.

Tabela 24. Frequência por cidades – Pergunta 59

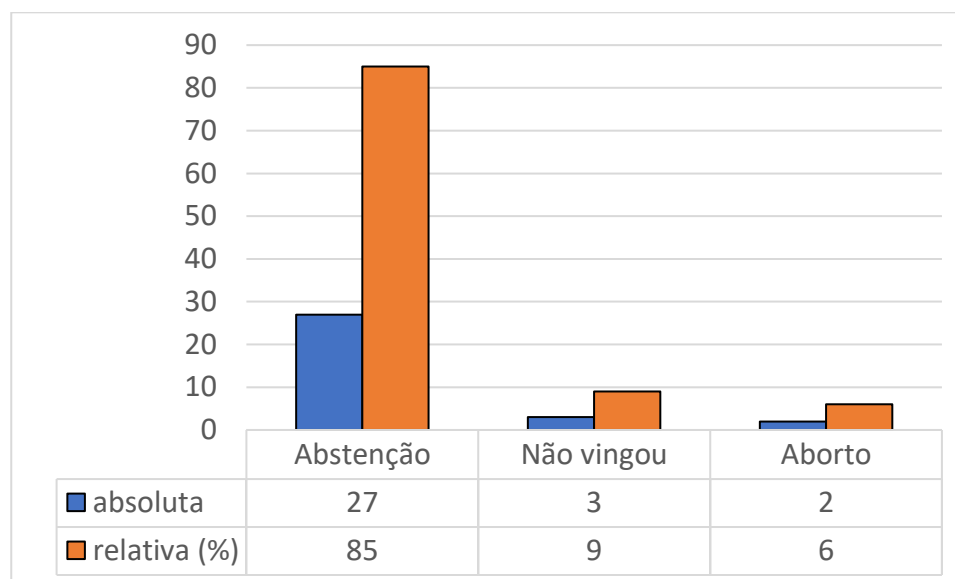
LEXIAS	JACUTINGA		PINHAL		S.J. DA BOA VISTA		POÇOS DE CALDAS		TOTAIS	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR
Abstenção	7	87,5%	6	75%	6	75%	6	75%	25	78%
Ovelhinha	1	12,5%	2	25%	2	25%	2	25%	7	22%
TOTAIS	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%	32	100%

Fonte: elaboração própria.

4.1.22 Pergunta 60. Perda Da Cria

Como se diz quando a fêmea de um animal perde a cria? (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 26).

Nesta pergunta registramos duas designações, apresentadas na Figura 35.

Figura 35. Respostas para a pergunta 60 – *Perda da cria*

Fonte: elaboração própria.

O índice de abstenção nesta pergunta foi de 85%. A designação *não vingou* foi fornecida por um informante da cidade de Jacutinga – MG, um informante de Espírito Santo do Pinhal – SP e um informante de Poços de Caldas – MG. Já a unidade lexical *aborto* foi registrada nas cidades de São João da Boa Vista e Jacutinga – MG.

Tabela 25. Frequência por cidades – Pergunta 62

LEXIAS	JACUTINGA		PINHAL		S.J. DA BOA VISTA		POÇOS DE CALDAS		TOTAIS	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR
Abstenção	6	75%	7	87,5%	7	87,5%	7	87,5%	27	84,4%
Não vingou	1	12,5%	1	12,5%			1	12,5%	3	9,4%
Aborto	1	12,5%			1	12,5%			2	6,2%
TOTAIS	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%	32	100%

Fonte: elaboração própria.

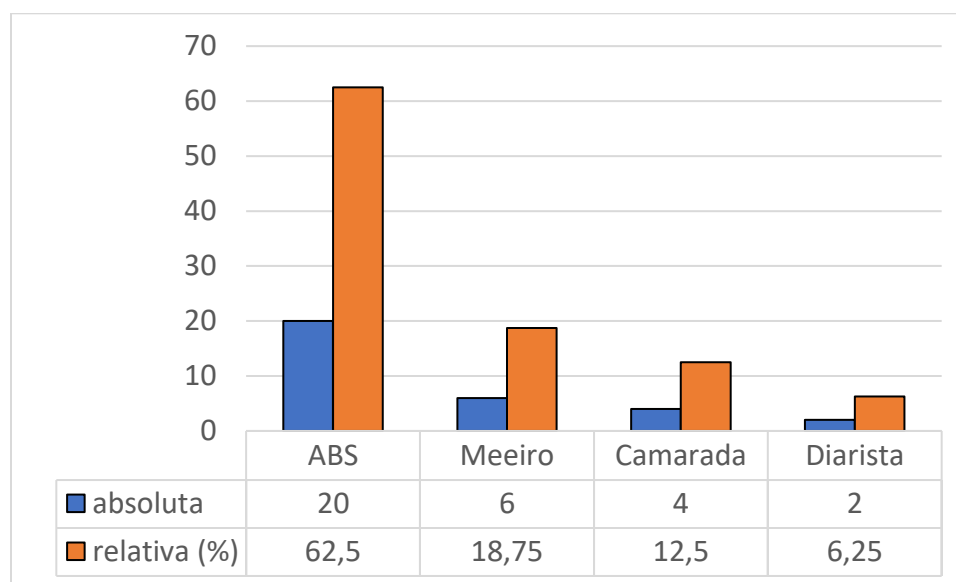
Os informantes tentavam descrever o acontecimento descrito na pergunta, ocasionalmente respondendo “se diz que morreu o filhote”. Por conta da baixa frequência das duas designações, não encontramos indicativos quantitativamente relevantes das categorias sociais.

4.1.23 Pergunta 61. Trabalhador De Enxada Em Roça Alheia

Como se chama o homem que é contratado para trabalhar na roça de outro, que recebe por dia de trabalho? (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 26).

Nesta pergunta registramos três variantes lexicais, dispostas na Figura 36.

Figura 36. Respostas para a pergunta 61 – *Trabalhador de enxada em roça alheia*



Fonte: elaboração própria.

A pergunta 61 apresentou 62,5% de abstenção, ou seja, 20 dos 32 informantes não possuíam nenhuma designação específica. Para esta pergunta registramos as variantes *camarada*, *meeiro* e *diarista*. Ao relacionar as ocorrências registradas nas cidades com as categorias sociais dos informantes, dados apresentados na abaixo (Tabela 26 – Frequência por cidades e faixa etária – Pergunta 61), percebemos que a abstenção foi registrada cinco vezes em cada cidade, resultando em 62,5% da frequência das ocorrências. Já a variante *camarada* surgiu apenas na fala de informantes das duas cidades menos urbanizadas, Jacutinga – MG e Pinhal – SP. Ao passo que a variante *diarista* foi documentada apenas nas duas cidades de maior urbanização, Poços de Caldas – MG e São João – SP.

Tabela 26. Frequência por cidades e faixa etária – Pergunta 61

LEXIAS	JACUTINGA				PINHAL				S.J. DA BOA VISTA				POÇOS DE CALDAS			
	FA-A	FR-A	FA-B	FR-B	FA-A	FR-A	FA-B	FR-B	FA-A	FR-A	FA-B	FR-B	FA-A	FR-A	FA-B	FR-B
Abstenção	4	100%	1	25%	3	75%	2	50%	4	100%	1	25%	2	50%	3	75%

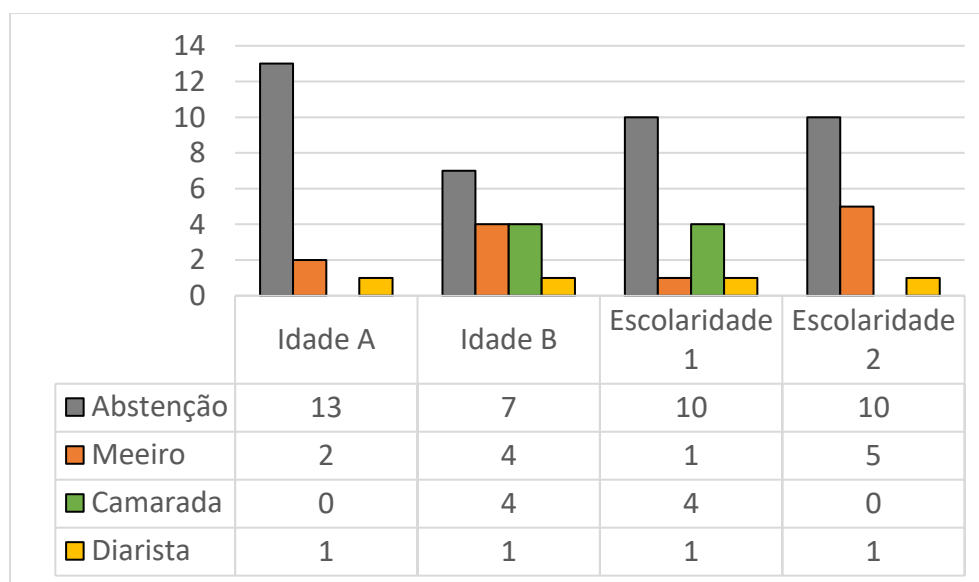
Meeiro	1	25%	1	25%	2	50%	1	25%	1	25%
Camarada	2	50%	2	50%						
Diarista					1	25%	1	25%		
TOTAIS	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%

Fonte: elaboração própria.

Com exceção de um informante que idade entre 18 e 30 anos, os demais que responderam e utilizaram uma forma lexical específica foram aqueles da faixa B (idade entre 50 e 65 anos), mais especificamente os que possuem apenas ensino fundamental. Mais uma vez, as respostas foram distribuídas proporcionalmente entre homens e mulheres.

Comparando as variantes utilizadas pelos dois grupos de escolaridade, dispostos na Figura 37, identificamos que a variante *meeiro* é mais frequentemente utilizada pelos informantes com curso universitário, enquanto a variante *camarada* é mais utilizada pelos informantes de escolaridade fundamental.

Figura 37. Lexias distribuídas por faixa etária e escolaridade – Pergunta 61



Fonte: elaboração própria.

A unidade lexical *meeiro* é muito utilizada no meio jurídico, por se tratar de uma categoria em modelos de transição de patrimônio entre duas pessoas, referenciado com frequência no regime de bens adotado no casamento. Por conta da especificidade da variante *meeiro* e a polissemia de

camarada, vemos necessidade de recorrer às definições destas lexias para contrapor seus diferentes usos na fala.

Quadro 13. Definições para *meeiro*.

Aulete	Aurélio
<p>meeiro (me.ei.ro)</p> <p>a.</p> <p>1. Que possui ou tem direito a metade dos bens de alguém (sócio meeiro).</p> <p>2. Diz-se de bem que se pode dividir ao meio.</p> <p>3. Diz-se de quem trabalha a terra alheia para repartir o rendimento.</p> <p>sm.</p> <p>4. Pessoa que trabalha a terra de outrem e reparte o resultado com o proprietário.</p> <p>5. Quem possui ou tem direito à metade de certos bens.</p> <p>[F.: <i>meio</i> + <i>-eiro</i>]</p>	<p>meeiro [De meio + -eiro.]</p> <p>Adjetivo.</p> <p>01. Que tem de ser dividido ao meio; que se pode partir em dois quinhões iguais.</p> <p>02. Que tem direito à metade dos bens.</p> <p>03. Bras. N.E. Diz-se do cavalo cuja marcha habitual é o meio (16).</p> <p>Substantivo masculino.</p> <p>04. Aquele que tem metade em certos bens ou interesses.</p> <p>05. <i>Agr.</i> Aquele que planta em terreno alheio, repartindo o resultado das plantações com o dono das terras.</p>

Fonte: elaboração própria.

Sobre o verbete *meeiro*, o Dicionário Aulete descreve o contexto que desejamos na terceira acepção quando utilizado como adjetivo e na primeira acepção na categoria de substantivo, tratando de quem trabalha na terra de outra pessoa para dividir os lucros ao fim da colheita ou do trabalho. No Dicionário Aurélio encontramos este sentido na categoria de substantivo masculino, na quinta acepção. O dicionário se ocupa em utilizar a marca *Agr.* representando o uso nas atividades agrícolas. Ressaltamos a ocorrência de *meieiro*, porém foi agrupada de acordo com a lexia de maior frequência *meeiro*.

Quadro 14. Agrupamentos lexicais – Pergunta 61

Agrupamentos lexicais	Itens lexicais agrupados
<i>Camurada</i>	<i>camurada</i>
<i>Meeiro</i>	<i>meeiro; meieiro</i>

Fonte: elaboração própria.

A maior frequência da variante *meeiro* entre os informantes com curso superior pode indicar uma maior familiaridade com as práticas legais deste tema. Ressaltamos que dos informantes que

possuem curso superior e que utilizaram a forma *meeiro*, apenas um possui curso superior de Direito, atuando como advogado.

O quadro a seguir apresenta as definições de *camarada* nos dicionários:

Quadro 15. Definições para *camarada*.

<p>camarada (ca.ma.ra.da)</p> <p>s2g.</p> <p>1. Pessoa que compartilha com outra qualquer forma de atividade ou uma habitação; COLEGA: Meus camaradas de trabalho/ de quarto/ de aventuras</p> <p>2. Pessoa ligada a outra por amizade: Esse aí é o meu grande camarada!</p> <p>3. Um indivíduo qualquer: O camarada não quis conversa</p> <p>4. Companheiro de armas, de regimento etc</p> <p>5. Indivíduo que tem a mesma ocupação ou profissão de outro, que pertence ao mesmo grupo etc: Esses são meus camaradas da Ordem dos Advogados</p> <p>6. Companheiro de militância política de esquerda, esp. comunista: Camaradas! Chegou a hora da revolução!</p> <p>7. Trabalhador temporário em propriedade rural</p> <p>8. Pessoa que vive maritalmente com outra; amante</p> <p>a2g.</p> <p>9. Que resulta (atitude, gesto etc.) de um sentimento de companheirismo, de amizade</p> <p>10. Que revela favorecimento; que é propício, vantajoso: Vendeu o carro por um preço camarada</p> <p>11. Bom, estimulante, agradável: Um solzinho camarada levou todo mundo à praia</p> <p>sm.</p> <p>12. Bras. Gír. Aguardente, cachaça [F.: Do fr. <i>camarade</i>.]</p>	<p>camarada [Do fr. <i>camarade</i>.]</p> <p>Substantivo de dois gêneros</p> <p>01. Pessoa que convive com outra; companheiro.</p> <p>02. <i>P. ext.</i> Amigo fraternal e cordial.</p> <p>03. Condiscípulo, colega.</p> <p>04. Cada um dos indivíduos que exercem a mesma profissão.</p> <p>05. <i>Bras. N.</i> Pessoa amancebada; amásio, amigo, companheiro.</p> <p>06. <i>Bras. V. concubina:</i> <i>Alugou casa para a camarada e passou a morar lá, com ela.</i></p> <p>Substantivo masculino</p> <p>07. <i>Bras. Pop.</i> Soldado (3).</p> <p>08. <i>Bras.</i> Indivíduo empregado em serviços avulsos, nas fazendas.</p> <p>09. <i>Bras.</i> Garimpeiro assalariado.</p> <p>10. <i>Bras.</i> Sujeito, indivíduo: <i>Esse camarada está sempre contando vantagem.</i></p> <p>Adjetivo de dois gêneros</p> <p>11. <i>Bras.</i> Simpático, acessível, amigo; camaradescos: <i>É um sujeito camarada.</i></p> <p>12. Agradável, bom, propício: <i>Soprava um ventinho camarada.</i></p> <p>13. Acessível: <i>um preço camarada.</i></p> <p>14. Que denota camaradagem, simpatia, amizade: <i>O professor deu-lhe uma nota camarada.</i></p>
--	--

Fonte: elaboração própria.

Como esperado, encontramos nos dois dicionários várias acepções do verbete *camarada*. Analisando o Quadro 15, consideramos compatível a sétima acepção do Aulete “trabalhador temporário em propriedade rural” e a oitava acepção do Aurélio, que carrega a marca de brasileirismo e define *camarada* como “indivíduo empregado em serviços avulsos, nas fazendas”. Nos dicionários há a especificação da terra alheia ao trabalhador e a repartição do lucro quando se define *meeiro*, partindo apenas para um trabalhador temporário da zona rural quando buscamos *camarada*.

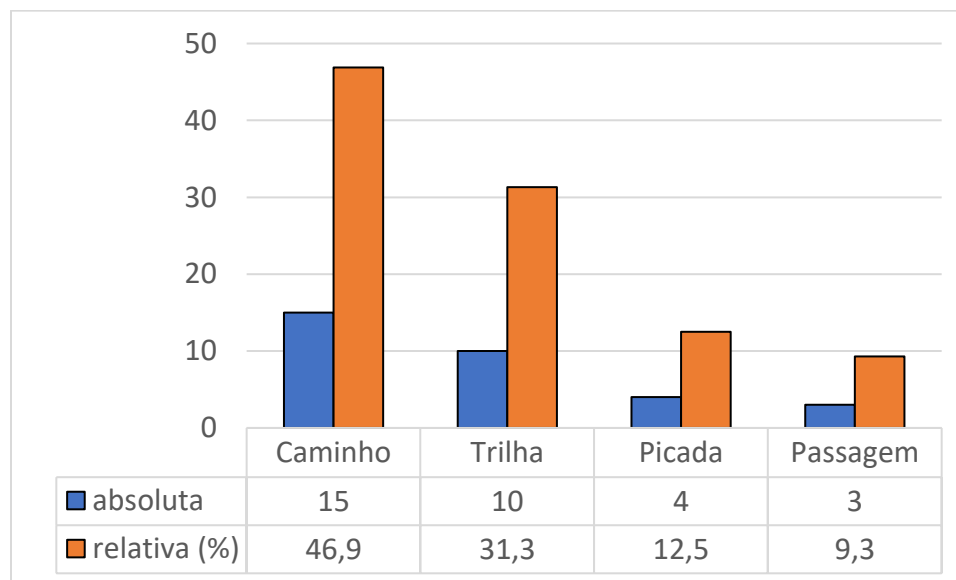
Julgamos necessário fazer uma breve consulta aos dicionários para, mais uma vez, compreender melhor a dicionarização das variantes, que legitima, de certa forma, seu uso de acordo com o contexto descrito na Pergunta 61.

4.1.24 Pergunta 62. Picada / Atalho Estreito

O que é que se abre com o facão, a foice para passar por um mato fechado? (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 26).

A pergunta 62 retornou quatro variantes lexicais, dispostas na Figura 38.

Figura 38. Respostas para a pergunta 62 – *Picada/Atalho estreito*

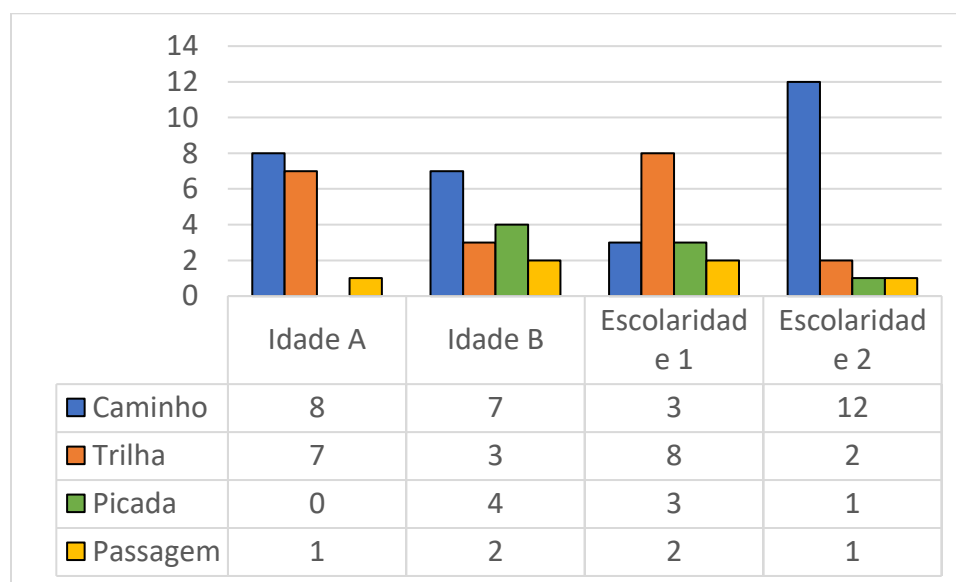


Fonte: elaboração própria.

Ao relacionar a categoria idade e escolaridade, dados apresentados na Figura 39, notamos que a unidade lexical *trilha* foi mais utilizada entre os informantes da mais jovens, enquanto *picada*

é a *lexia* presente apenas na resposta dos informantes mais velhos e que já tiveram algum tipo de contato com o estilo de vida rural. *Trilha* é a forma mais utilizada pelos informantes que possuem ensino básico, enquanto *caminho* é a variante predominante e recorrente na fala dos informantes com nível superior completo ou incompleto. A variável sexo não se mostrou relevante nos resultados.

Figura 39. Lexias distribuídas por faixa etária e escolaridade – Pergunta 62



Fonte: elaboração própria.

Como apresentado na Tabela 27, a variante *passagem* só não foi registrada na cidade de São João da Boa Vista - SP, enquanto as variantes *caminho* e *trilha* foram registradas nas quatro cidades. Outro dado interessante é a distribuição da variante *picada*, que só está presente na fala dos informantes entrevistados nas cidades de Jacutinga – MG e Pinhal – SP, as duas cidades com maior porcentagem de população rural.

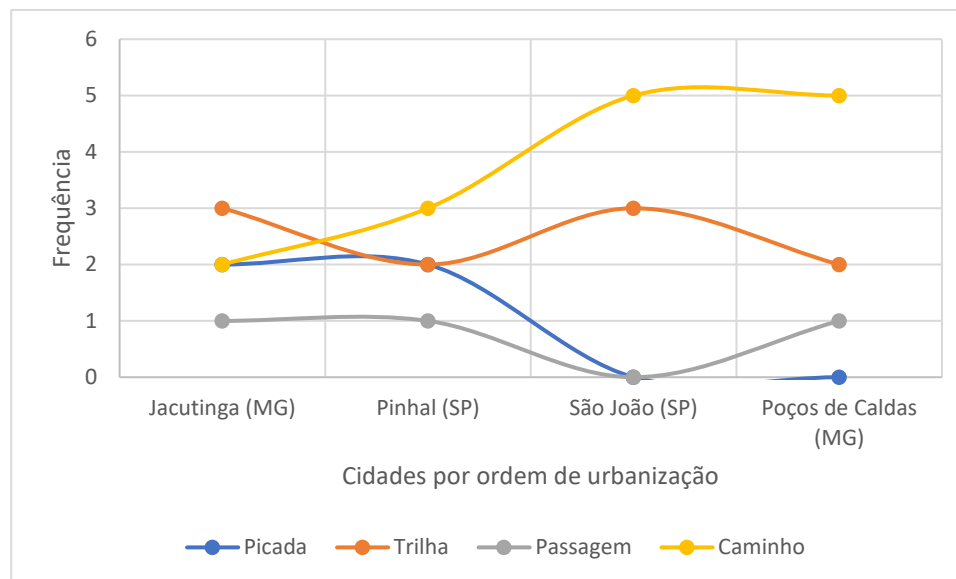
Tabela 27. Frequência por cidades – Pergunta 62

LEXIAS	JACUTINGA		PINHAL		S.J. DA BOA VISTA		POÇOS DE CALDAS		TOTAIS	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR
Caminho	2	25%	3	37,5%	5	62,5%	5	62,5%	15	46,88%
Trilha	3	37,5%	2	25%	3	37,5%	2	25%	10	31,25%
Picada	2	25%	2	25%					4	12,5%
Passagem	1	12,5%	1	12,5%			1	12,5%	3	9,38%
TOTAIS	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%	32	100%

Fonte: elaboração própria.

Com base nos dados expostos na tabela acima, pudemos perceber um certo padrão no comportamento das variantes *picada* e *caminho*. Este comportamento é melhor visualizado no gráfico abaixo:

Figura 40. Lexias distribuídas por cidades



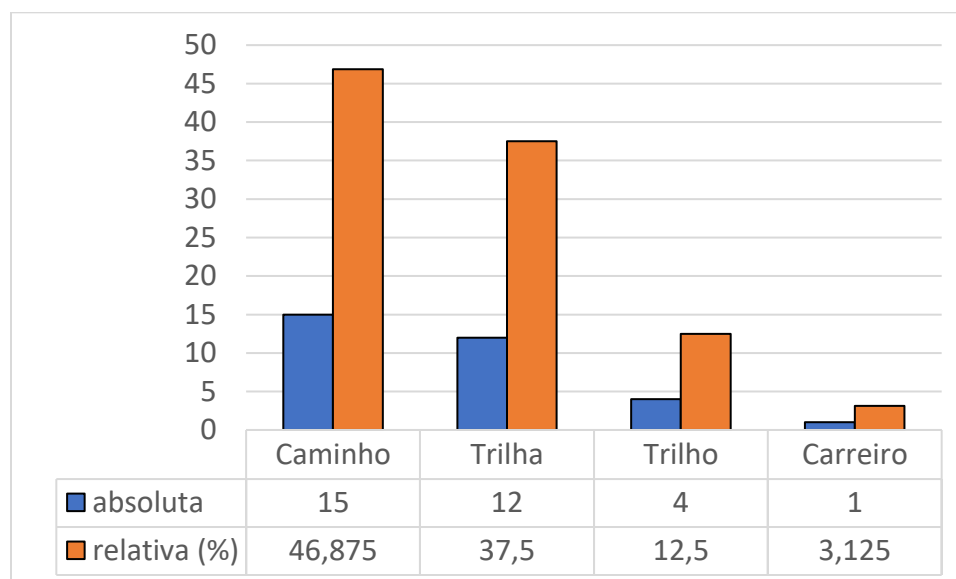
Fonte: elaboração própria.

Constatamos que a forma *caminho* é aquela que tem maior frequência conforme a urbanização da localidade aumenta, passando de duas ocorrências para três e se mantendo em cinco nas duas maiores cidades. Enquanto a forma *picada* cai conforme as cidades se tornam menos rurais. O comportamento dessas variantes demonstra o impacto da estrutura urbana das cidades no costume dos informantes com as práticas em meio à natureza.

4.1.25 Pergunta 63. Trilho / Caminho / Vereda / Trilha

Como se chama o caminho, no pasto, onde não cresce mais grama, de tanto o animal ou o homem passarem por ali? (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 26).

Para esta pergunta, registramos quatro variantes lexicais, apresentadas na Figura 41.

Figura 41. Respostas para a pergunta 63 – *Trilho/Caminho/Vereda/Trilha*

Fonte: elaboração própria.

De acordo com os dados da Tabela 28, as designações *caminho* e *trilha* ocorreram equitativamente entre as quatro cidades. A designação *trilho* está presente apenas na fala de informantes das duas cidades localizadas no estado de Minas Gerais. Já a designação *carreiro* foi registrada apenas em Pinhal – SP. As variáveis sociais não se mostraram relevantes na distribuição das ocorrências de nossa amostra.

Tabela 28. Frequência por cidades e faixa etária – Pergunta 63

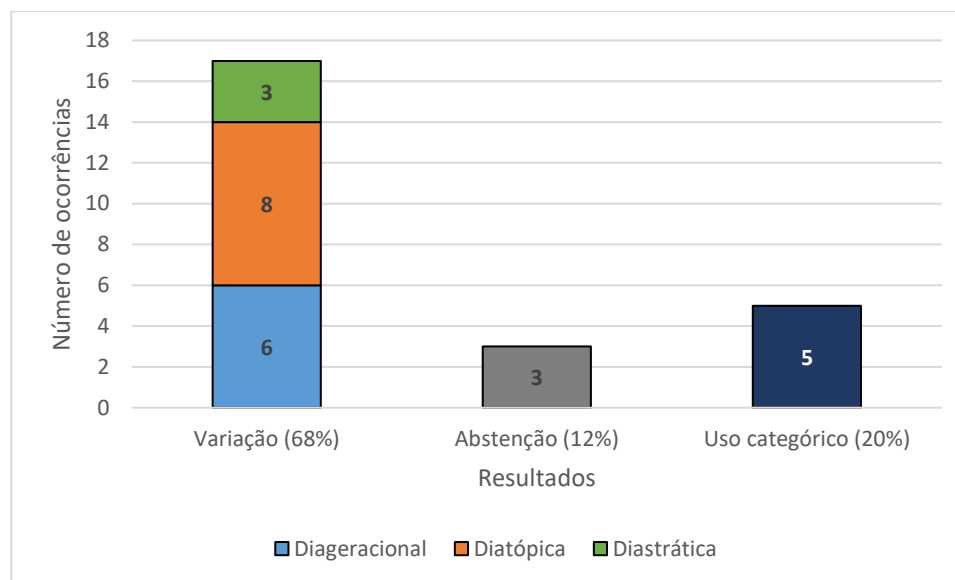
LEXIAS	JACUTINGA				PINHAL				S.J. DA BOA VISTA				POÇOS DE CALDAS			
	FA-A	FR-A	FA-B	FR-B	FA-A	FR-A	FA-B	FR-B	FA-A	FR-A	FA-B	FR-B	FA-A	FR-A	FA-B	FR-B
Caminho	2	50%			3	75%	1	25%	3	75%	2	50%	1	25%	3	75%
Trilha	1	25%	3	75%	1	25%	2	50%	1	25%	2	50%	2	50%		
Trilho	1	25%	1	25%									1	25%	1	25%
Carreiro							1	25%								
TOTAIS	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%	4	100%

Fonte: elaboração própria.

4.2 Análise Geral Dos Resultados

Do universo das 25 perguntas, 17 apresentaram variação, três registraram total abstenção e cinco registraram uso categórico. A frequência de cada cenário está disposta abaixo:

Figura 42. Resultados da aplicação do QSL



Fonte: elaboração própria.

Utilizando a variável faixa etária para analisar as variantes documentadas nas perguntas, identificamos sete casos de variação diageracional. Em dois casos as variantes foram documentadas exclusivamente na fala de informantes com idade entre 18 e 30 anos: *cacho* foi a lexia utilizada como designação para o referente “cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar”, pergunta 42 do QSL; *espiga* e *bagaço* foram as unidades lexicais utilizadas como respostas para a pergunta 46 do QSL, que descreve *sabugo*. Ainda em relação à variável idade identificamos quatro casos de ocorrências presentes apenas no léxico de informantes com idade entre 50 e 65 anos. Lexias utilizadas apenas por informantes da segunda faixa etária foram: *coração* e *umbigo* para o referente “ponta roxa do cacho de banana”, pergunta 44; *mandioca brava* para nomear a “raiz que não serve pra comer e se rala pra fazer farinha”, pergunta 51; *camarada* para designar “quem trabalha na roça de outro e recebe por dia”, pergunta 61 do QSL; *picada*, como resposta para a pergunta 62 do QSL, que descreve algo que “se abre em mata fechada, com facão ou foice”.

Tratando-se da variação diastrática, em que o grau de instrução do informante foi o principal fator social, são três situações. Dentre as designações presentes nas respostas para a pergunta 62 do QSL – *Trabalhador de enxada em roça alheia*, somente informantes com escolaridade básica utilizam *camarada* para designar o referente. O mesmo ocorre com as repostas para a pergunta 54 do QSL - *Cangalha / Forquilha*, em que registra as variantes *forquilha*, *canga* e *cangalha* presentes apenas na fala de informantes com escolaridade de nível fundamental. Para a pergunta 52 do QSL – *Carrinho de mão / Carriola*, só informantes que possuem curso superior utilizam a lexia *carrinho de pedreiro*. Esses três casos podem indicar, possivelmente, que os informantes que não puderam dar continuidade aos estudos têm ou tiveram maior contato com o estilo de vida rural ou rurbano, muitas vezes sendo justamente este o motivo do abandono escolar, o trabalho no campo em idade precoce.

Houve casos em que a variação ocorria de acordo com a combinação de duas categorias - idade e escolaridade do informante -, como foi o caso das perguntas 54 e 61 do QSL. Em relação à pergunta 54 do QSL, os informantes que retornaram as variantes *canga* e *cangalha* foram as pessoas mais velhas (50-65 anos) com apenas ensino fundamental; ressaltamos que, mais uma vez, a maioria dos informantes mais novos (18-30 anos) não respondeu à pergunta 54. A variante *camarada*, utilizada para nomear o conceito expresso na pergunta 61 do QSL, aparece estritamente na fala de informantes que possuem apenas o ensino fundamental e estão inseridos na segunda faixa etária, entre 50 e 65 anos.

Em um caso, o sexo dos informantes foi o fator que pode ter determinado a ocorrência da abstenção: na pergunta 41 - *Camomila*, após ouvirem a descrição para uma flor branca e pequena com miolo amarelo, os únicos informantes que responderam *margarida*, até com certa prontidão, foram três informantes do sexo masculino, uma característica sociocultural que pode indicar o baixo envolvimento da comunidade masculina na prática de fazer e se tomar chás. Consideramos essas três respostas como inválidas por tratarem de outro referente, sendo computadas como abstenção.

Neste estudo utilizamos quatro perfis diferentes de cidades para a coleta dos dados. Em cada estado selecionamos uma cidade pequena, isto é, com menor população, urbanização e densidade demográfica, e uma cidade maior, que tenha estes índices mais elevados, mantendo uma escala entre as quatro cidades.

A variação diatópica foi distribuída seguindo dois critérios: (i) localização estadual; (ii) grau de urbanização. Importa para o critério (i) em qual estado a variante foi documentada, ao passo que

o aspecto mais relevante para o critério (ii) é o grau de urbanização da cidade em que ocorreu a variante.

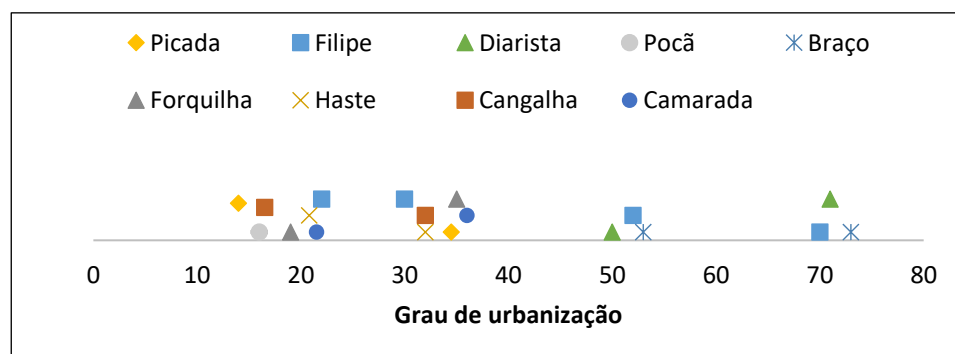
Considerando a dimensão diatópica que se preocupa com a localização estadual, constatamos quatro casos de variação em que as variantes foram registradas apenas em Minas Gerais (Jacutinga e Poços de Caldas): *pocã* (pergunta 39¹⁷); *mão* (pergunta 42); *corda* (pergunta 50); *mandioca brava* (pergunta 51). A única variante que ocorreu exclusivamente no estado de São Paulo é a lexia *forquilha*, documentada na pergunta 55 do QSL.

Ao deixar a unidade federativa das cidades em segundo plano, podemos dividir as quatro cidades entre as duas menos urbanizadas e as duas mais urbanizadas. Portanto, tratando da variação diatópica com base no critério de urbanização, possuímos dois cenários possíveis para a ocorrência da variação semântico-lexical: registrada, exclusivamente ou não, nas cidades com menor urbanização ou nas duas cidades de maior urbanização.

Mesmo com essa divisão, não podemos nos esquecer de que as quatro cidades ainda estabelecem entre si uma gradualidade, compondo um espectro de urbanização, necessário para a interpretação de ocorrências que surgiram ao longo de toda essa dimensão.

A posição das variantes na figura abaixo corresponde ao grau de urbanização da cidade em que ocorreram:

Figura 43. Disposição das variantes no continuum de urbanização.



As variantes estão dispostas ao longo do eixo X, que corresponde ao grau de urbanização das cidades.

Fonte: elaboração própria

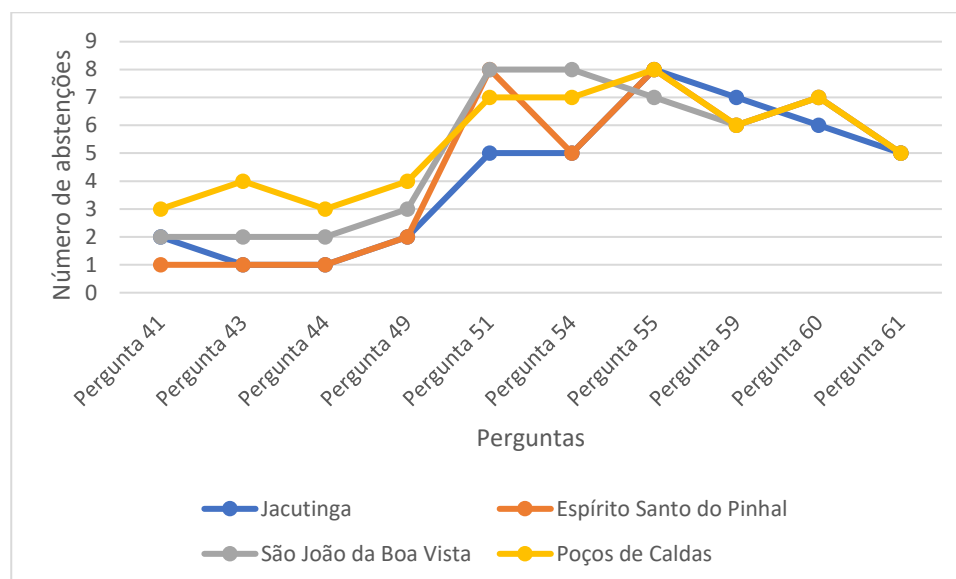
¹⁷ As perguntas estão disponíveis no anexo Questionário Semântico-lexical, que se encontra na página 76 deste trabalho.

Analisando os dados, constatamos que o critério que mais influenciou na variação diatópica foi a urbanização da cidade e não sua localização estadual, já que em todos os casos de variação geográfica, aqui incluídos os quatro citados acima, percebemos a clara relação das características da cidade sobre a ocorrência. Houve casos em que as variantes só apareceram nas cidades menos urbanas: *pocã* (pergunta 39), *forquilha* (pergunta 54), *cangalha* (pergunta 54), *haste* (pergunta 53), *camarada* (pergunta 61) e *picada* (pergunta 62). Enquanto duas variantes foram registradas apenas nas cidades mais urbanizadas: *diarista* (pergunta 61) e *braço* (pergunta 53).

No caso em que a variante foi registrada em todas as cidades, verificamos que a ocorrência diminuía conforme a urbanização aumentava, fenômeno descrito na análise dos resultados da Pergunta 43 – *Banana dupla / filipe / gêmeas*, subitem 4.5.

Ao longo da aplicação do QSL observamos que frequentemente algumas perguntas não estavam sendo tão produtivas, pois os informantes nunca haviam tido contato com os referentes exclusivamente rurais, como os descritos pelas perguntas 54, 55 e 56 do QSL – *canga, cangalha e forquilha*.

Como esperado, Poços de Caldas – MG é a cidade com maior número de abstenções. De todas as perguntas feitas na cidade, 54 não foram respondidas, um índice de abstenção de 27%, visto que efetuamos 200 perguntas por cidade. Com 50 abstenções, São João da Boa Vista é a segunda cidade com maior ocorrência de não-resposta, totalizando 25% das perguntas feitas aos informantes da cidade. Em Espírito Santo do Pinhal registramos 44 abstenções (22%), enquanto em Jacutinga 42 das 200 perguntas não foram respondidas, ocasionando uma taxa de 21%. Para uma melhor compreensão desse resultado quantificamos as abstenções que ocorreram nas dez perguntas e identificamos um padrão interessante em seu comportamento:

Figura 44. Frequência de abstenções nas cidades em relação às perguntas do QSL.

Fonte: elaboração própria.

O índice de não-respostas aumenta conforme as perguntas do questionário avançam, tendo um pico entre a pergunta 51 e 55, caindo levemente até o fim do QSL. Este resultado indica a presença dos primeiros itens do QSL no cotidiano urbano, enquanto os últimos itens descritos podem ser de uso predominantemente rural.

Aguilera e Yda (2008) trazem à tona três dentre as possíveis causas da baixa produtividade de algumas perguntas e das não-respostas: instrumentos de coleta e formulação das questões; habilidade e preparação do entrevistador; e perfil do informante.

No que se refere aos instrumentos de coleta, as autoras destacam o criterioso e exaustivo trabalho do ALiB na formulação dos Questionários do Atlas Linguístico do Brasil (Comitê Nacional, 2001), elaborados após anos de estudos, debates, ajustes e aplicações, para que se mantenha eficiente em diferentes pontos do país, visando à obtenção do maior número de respostas.

Consideramos baixa a probabilidade do entrevistador como principal causa das abstenções, já que os casos de não-respostas surgiram em entrevistas das mais diversas relações e situações, tendo ocorrido em casos onde o grau de conhecimento entre entrevistador e informante¹⁸ era grande, médio, pequeno e nenhum. Esse entrevistador manteve em mente todas as instruções e problematizações dispostas nos textos disponibilizados pelo ALiB, sobretudo *Documentos 1 – Projeto Atlas Linguístico do Brasil* (2004). Dentre as precauções do inquiridor, citamos: não

¹⁸ Informação registrada por meio da ficha do informante disponível como *Anexo II* deste trabalho.

antecipar repostas de outras questões, como as questões 45 – *espiga* e 46 - *sabugo*; buscar adaptar as descrições se necessário, como expandir o fenômeno da pergunta 43 – *filipe* aos grãos de café; manter-se sempre ciente e cuidadoso das condições do informante, tendo sensibilidade para que não haja nenhum tipo de constrangimento por conta do passado, crenças ou características físicas e psicológicas do informante.

Desconsideramos de antemão possíveis causas oriundas da situação de entrevista e personalidade do informante, como falta de tempo, timidez ou desinteresse, em razão de, muito felizmente, todos os informantes terem se portado de maneira muito interessada e descontraída, em nenhum momento tendo indicado pressa, desinteresse ou surgimento de outros compromissos.

Finalmente, chegamos às particularidades do informante que acreditamos revelar a causa das abstenções: os aspectos sociais. Analisando os dados notamos que a abstenção teve maior frequência nas entrevistas com informantes: (a) jovens, pertencentes à primeira faixa etária, entre 18 e 30 anos; (b) mais escolarizados, com nível superior completo ou incompleto; (c) habitantes de cidades mais urbanas. Consideramos relevante comentar que no nosso trabalho acontece o oposto do que é relatado por Aguilera e Yida (2008), que, ao analisarem os dados do ALiB nas capitais coletados pela aplicação do Questionário Fonético-Fonológico (QFF), identificam maior abstenção entre os informantes com menor escolaridade e argumentam que “a escolarização contribui na ampliação do universo cognitivo dos entrevistados” (AGUILERA; YIDA, 2008, p. 28). Isso claramente indica que o índice de não-respostas está diretamente ligado à urbanização das cidades e o conteúdo ou fenômeno que o questionário propõe registrar, uma vez que, ao aplicar o QSL de atividades agropastoris em cidades pequenas, a abstenção se mostrou maior entre os informantes que possuem curso superior. O elevado índice de não respostas ou abstenções certamente indica a relação entre a língua e a sociedade, são pistas sociais que são tão caras para a descrição quanto a utilização de certa variante por algum informante, pois podemos assumir, no mínimo, a distância daquele informante com o meio de onde o referente tem origem ou predominância.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo registrar e analisar a diversidade lexical do português falado na região de divisa entre o estado de São Paulo e Minas Gerais, seguindo os princípios da Dialetologia Pluridimensional. Por meio da aplicação de um Questionário Semântico-Lexical, adaptado do ALiB, registramos o uso categórico, a abstenção e as variantes lexicais fornecidas pelos 32 informantes.

As hipóteses estabelecidas inicialmente e que nortearam a pesquisa são as seguintes:

- a) A regionalidade é o fator de maior influência no conjunto lexical de cada comunidade? As cidades localizadas em estados diferentes possuem grande diferença linguística-lexical?
- b) Os diferentes graus de urbanização podem ser notados no repertório lexical de atividades agro-pastoris de cada comunidade? É possível sustentar essa distinção entre as cidades utilizando critérios linguísticos?

De acordo com os nossos dados, a localização estadual das cidades foi o último fator a influenciar o conjunto lexical de cada comunidade, posto que registramos variantes específicas de cada estado em apenas dois casos, dispostos no 3.2 – análise geral dos resultados. Não é possível afirmar que há uma grande diferença linguística-lexical entre as cidades no que se refere à localização estadual.

De modo geral, a dimensão diatópica, com ênfase na urbanização das cidades, se mostrou o aspecto de maior influência no conjunto lexical dos informantes, não só por encabeçar o maior número de variações, ao lado da variação diageracional, mas também por ser a maior causa de ocorrência das abstenções. Deste modo, podemos apontar a relação entre o ambiente e a variação semântico-lexical, demonstrando a presença ou ausência de variantes em cidades com diferentes níveis de contato com o estilo de vida rural.

Através das análises realizadas, foi possível resgatar traços da constituição sócio-histórica das quatro cidades e a relação do informante com o meio em que vive. A heterogeneidade linguística foi evidente entre as designações dos objetos que no passado foram ferramentas indispensáveis para o estabelecimento e desenvolvimento da economia da região. Também foi possível perceber o distanciamento entre esse cenário rural e o conhecimento de mundo dos jovens

de hoje em dia. Pudemos perceber o impacto do ambiente e do processo de urbanização na identidade lexical dos informantes. Foram valiosos os momentos em que foi possível perceber o traço histórico e cultural que fez com que o falante possuísse aquela variante em seu arcabouço lexical, formas que remetem à infância e ao contato com seus antepassados.

Este trabalho contribui para uma descrição do português brasileiro utilizado em região de divisa entre de São Paulo e Minas Gerais. Compreendemos que os resultados aqui apresentados representam um pequeno esboço do dialeto estudado, tendo ciência de que sua precisão é extremamente delimitada, já que os dados podem se alterar quando coletados e analisados ao longo de cada ponto de toda a extensão da divisa estadual.

Por fim, consideramos de extremo valor conhecer, resgatar e registrar costumes e valores culturais destes grupos sociais, costumes e valores esses que estão intrinsecamente ligados ao léxico das comunidades de Espírito Santo do Pinhal, Jacutinga, São João da Boa Vista e Poços de Caldas.

6 REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. A.; YIDA, V. . Projeto ALiB: uma análise das respostas e das não-respostas de informantes das capitais. **Signum. Estudos de Linguagem**, v. 11, p. 13-29, 2008.
- ARAGÃO, M. S. S., O atlas linguístico do Brasil no quadro da Geolinguística brasileira. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva et al. **Atlas Linguístico do Brasil: volume I**. Londrina: Eduel, p. 31-35, 2014.
- BAIA, A. H. M. **Os conteúdos da urbanização em Moçambique**: considerações a partir da expansão da cidade de Nampula. 2009. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- BATISTA, R. O. **A palavra e a sentença**: estudo introdutório. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, v. 01, 140p.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O Léxico: o léxico se relaciona com o processo de nomeação e com a cognição da realidade. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires De; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). **As Ciências do Léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, p. 13-22, 2001.
- BIDERMAN, M. T. C. Léxico, testemunho de uma cultura. In.: **Actas do XIX Congresso Internacional de Linguística e Filoxia Románicas**. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa, p. 397-405, 1992.
- BORTONI-RICARDO S.M.. **Educação em Língua Materna - A Sociolinguística na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. v. 01. 112p.
- BRANDÃO, S. F. **A Geografia Linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.
- BRIGHT, W. As dimensões da sociolinguística. In: FONSECA, Maria Stella Veira da; NEVES, M. F. (Org.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- CALLOU, D. Quando a Dialectologia e a Sociolinguística se encontram. In: **Estudos Linguísticos e Literários**, n.41, Salvador, janeiro-junho, p. 29-48, 2010.
- CAMACHO, R. G. Sociolinguística. Parte II. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (orgs) **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez Editora, 2000.
- CARDOSO, S. *et al.* **Atlas linguístico do Brasil: volume I**. Londrina: Eduel, 2014.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.
- CARDOSO, S. A. M. Designações para cria da ovelha e a história do português do Brasil. In: FERREIRA, Carlota et al. **Diversidade do português do Brasil**: estudos de dialectologia rural e outros. 2. ed. Salvador, p. 125-140, 1994.
- CARVALHO. P. M. O. **Relações entre léxico e ambiente: um estudo da norma lexical do Centro-Oeste do Brasil**. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2015.
- COSERIU, E. **Sincronia, Diacronia e História**: o problema da mudança linguística. Trad. Carlos Alberto da Fonseca; Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

- COSERIU, Eugênio. **La geografía lingüística**. Cuadernos del Instituto Lingüístico Latinoamericano, Montevideo, n. 11, 1965.
- COSTA, D. S. S. **Vocabulário dialetal do Centro-Oeste: interfaces entre a lexicografia e a dialetologia**. 2018. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. **La Dialectología**. Madrid: Visor Libros, 1994.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB (Brasil). Questionários. **Atlas Linguístico do Brasil: volume I**. Londrina: Edual, 2014.
- DOZON, J-P., En Afrique, la famille à la roisée des chemins. In: BURGUIÉRE, A. et al, **Histoire de la famille; le choc des modernités**. Tome 2. Paris: Armand Colin, 1986. pp. 301-338.
- FAULSTICH, E. Duas questões em discussão: o que são brasileirismos nos dicionários de Língua Portuguesa? Existem brasileirismos terminológicos. **Jornada sobre “Variación Geolectal i Terminologia”**, Barcelona: Red Panlatina de Terminologia Realiter/ IULATerm/Institut Universitari de Linguística Aplicada, 2004.
- FERREIRA, C.; CARDOSO, S. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA: **Cidades**. Disponível em: <http://mapasinterativos.ibge.gov.br/sigibge/>. Acesso em: 24 nov. 2018.
- ISQUERDO, A. N. O caminho do rio, o caminho do homem, o caminho das palavras... In: RIBEIRO, S. S. C.; COSTA, S. B.; CARDOSO, S. A. M. (orgs.). **Dos sons às palavras**. Salvador: EDUFBA, p. 42-59, 2009.
- ISQUERDO, A. N.; ROMANO, V. P. Discutindo a dimensão sociolinguística do projeto ALiB: uma reflexão a partir do perfil dos informantes. **ALFA: REVISTA DE LINGÜÍSTICA (UNESP. ONLINE)**, v. 56, p. 891-916, 2012.
- ILARI, R.; BASSO, R. M. **O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2006. v. 1. 272p.
- ISQUERDO, A. N.; TELES, A. R. A rede de pontos. In: CARDOSO, S.; SILVA, M. A. et al. **Atlas Linguístico do Brasil: volume I**. Londrina: Edual, 2014.
- LABOV, W. **Padrões Sociolingüísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- LUCCHESI, D. Parâmetros sociolinguísticos do português brasileiro, **Revista da ABRALIN**, vol. V, nº 1 e 2, p. 83-112, 2006.
- MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. (orgs.). **Documentos 2: Projeto Atlas lingüístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006.
- MOTA, J. A. Áreas dialetais brasileiras. In: **Quinhentos anos de história Linguística do Brasil**. CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; MATTOS e SILVA, Rosa Virginia. (Org.) Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo do Estadoda Bahia, p. 319-357, 2006.
- MENDES, R. B. A variação linguística. In: FIORIN, J.L. (org) **Introdução à Linguística. Vol.1: Objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, p. 121-140, 2003.
- NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. 2.ed. Completamente refundida. Rio de Janeiro. Organização Simões, 1953.

NASCENTES, Antenor. Divisão dialectológica do território brasileiro. In: **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, abr./jun., 1955, p. 213-219.

NASCENTES, A. **Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil**. Rio de Janeiro: MEC; Casa de Rui Barbosa, v. 1, 1958, v. 2, 1961.

RIBEIRO, T. L. **A variação lexical na rota do café**. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

RIBEIRO, S. S. C. **Brinquedos e brincadeiras infantis na área do “Falar Baiano”**. 2012. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2012

ROMANO, V. P. **Em busca de falares a partir de áreas lexicais no centro-sul do Brasil**. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

RONCAYOLO, M. **La ville et ses territoires**. Paris: Gallimard, 1990.

OLIVEIRA, G. C. **O léxico nosso de cada dia na Bahia e no Paraná: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo**. 2014. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

SANTOS, L. A. **Brincando pelos caminhos do Falar Fluminense**. 2016. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

THUN, H. O português americano fora do Brasil In: GÄRTNER, E.; HUNDT, C.; SCHÖNBERGER, A. (Orgs) **Estudos de geolinguística do português americano**. Frankfurt am Main: TFM, 2000.

THUN, H. A Dialectologia Pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, A. M. S. (org.). **Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, p.63-92, 2005.

PRETI, D. **A linguagem dos Idosos**. São Paulo: Contexto, 1991.

VEIGA, J. E. A relação rural-urbano no desenvolvimento regional. In: **II Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional**. Santa Cruz do Sul, RS. Anais do II Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional, 2004.

VILARINHO, M. M. de O. Marcas de uso: estudo e proposta. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 59, n. 2, p. 375–396, 2017.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.

ANEXO I – QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL

33. VIA LÁCTEA / CAMINHO DE SANTIAGO

Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto umas das outras. Como chamam esta banda ou faixa?

34. MESES DO ANO

Quais são os meses do ano?

35. MESES COM NOMES ESPECIAIS

Alguns desses meses têm outro nome, por exemplo, junho, julho, etc.?

36. ONTEM

Hoje é segunda-feira. E domingo, que dia foi?

37. ANTEONTEM

... o dia que foi antes desse dia? [E um dia para trás?]

38. TRASANTEONTEM

... o dia que foi antes de _____ (cf. item 37)? [E mais um dia para trás?]

ATIVIDADES AGROPASTORIS

39. TANGERINA / MEXERICA

... as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são?

PEDIR PARA DESCREVER, PARA APURAR AS DIFERENÇAS ENTRE AS DESIGNAÇÕES CITADAS PELO INFORMANTE.

40. AMENDOIM

... o grão coberto por uma casquinha dura, que se come assado, cozido, torrado ou moído?

41. CAMOMILA

... umas florezinhas brancas com miolo amarelinho, ou florezinhas secas que se compram na farmácia ou no supermercado e servem para fazer um chá amarelinho, cheiroso, bom para dor de barriga de nenê / bebê e até de adulto e também para acalmar. *Mostrar.*

42. PENCA

... cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar / amadurecer?

ANEXO I – QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL

43. BANANA DUPLA / FELIPE / GÊMEAS

... duas bananas que nascem grudadas?

44. PARTE TERMINAL DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA / UMBIGO / CORAÇÃO

... a ponta roxa no cacho da banana?

45. ESPIGA

Quando se vai colher o milho, o que é que se tira do pé? [Quando se vai à feira comprar milho, compra-se o quê?]

46. SABUGO

Quando se tira da _____ (cf. item 45) todos os grãos do milho, o que sobra?

47. SOCA / TOUCEIRA

Depois que se corta o pé de arroz ou de fumo, ainda fica uma pequena parte no chão. Como se chama essa parte?

48. GIRASSOL

... flor grande, amarela, redonda, com uma rodela de sementes no meio?

49. VAGEM DO FEIJÃO / BAINHA

Onde é que ficam os grãos do feijão, no pé, antes de serem colhidos?

50. MANDIOCA / AIPIM

... aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer?

51. MANDIOCA

... uma raiz parecida com _____ (cf. item 50) que não serve para comer e se rala para fazer farinha (polvilho, goma)?

52. CARRINHO DE MÃO / CARRIOLA

... um veículo de uma roda, empurrado por uma pessoa, para pequenas cargas em trechos curtos?

53. HASTES DO CARRINHO DE MÃO

... as duas partes em que a pessoa segura para empurrar o(a) _____ (cf. item 52)?

54. CANGALHA / FORQUILHA

... a armação de madeira que se coloca no pescoço de animais (porco, carneiro/bezerro, vaca) para não atravessarem a cerca?

ANEXO I – QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL

55. CANGALHA

... a armação de madeira que se coloca no lombo do cavalo ou do burro para levar cestos ou cargas?

Mostrar gravura.

56. CANGA

... a peça de madeira que vai no pescoço do boi, para puxar o carro ou o arado? *Mostrar gravura.*

57. JACÁ / BALAIO

... aqueles objetos de vime, de taquara, de cipó trançado, para levar batatas (mandioca, macaxeira, aipim, etc.), no lombo do cavalo ou do burro?

58. BOLSA / BRUACA

E quando se usam objetos de couro, com tampa, para levar farinha, no lombo do cavalo ou do burro?

Mostrar gravura.

59. BORREGO (DO NASCER ATÉ...)

... a cria da ovelha logo que nasce? E até que idade se dá esse nome?

60. PERDA DA CRIA

Como se diz quando a fêmea de um animal perde a cria?

61. TRABALHADOR DE ENXADA EM ROÇA ALHEIA

... o homem que é contratado para trabalhar na roça de outro, que recebe por dia de trabalho?

62. PICADA / ATALHO ESTREITO

O que é que se abre com o facão, a foice para passar por um mato fechado?

63. TRILHO / CAMINHO / VEREDA / TRILHA

... o caminho, no pasto, onde não cresce mais grama, de tanto o animal ou o homem passarem por ali?

FAUNA


64. URUBU

... a ave preta que come animal morto, podre?

65. COLIBRI / BEIJA-FLOR

... o passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e fica parado no ar?

ANEXO II – FICHA SOCIAL DO INFORMANTE

	FICHA DO INFORMANTE	
	Nº do ponto:	Nº do informante:

DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE		
1 NOME:		2 ALCUNHA:
3 DATA DE NASCIMENTO:	4 SEXO: A () M B () F	5 IDADE:
6 ENDEREÇO:		
7 ESTADO CIVIL: A () solteiro B () casado C () viúvo D () outro		
8 NATURALIDADE:	9 COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE)	
10 DOMICÍLIOS, ÉPOCA E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE:		
11 ESCOLARIDADE:		
12 OUTROS CURSOS: A () especialização B () profissionalizante C () outros		
13. NATURALIDADE: A da mãe: B do pai: C do cônjuge:	14 FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS? A () sim B () não	
	15 EM CASO NEGATIVO, POR QUEM FOI CRIADO? NATURALIDADE: A da mãe adotiva: B do pai adotivo:	
16 ONDE EXERCE SUA PROFISSÃO (CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS SUMÁRIAS DO BAIRRO, CIDADE):		
17 OUTRAS PROFISSÕES/OCUPAÇÕES:		
18 PROFISSÃO: A do pai: B da mãe: C do cônjuge:		
RENDA		
19 TIPO DE RENDA: A () individual B () familiar		
CONTATO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO		
20 ASSISTE TV? A () todos os dias B () às vezes C () nunca	21 PROGRAMAS PREFERIDOS: A () novelas D () noticiários G () outro B () esportes E () programa religioso C () programa de auditório F () filmes	
22 TIPO DE TRANSMISSÃO: A () rede gratuita B () parabólica C () tv por assinatura	23 OUVI RÁDIO? A () todos os dias D () parte do dia G () enquanto trabalha B () às vezes E () o dia inteiro C () nunca F () enquanto viaja	

ANEXO II – FICHA SOCIAL DO INFORMANTE

24 PROGRAMAS PREFERIDOS:				
A () noticiário geral	D () noticiário policial	G () outro		
B () esportes	E () música			
C () programa religioso	F () programa com participação do ouvinte			
25 LÊ JORNAL?				
A () todos os dias	B () às vezes	C () nunca	D () semanalmente	E () raramente
26 NOME DO(S) JORNAL(IS):		27 SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER:		
A () local	A () editorial	D () programa cultural	G () classificados	
B () estadual	B () esportes	E () política	H () outra	
C () nacional	C () variedades	F () página policial		
28 LÊ REVISTA? A () às vezes B () semanalmente C () mensalmente D () raramente E () nunca				
29 NOME/TIPO DE REVISTA: _____				
PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES				
	FREQUENTEMENTE	ÀS VEZES	RARAMENTE	NUNCA
30 CINEMA	A ()	B ()	C ()	D ()
31 TEATRO	A ()	B ()	C ()	D ()
32 SHOWS	A ()	B ()	C ()	D ()
33 MANIFESTAÇÕES FOLCLÓRICAS	A ()	B ()	C ()	D ()
34 FUTEBOL	A ()	B ()	C ()	D ()
35 OUTROS ESPORTES	A ()	B ()	C ()	D ()
36 OUTROS	A ()	B ()	C ()	D ()
37 QUE RELIGIÃO OU CULTO PRATICA?				
PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA				
38 CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE:				
A () tímido	B () vivo	C () perspicaz	D () sarcástico	
39 ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO:				
A () total	B () grande	C () média	D () fraca	
40 POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO:				
A () cooperativa	B () não cooperativa	C () agressiva	D () indiferente	
41 CATEGORIA SOCIAL DO INFORMANTE:				
A () "A"	B () "B"	C () "C"	D () "D"	
42 GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE INFORMANTE E INQUIRIDOR:				
A () grande	B () médio	C () pequeno	D () nenhum	
43 INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES:				
A () sim	B () não			
44 CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO(S) CIRCUNSTANTE(S):				
45 AMBIENTE DO INQUÉRITO:				
46 OBSERVAÇÕES:				
47 NOME DO ENTREVISTADOR:	48 LOCAL DA ENTREVISTA:		49 DATA DA ENTREVISTA:	
	CIDADE:	UF:	50 DURAÇÃO:	